

Lívia Amarante Gallo

História

Profissão e disciplina nos Estados Unidos,
campos em disputa (1884-1914)



No final do século XIX, nos Estados Unidos, ocorreu uma profunda mudança na maneira pela qual a sociedade se relacionava com o passado e produzia conhecimento sobre ele. De conhecimento desenvolvido por amadores, passou a ser disciplina científica autônoma, levada à cabo em instituições universitárias por um corpo de profissionais treinados nestas instituições, que atuava seguindo procedimentos pré-estabelecidos para o desenvolvimento de suas pesquisas. Essas mudanças compreenderam dois processos, o de disciplinarização e o profissionalização da História. O primeiro processo correspondeu ao estabelecimento das bases epistemológicas sobre as quais a História constituiria sua identidade, erguendo suas fronteiras com relação às outras áreas, tornando-se um conhecimento autônomo; ele teve a ver com os procedimentos estabelecidos para a sua prática, o que seria considerado permitido e, principalmente, o que seria proibido em questão de metodologia de pesquisa e maneira de narrar os resultados. Já a profissionalização representou a construção de um aparato institucional que viabilizasse as pesquisas e amparasse os historiadores, como um local de emprego nas universidades, critérios para a formação de profissionais, constituição de associações profissionais e criação de periódicos acadêmicos. Nesta pesquisa, trata-se desses dois processos de maneira separada, partindo da trajetória acadêmica do historiador Frederick Jackson Turner para compreender como a profissionalização ocorreu nos Estados Unidos e depois passado para a análise dos discursos dos presidentes da American Historical Association – fundada em 1884 –, para perceber as discussões que ocorreram em torno da disciplinarização da História naquele país entre 1884 e 1914.



História

**Profissão e disciplina nos Estados Unidos,
campos em disputa (1884-1914)**

Direção Editorial

Lucas Fontella Margoni

Comitê Científico

Prof. Dr. Cesar Augusto Barcellos Guazzelli

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Prof. Dr. Vitor Izecksohn

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Prof.^a Dr.^a Renata Dal Sasso Freitas

Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA)

Prof. Dr. Arthur Lima de Avila

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

História

**Profissão e disciplina nos Estados Unidos,
campos em disputa (1884-1914)**

Lívia Amarante Gallo



Diagramação: Marcelo A. S. Alves

Capa: Carole Kümmecke - <https://www.behance.net/CaroleKummecke>

Imagem de Capa: Emanuel Leutze – Westward the Course o Empire Takes Its Way Central Section) - Capitol

O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.



Todos os livros publicados pela Editora Fi estão sob os direitos da [Creative Commons 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR) https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

GALLO, Livia Amarante

História: profissão e disciplina nos Estados Unidos, campos em disputa (1884-1914) [recurso eletrônico] / Livia Amarante Gallo -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020.

160 p.

ISBN - 978-65-87340-02-9

Disponível em: <http://www.editorafi.org>

1. Historiografia; 2. Disciplinarização; 3. Profissionalização; 4. Frederick Jackson Turner; 5. American Historical Association; I. Título.

CDD: 900

Índices para catálogo sistemático:

1. História 900

Agradecimentos

À CAPES, pelo auxílio financeiro que possibilitou a pesquisa.

Ao Cesar Guazzelli, que me orientou desde o primeiro ano de graduação. Sou grata por toda a ajuda nas pesquisas e por tudo o que me ensinou como professor, mas sou grata principalmente pela amizade, pelos longos debates sobre Harry Potter e por não ter permitido que eu desistisse da História nos idos de 2016.

Ao Arthur Avila, professor por quem tenho profunda admiração. Sou grata pela generosidade e ensinamentos que têm servido de norte para as minhas reflexões.

Aos professores Mara Rodrigues, Renata Dal Sasso e Vitor Izecksohn, que compuseram as bancas de qualificação e defesa da dissertação, contribuindo enormemente para o desenvolvimento da pesquisa.

Aos amigos Gabriel Gonzaga, Jacson Schwengber, Mathias Scherer e Vicente Detoni, que estiveram ao meu lado durante o Mestrado.

Aos meus pais Maria Olenka Amarante e Lívio Gallo, que me mostraram que, por mais difícil que seja o caminho, ele não precisa ser solitário.

Ao Rodrigo Costa, pelo amor e companheirismo, mas principalmente, por me ensinar todos os dias a ser otimista.

Ao meu avô Quinca,
que acreditava no poder do conhecimento.

Sumário

| | |
|-------------------------|-----------|
| Introdução | 13 |
|-------------------------|-----------|

Primeira parte Profissionalização

| | |
|----------------|-----------|
| 1 | 29 |
|----------------|-----------|

Constituição da profissão

| | |
|-----------------------------|----|
| Universidades modernas..... | 29 |
| Bases institucionais..... | 36 |
| Os profissionais..... | 45 |

| | |
|---------------|-----------|
| 2..... | 51 |
|---------------|-----------|

Trajatória profissional de Frederick Jackson Turner

| | |
|------------------------------|----|
| A Frontier thesis..... | 51 |
| Trajatória profissional..... | 56 |

Segunda parte Disciplinarização

| | |
|---------------|-----------|
| 3..... | 82 |
|---------------|-----------|

Cientificização da História

| | |
|---|----|
| Políticas da interpretação histórica..... | 82 |
| Bases epistemológicas..... | 85 |
| Questão da objetividade..... | 91 |
| A Nova História..... | 96 |

| | |
|---------------|------------|
| 4..... | 103 |
|---------------|------------|

Discursos dos presidentes da American Historical Association

| | |
|--|-----|
| Discurso como manifesto..... | 103 |
| Natureza do conhecimento histórico..... | 111 |
| Verdade, objetividade e subjetividade..... | 122 |
| Finalidade da História..... | 133 |

| | |
|-----------------------------------|------------|
| Considerações Finais | 140 |
|-----------------------------------|------------|

A história da história nos Estados Unidos: de 1884 a 1914

| | |
|-------------------------|------------|
| Referências..... | 152 |
|-------------------------|------------|

| | |
|------------------------|-----|
| Fontes utilizadas..... | 157 |
|------------------------|-----|

Introdução

No discurso presidencial proferido em 1910 no encontro anual da American Historical Association (AHA), intitulado “*Social Forces in American History*”, o renomado historiador estadunidense Frederick Jackson Turner pontuou que cada era reescreve a história de acordo com as condições de seu próprio tempo.¹ Turner produziu sua obra entre a última década do século XIX e as três primeiras do século XX, contexto em que o Ocidente passava por grandes mudanças na forma como se relacionava com o seu passado e, conseqüentemente, na forma como produzia conhecimento sobre ele. Desse modo, este historiador escreveu de acordo com seu próprio tempo, uma História² disciplinada, feita de dentro de uma instituição universitária, e seguiu os parâmetros estabelecidos pelo método científico amplamente difundido no momento e com a validação de seus pares.

De conhecimento desenvolvido por amadores, a História passou a ser disciplina científica autônoma, levada a cabo em instituições universitárias por um corpo de profissionais treinados nestas instituições, que atuava seguindo procedimentos pré-estabelecidos para o desenvolvimento de suas pesquisas. Essas mudanças compreenderam os processos de disciplinarização e profissionalização da História,³ que ocorreram em um contexto específico do Ocidente, onde a formação dos Estados-nacionais; a maneira como a sociedade experienciava o tempo e o desenvolvimento industrial e urbano, com suas decorrentes mudanças sociais, provocaram alterações na forma como o conhecimento era concebido e produzido.

¹ TURNER, Frederick Jackson. *Social Forces in American History*. In.: *The American Historical Review*, Vol. 16, No. 2 (Jan., 1911), p. 217-233

² Neste trabalho, “História” aparecerá com a inicial em maiúscula toda vez que se referir à disciplina acadêmica.

³ Os conceitos de disciplinarização e profissionalização serão desenvolvidos adiante.

A disciplinarização da História ocorreu durante a formação dos Estados-nacionais, diante da necessidade de constituição de uma identidade comum entre os habitantes de um mesmo território. A historiografia profissional surgiu em função da ideia de Nação que emergia, cumprindo o importante papel homogeneizador de criar um passado comum aos cidadãos, assim como uma perspectiva de futuro a ser construído em conjunto.⁴

Em “*Regímenes de historicidad y regímenes historiográficos*”, a historiadora Maria Inés Mudrovcic destacou que a historiografia é uma prática social baseada na representação do tempo e é possibilitada pelo regime de historicidade dominante da qual faz parte.⁵ A História se constituiu em disciplina científica em meio ao regime moderno de historicidade, onde o passado é dado como encerrado e o tempo é percebido como caminhando em direção ao progresso inevitável, em decorrência, o futuro é inédito e impossível de ser conhecido através de prognósticos. Essa maneira de perceber o tempo teve implicações sobre como deveria ser o estudo do passado: ele não poderia mais ser tomado como exemplo e modelo para ações futuras, uma vez que passado e presente são tidos como diferentes e possuem entre si uma fronteira bem definida;⁶ o passado deveria também ser distante, e isso permitiria que fosse apreendido de maneira objetiva, o que fez com que o estudo de acontecimentos recentes fosse visto com desconfiança, já que a proximidade dos eventos possibilitaria apenas uma interpretação parcial;⁷ o passado histórico deveria ser inteligível para poder ser conhecido, sendo assim, narrar os acontecimentos, como faziam os cronistas, não seria o bastante, uma vez que seria necessário dotá-los de significado através de investigação histórica.⁸

⁴ MUDROVCIC, Maria Inés. La Nación, el Tiempo Histórico y la Modernidad. Buenos Aires: *Revista de la Facultad de Filosofía, Ciencias de la Educación y Humanidades*, 2012, p.25

⁵ MUDROVCIC, Maria Inés. Regímenes de historicidad y regímenes historiográficos. Zaragoza: *Historiografías*, 5, 2013, p.15

⁶ Idem, *ibidem*, p.17

⁷ Idem, *ibidem*, p.18

⁸ Idem, *ibidem*, p.19

Este regime de historicidade, onde há uma fronteira bem definida entre passado, presente e futuro, foi o que possibilitou duas das características centrais da História disciplinada: a crença na possibilidade de objetividade do conhecimento histórico e a supressão do sublime. A “objetividade” é um conceito complexo e em disputa até hoje entre os historiadores, mas, em linhas gerais, a objetividade em que se acreditava no século XIX dizia respeito à crença em um passado real, passível de ser conhecido através de pesquisas, ou seja, havia uma separação rígida entre o objeto de saber e o pesquisador, o que possibilitava um conhecimento livre da valoração do historiador.⁹

Uma vez que a profissionalização ocorreu a serviço da construção de um passado nacional, não era possível que este fosse constituído por um “espetáculo de crimes”.¹⁰ Neste sentido, o sublime seria transformado em belo para que o passado fosse glorioso, bem como para que merecesse ser comemorado por uma Nação orientada para o futuro. Somente com a domesticação do sublime, com a supressão do horror, ele poderia ser estudado objetivamente por uma disciplina emergente, a serviço da Nação, sendo possível afirmar que o que possibilitou essa domesticação foi justamente a percepção do passado como encerrado.

Como pontuou o historiador Hayden White no ensaio “O Fardo da História”, o prestígio da disciplina no século XIX foi resultado de forças culturais determinadas, “a história, tal como costuma-se percebê-la, é um tipo de acidente histórico, um produto de uma situação histórica específica, e de que, desfeitos os mal-entendidos que deram origem a essa situação, a história talvez perca a sua condição de modo de pensamento autônomo e autolegitimador”.¹¹ Mais de cem anos se passaram desde o início do processo de constituição da História como disciplina acadêmica, e diversos foram os acontecimentos e mudanças que nos separam e diferenciam da sociedade onde a História científica se justificava com certa tranquilidade.

⁹ NOVICK, Peter. *That Noble Dream – The “Objectivity Question” and the American Historical Profession*. Cambridge: University Press, 2005, p.1

¹⁰ MUDROVICIC, Maria Inés. *La Nación, el Tiempo Histórico y la Modernidad...* op. cit, p.33

¹¹ WHITE, Hayden. *O Fardo da História*. In.: *Trópicos do Discurso*. São Paulo, EdUSP, 1994. p.41

Agora encontramos Estados fragmentados, tanto por minorias sociais quanto étnicas, o que coloca em xeque a ideia de uma nação culturalmente homogênea e faz com que a História perca a função política que a legitimava.¹² Além disso, os horrores do século XX, como a Segunda Guerra Mundial, o Holocausto e as ditaduras na América, colocaram em questão a ideia de progresso e acabaram por dissolver as fronteiras temporais, já que o passado “*parezca haber perdido su cualidad de pasado y, entrecruzándose con el presente, se transforme en memoria*”.¹³ É importante lembrar que um dos pilares que constituiu a História como disciplina foi o da separação rígida entre passado, presente e futuro, com a domesticação do sublime e a sua transformação em belo para que pudesse ser estudado “objetivamente”, assim como ser objeto de orgulho para a Nação em formação. Com os horrores do século XX, o sublime não é mais domesticável e o passado deixa de ser glorioso, tornando-se um “passado que não passa”, tendo como sintoma o *boom* memorialístico iniciado na década de 1980.¹⁴ Isso leva a uma incapacidade da História de representar esses eventos. Ao excluir o sublime das narrativas científicas através da utilização de um vocabulário “cientificizado”, próprio do discurso que se pretende objetivo, não consegue dar a real dimensão de um aspecto da realidade passada, que é o do terrível, o que faz com que a História não seja útil para a elaboração desses passados que não se encerram e tomam conta do presente.

Mesmo após esses acontecimentos que nos afastaram daquele contexto de finais do século XIX e início do século XX, a nossa prática historiográfica não passou por mudanças substanciais, sendo a maneira como produzimos conhecimento sobre o passado muito semelhante a dos primeiros historiadores disciplinados. Desta forma, há muitos anos se fala em uma crise do conhecimento histórico, onde se constata um abismo entre a História disciplinada, a qual está assentada no supostamente universal conceito moderno de história e as demandas por narrativas

¹² MUDROVICIC, María Inés. *La Nación, el Tiempo Histórico y la Modernidad...* op. cit. p.31

¹³ Idem, *ibidem*, p.31

¹⁴ Idem, *ibidem*, p.31

históricas vindas de uma sociedade formada por sujeitos cada vez mais plurais.

O objetivo da pesquisa apresentada ao longo das páginas deste livro não foi o de ensaiar reflexões sobre as causas desta crise, nem propor soluções para a situação, mas sim, fazer uma modesta contribuição para uma questão que é anterior e que acredito ser fundamental aos que se debruçam em busca dessas respostas, que é a de diferenciar e definir dois processos pelos quais a História como conhecimento acadêmico passou: o de profissionalização e o de disciplinarização.

Nas últimas décadas, a questão da crise da História tem gerado disputas entre os defensores de uma ortodoxia disciplinar e os historiadores menos ortodoxos que questionam a natureza científica da História e/ou propõem mudanças nos procedimentos de pesquisa e nas formas de narrar os resultados, em busca de uma adaptação da historiografia às demandas de um tempo tão diverso ao de seu surgimento, fazendo com que este conhecimento volte a ser relevante a uma sociedade que demanda história, mas que não a tem encontrado nas narrativas disciplinadas. Como demonstrou Arthur Lima de Avila, em “O que significa indisciplinar a história?”, é comum entre o primeiro grupo “[...] uma postura defensiva diante do que [é] compreendido, para vários e várias, como uma espécie de ‘ataque’ injustificável a uma tradição disciplinar que [deve] ser preservada a todo custo”.¹⁵

Compreendo que esta postura de defesa parta de uma percepção de que o questionamento da cientificidade da História colocaria em xeque o lugar institucional que hoje a disciplina ocupa, representando uma ameaça à história como profissão, uma vez que perderia sua posição de igualdade perante as outras ciências. Foi a partir disso que nasceu a pesquisa presente neste livro, fruto de minha dissertação de Mestrado onde percebi como necessário demonstrar que disciplina e profissão não são sinônimos.

Acredito que essa diferenciação seja essencial para os debates sobre a crise da História disciplinada, uma vez que o seu lugar institucional encontra-

¹⁵ AVILA, Arthur Lima de. O que significa indisciplinar a história? In.: *A História (in)Disciplinada*. (Org. AVILA, Arthur Lima de; NICOLAZZI, Fernando & TURIN, Rodrigo). Vitória, Editora Milfontes, 2019. p.21

se de fato ameaçado em nossa sociedade ocidental pautada por valores neoliberais, onde os conhecimentos devem ter aplicações práticas.¹⁶ Justificar a existência da História nas academias pela sua cientificidade (como se isso fosse uma garantia autoevidente de legitimidade), em tempos em que as ciências como um todo têm sua autoridade questionada, é um posicionamento bastante arriscado. Desta forma, acredito que a luta em defesa de nosso lugar institucional deva passar, necessariamente, pelo abandono do medo de repensar as bases sobre as quais a disciplina foi erigida, em busca de maneiras de responder às demandas sociais por história.

Com o objetivo de diferenciar “profissionalização” e “disciplinarização”, escolhi como tema de pesquisa o processo de transformação da história em conhecimento acadêmico nos Estados Unidos entre 1884 e 1914, período que é comumente tomado como momento de constituição dos pilares institucionais e disciplinares da História naquele país.¹⁷ Até então, tem sido comum que esses dois processos sejam tratados como sinônimos na historiografia, isso porque, via de regra, ocorreram concomitantemente.¹⁸ A utilização destas palavras para denominar as mudanças pelas quais o conhecimento histórico passou a partir de meados do século XIX, além de trazer a ideia de que são sinônimos, dificulta a percepção das singularidades de cada uma.

“Profissionalização” diz respeito à maneira como uma área de conhecimento se torna um campo profissional. Para o historiador Robert Townsend, a profissionalização da História nos Estados Unidos se deu a

¹⁶ Na apresentação do livro “A História (in)Disciplinada”, Avila, Nicolazzi e Turin abordaram a ameaça institucional pela qual passa a História, demonstrando que, no Japão, em 2015, houve uma defesa do cancelamento de cursos de ciências sociais e humanas nas universidades por parte do ministro da educação. No Chile, houve o fim da obrigatoriedade do ensino de história no ensino básico, o mesmo ocorreu no Brasil, onde, com a reforma do ensino médio de 2016, as escolas não serão mais obrigadas a ofertar a disciplina. Os autores chamam a atenção aos desdobramentos dessas decisões que, possivelmente, afetarão a oferta de emprego a professores de história e, conseqüentemente, a procura por formação na área. Idem, *ibidem*, p.8-12

¹⁷ BOGUE, Allan G. *Frederick Jackson Turner*. Norman: University of Oklahoma Press, 1998, p.145

¹⁸ Isso ocorre, por exemplo, em “*History – Professional Scholarship in America*”, de John Higham, “*That Noble Dream: The ‘Objectivity Question’ and the American Historical Profession*”, de Peter Novick e “*History’s Babel: Scholarship, Professionalization, and the Historical Enterprise in the United States, 1880–1940*”, de Robert Townsend, principais trabalhos que tratam da transformação da história em disciplina acadêmica nos Estados Unidos, onde disciplina e profissão não são diferenciadas.

partir do desenvolvimento de quatro elementos que constituiriam uma identidade profissional: a conquista de um lugar de emprego nas academias para os historiadores; uma ideologia centrada na crença da História como conhecimento científico; a criação de um sistema de formação e certificação de historiadores através do desenvolvimento de programas de pós-graduação e a criação de periódicos e editoras.¹⁹ Neste sentido, a profissionalização diz respeito à criação de uma comunidade de profissionais a partir do desenvolvimento de um aparato institucional que garanta a sua formação e critérios, tanto para o desenvolvimento das pesquisas quanto para a sua validação pelos pares. Já “disciplinarização” possui relação com as bases epistemológicas sobre as quais uma área do conhecimento se separa de um campo maior e constitui sua identidade, erguendo suas fronteiras com relação a outras áreas, tornando-se uma disciplina autônoma; tem a ver com os procedimentos estabelecidos para a sua prática, o que é considerado permitido e, principalmente, o que é proibido em questão de metodologia de pesquisa e maneira de narrar os resultados.²⁰

Para alcançar o objetivo de diferenciação acima exposto, a pesquisa foi dividida em dois momentos: no primeiro, tratei do processo de profissionalização nos Estados Unidos, lançando mão da trajetória acadêmica do historiador Frederick Jackson Turner, a fim de demonstrar os caminhos pelos quais as estruturas para a profissão foram erigidas; no segundo, ao utilizar os discursos dos presidentes da American Historical Association (associação histórica dos EUA) entre os anos de 1884 e 1914, busquei perceber como os diferentes sujeitos envolvidos na construção dos pilares indenitários da disciplina acreditaram como esta deveria ser.

Nos Estados Unidos, Frederick Jackson Turner é reconhecido entre os historiadores devido à importância que sua teoria teve para a historiografia

¹⁹ Idem, *ibidem*, p.14

²⁰ WHITE, Hayden. La Política de la Interpretación Histórica. In: *El Contenido de la Forma: Narrativa, discurso y representación histórica*. Barcelona, Editorial Paidós, 1992

americana. Para Turner, a chave para a compreensão do desenvolvimento de seu país e de suas instituições não estava no Leste, como até então a historiografia profissional vinha pontuando, mas sim no Oeste. Seria na fronteira, espaço onde o mundo selvagem e a civilização se encontram, o espaço de americanização de homens e mulheres vindos do Leste.²¹ Além da americanização dos fronteiriços, a fronteira também seria responsável pelo surgimento da principal instituição estadunidense, a democracia. Essa teoria, intitulada *frontier thesis*, foi apresentada pela primeira vez ao público acadêmico em 1893, em um encontro da American Historical Association ocorrido em Chicago, através de um ensaio intitulado “*The Significance of the Frontier in American History*”, mas só seria largamente aceita no final da mesma década. Ela representou uma nova perspectiva para se pensar a história do país, uma vez que, até então, a historiografia profissional americana havia pensado a formação dos Estados Unidos e das suas instituições como desenvolvimento de raízes europeias no Novo Mundo, a *germ-theory*. Ao adotar a metáfora da sociedade como um organismo adaptável, essa teoria partia da concepção de que as instituições não surgem através de geração espontânea, mas sim, que possuem raízes mais antigas.²²

Em poucos anos a *frontier thesis* se consolidou como a perspectiva correta para o entendimento do desenvolvimento histórico americano dentro das academias, o que fez com que dezenas de historiadores adotassem essa perspectiva teórica em suas pesquisas. Desse modo, disseminaram-na, inclusive, entre o público amador, em grande parte através de livros didáticos, que progressivamente também foram adotando esta narrativa. Mas, nesta pesquisa, a importância da obra de Turner, no que se refere às suas contribuições na disputa pela definição das fronteiras disciplinares, ficará em segundo plano, o que nos interessará será a trajetória acadêmica do historiador, uma vez que ela possibilita um olhar privilegiado sobre a profissionalização da História nos Estados Unidos.

²¹ TURNER, Frederick Jackson. O Significado da Fronteira na História Americana. In: KNAUSS, Paulo. *Oeste Americano*. Niterói: EdUFF, 2004, p.24

²² Coleman, William. Science and Symbol in the Turner Frontier Hypothesis. *The American Historical Review*, Vol. 72, No. 1 (Oct., 1966), p.25

Turner atuou entre 1884-1914, considerado por Allan Bogue como o período de moldagem do ensino superior, onde os antigos currículos das universidades clássicas foram sendo substituídos com o processo de disciplinarização e subdivisão dentro das ciências sociais. Além disso, as graduações e escolas profissionais ganharam forma e status dentro dessas universidades, o que acarretou em uma expansão dessas instituições e de seu corpo docente e discente, com a adoção de novas práticas e ideias.²³ Turner foi um personagem importante desse processo: no contexto de moldagem da disciplina a partir de um método científico foi desenvolvida uma estrutura institucional para alcançar esses objetivos, como a criação de associações e de periódicos. Turner seria um dos que tomaria a frente de algumas dessas instituições, atuou, por exemplo, na American Historical Association (AHA) e na American Historical Review (AHR), e contribuiu para imprimir seus valores na emergente comunidade acadêmica;²⁴ também orientou diversos jovens historiadores e auxiliou, por meio de cartas de recomendação, a posicioná-los como professores em universidades ao longo de todo o território americano. Isso possibilitou que desenvolvessem pesquisas relacionadas ao Oeste e criou, assim, o campo da *western history*; teve importância fundamental na conquista de espaço para a História na University of Wisconsin, instituição onde formou-se e em que atuou durante grande parte da sua vida. Além disso ao receber ofertas de emprego em outras instituições, utilizou-as para negociar, tanto sua permanência na University of Wisconsin, quanto para buscar mais investimentos em sua área.²⁵ Outro aspecto interessante da trajetória de Turner foi a maneira, como historiador, com que estabeleceu a *frontier thesis* entre seus pares. Quando apresentada pela primeira vez no encontro da AHA, não recebeu muita atenção de seus colegas. Foi necessário que o historiador enviasse cópias do texto e, em grande parte, utilizasse a relação que tinha com os pares, para que a teoria pudesse se

²³ BOGUE, Allan G. *Frederick Jackson Turner*. op. cit., p.145

²⁴ Idem, *ibidem*, p.147

²⁵ Idem, *ibidem*, p.160

estabelecer no ambiente acadêmico. Além disso, as orientações que fez e o espaço que tinha na AHA também foram importantes para a disseminação de sua teoria. A questão aqui não é questionar a qualidade ou a validade da *frontier thesis* de Turner, mas sim, através da análise de suas cartas, perceber os caminhos pelos quais passou para tornar sua teoria a narrativa oficial do desenvolvimento dos Estados Unidos, onde elementos como o carisma, a boa relação que tinha com os pares e o contingente de orientandos que teve, foram essenciais para o seu sucesso.²⁶

O recorte temporal escolhido para a pesquisa vai de 1884 a 1914, da fundação da AHA até o início da Primeira Guerra Mundial, período que, como mencionado anteriormente, vem sendo considerado como o de constituição profissional e disciplinar da História nos Estados Unidos, onde a disciplina se consolidou como científica no país. As fontes que serão utilizadas para percebermos como se deu o processo de disciplinarização serão os discursos dos presidentes da AHA entre esses anos.

Nestes discursos, proferidos durante o encontro anual da associação que costumava ocorrer em dezembro de cada ano, o presidente geralmente apresentava um texto relacionado a sua área de atuação, no qual ficavam evidentes suas concepções sobre o conhecimento histórico. Durante suas primeiras décadas, a associação foi constituída e presidida por profissionais de diversas áreas: historiadores profissionais; amadores; professores do ensino básico; bibliotecários; biógrafos; bibliógrafos; além de políticos; advogados; diplomatas; etc., isso porque a associação foi criada para unir esses diferentes profissionais interessados “[...] no avanço da história no país”.²⁷ Um exemplo disso é o discurso do bibliotecário William F. Poole, um dos primeiros presidentes da AHA, em que discorreu sobre a importância do Estado assumir a responsabilidade por documentos primários e sua gestão, através da criação de um Departamento de

²⁶ Idem, *ibidem*.

²⁷ “[...] no avanço da história no país”, Townsend, Robert B. *History's Babel...* op.cit. p.23. Todas as citações em Inglês, tanto de bibliografia quanto de fontes, foram traduzidas por mim para tornar a pesquisa acessível aos interessados que não leem no idioma.

Arquivos, uma vez que grande parte dos documentos não eram públicos, o que dificultava as pesquisas históricas.²⁸

Dentro do recorte temporal selecionado para esta pesquisa, duas correntes teóricas predominaram entre os historiadores profissionais: a História Científica e a Nova História. Nos primeiros anos de constituição da disciplina, os historiadores ligaram sua reivindicação ao status científico ao esforço de Charles Darwin para rastrear mudanças ao longo do tempo, numa tentativa de aplicar o método científico ao estudo da história e, assim, pegaram de empréstimo o aparato teórico-conceitual do darwinismo para explicar a evolução da sociedade americana.²⁹ Mas, mesmo nas primeiras décadas, onde a História Científica tinha uma força imensa entre os historiadores, a concepção da História como sendo uma ciência não era unanimidade. Exemplo disso foi o discurso do presidente Henry Adams, de 1894, “*The Tendency of History*”, em que afirmou que, mesmo após anos de tentativas de constituir a disciplina em ciência através do modelo do darwinismo, isso não ocorreu pela dificuldade dos pesquisadores em fazer generalizações.³⁰

A Nova História surgiu em resposta a uma série de críticas que a História Científica vinha recebendo. A principal delas dizia respeito ao afastamento que o conhecimento histórico teve dos interesses da sociedade, por ter assumido um rigor científico que tirava a qualidade literária da narrativa. Outra crítica veio dos cientistas sociais, que questionavam seu caráter científico por conta da dificuldade dos historiadores em estabelecer regularidades e leis gerais ao se apegarem às singularidades dos fatos.³¹ Dentre as saídas propostas por alguns historiadores que se identificavam com esse movimento estavam: a subordinação do passado ao presente em função de um uso prático da História para as necessidades da sociedade; a proposta de um aumento em seu escopo, englobando os mais

²⁸ POOLE, William F. *The Early Northwest*. 1888.

²⁹ Townsend, Robert B. *History's Babel...* op.cit. p.17

³⁰ ADAMS, Henry. *The Tendency of History*. 1984

³¹ MOURA, Gerson. *História de uma História*. São Paulo, Edusp, 1995, p.20

variados aspectos da atividade humana; uma aproximação entre a História e suas ciências irmãs e mudanças na escrita para que os textos se tornassem mais atraentes ao público leigo.³² Entre esses historiadores, os mais famosos foram Turner e Charles Beard, ambos presidentes da AHA em 1910 e 1933, respectivamente, mas Beard presidiu a associação em um momento de sua carreira em que estava mais próximo do grupo que ficaria conhecido como “relativista”.

Essas duas correntes teóricas marcaram períodos específicos das primeiras gerações da História como disciplina, contudo não é demais ressaltar que constituíram tendências, mas que não foram largamente aceitas ou adotadas, uma vez que a História disciplinada, desde os seus primeiros dias de vida, constituiu um campo em disputa.

As fontes utilizadas na pesquisa são os discursos proferidos pelos presidentes da American Historical Association entre os anos de 1884 e 1914, período de construção e consolidação da identidade da História disciplinada nos Estados Unidos. Para responder às questões da pesquisa, as fontes são analisadas sob a luz de bibliografia específica, em busca das seguintes questões: a concepção sobre a natureza da História; a questão da presença do historiador nas pesquisas; a ideia de “verdade” dentro do conhecimento histórico; as disputas de teorias e metodologias de pesquisas; como narrar o passado e qual a finalidade do conhecimento histórico.

As seguintes fontes serão utilizadas:

- ✓ 1884 - Andrew Dickson White, *On Studies in General History and the History of Civilization*
- ✓ 1885 - Andrew Dickson White, *The Influence of American Ideas upon the French Revolution*
- ✓ 1886 - George Bancroft, *On Self Government*
- ✓ 1887- Justin Winsor, *Manuscript Sources of American History: The Conspicuous Collections Extant*

³² HIGHAM, John. *History*. Baltimore, The Johns Hopkins University Press, 1983, p.111-113

- ✓ 1888 - William F. Poole, *The Early Northwest*
- ✓ 1889 - Charles K. Adams, *Recent Historical Work in the Colleges and Universities of Europe and America*
- ✓ 1890 - John Jay, *The Demand for Education in American History*
- ✓ 1891 - William Wirt Henry, *The Causes which Produced the Virginia of the Revolutionary Period*
- ✓ 1893 - James Burrill Angell, *The Inadequate Recognition of Diplomats by Historians*
- ✓ 1894 - Henry Adams, *The Tendency of History*
- ✓ 1895 - George Frisbie Hoar, *Popular Discontent with Representative Government*
- ✓ 1896 - Richard Salter Storrs, *Contributions Made to our National Development by Plain Men*
- ✓ 1897 - James Schouler, *A New Federal Convention*
- ✓ 1898 - George Park Fisher, *The Function of the Historian as Judge of Historic Persons*
- ✓ 1899 - James Ford Rhodes, *History*
- ✓ 1900 - Edward Eggleston, *The New History*
- ✓ 1901 - Charles F. Adams, *An Undeveloped Function*
- ✓ 1902 - Alfred Thayer Mahan, *Subordination in Historical Treatment*
- ✓ 1903 - Henry Charles Lea, *Ethical Values in History*
- ✓ 1904 - Goldwin Smith, *The Treatment of History*
- ✓ 1905 - John Bach McMaster, *Old Standards of Public Morals*
- ✓ 1906 - Simeon E. Baldwin, *Religion Still the Key to History*
- ✓ 1907 - J. Franklin Jameson, *The American Acta Sanctorum*
- ✓ 1908 - George Burton Adams, *History and the Philosophy of History*
- ✓ 1909 - Albert Bushnell Hart, *Imagination in History*
- ✓ 1910 - Frederick J. Turner, *Social Forces in American History*
- ✓ 1911 - William M. Sloane, *The Substance and Vision of History*
- ✓ 1912 - Theodore Roosevelt, *History as Literature*
- ✓ 1913 - William A. Dunning, *Truth in History*
- ✓ 1914 - Andrew C. McLaughlin, *American History and American Democracy*

O livro está dividido em duas partes, cada uma contém dois capítulos. A primeira parte é dedicada à profissionalização e a segunda à disciplina- rização nos Estados Unidos.

Na primeira parte, o primeiro capítulo descreverá o contexto de surgimento das universidades modernas nos Estados Unidos, onde diversas disciplinas autônomas surgiram, separando-se de áreas do conhecimento mais amplas, como foi o caso da História. Buscaremos demonstrar que um aparato institucional foi criado para amparar as pesquisas científicas, em que os pesquisadores viveriam de suas investigações deixando, aos poucos, de serem amadores, tendo acesso aos materiais necessários para o seu trabalho, que passaria pela validação de outros profissionais. No segundo capítulo, a trajetória institucional de Frederick Jackson Turner será utilizada para evidenciar os caminhos pelos quais essa profissionalização ocorreu, onde questões nem tão “científicas”, como relações pessoais, carisma e influência foram essenciais nas transformações pelas quais a História passou.

Na segunda parte, o terceiro capítulo buscará demonstrar como as mudanças no modelo de racionalidade iniciados no século XVI chegaram à História no século XIX e alteraram a maneira como a sociedade se relacionava com o seu passado. Desse modo, houve uma domesticação da imaginação histórica para atender aos interesses de forças políticas conservadoras. Ficará evidente uma tentativa de estabelecer o que é permitido e o que não é na escrita sobre o passado. O quarto capítulo será dedicado à análise das fontes, onde perceberemos que, por mais totalitária que essa disciplina se propusesse, desde o princípio foi um campo em disputa, permeado de divergências.

Primeira parte

Profissionalização

A cientificização da História nos Estados Unidos compreendeu dois processos distintos, o de constituição desta área de conhecimento em campo profissional e o de definição das suas fronteiras disciplinares. Estes processos ocorreram concomitantemente, mas concebo o primeiro como subordinado ao segundo, uma vez que a constituição de uma profissão dentro de uma instituição acadêmica e a criação de um aparato institucional vêm para atender às demandas estruturais para a realização das pesquisas. Neste sentido, a constituição do campo profissional caminhou juntou à disciplinarização, tanto na História como em outras áreas, uma vez que é esse aparato institucional que regula a historiografia.

“Profissionalização” diz respeito à maneira como uma área de conhecimento se torna um campo profissional e, naquele país, esse processo se deu a partir de quatro elementos pontuados por Robert Townsend: a conquista de espaço nas academias pelos historiadores; a criação de um sistema para a formação desses profissionais; a crença na cientificidade da História e a criação de um aparato que garantisse a disseminação do conhecimento produzido pelos pesquisadores.¹ Neste sentido, corresponde à criação de uma comunidade de profissionais a partir do desenvolvimento de um aparato institucional que garantisse sua formação, assim como critérios, tanto para o desenvolvimento das pesquisas quanto para a sua validação pelos pares. A constituição da História em campo profissional possibilitou o surgimento da figura do historiador remunerado pelo seu trabalho, o que fez com que as pesquisas em história deixassem de ser

¹ Townsend, Robert B. *History's Babel...* op. cit. p.14

levadas a cabo exclusivamente por amadores provindos da aristocracia americana.

Neste capítulo, trataremos do processo em que, no contexto de surgimento das universidades modernas – momento em que essas instituições tornaram-se centros de pesquisa em uma conjuntura de rápido desenvolvimento do capitalismo no país – diversas áreas do conhecimento transformaram-se em disciplinas autônomas, exigindo um aparato institucional adequado para o desenvolvimento das pesquisas, garantindo assim, a sua supervisão pelos pares.

Constituição da profissão

Universidades modernas

Com a profissionalização da História, o ofício do historiador deixou de ser uma atividade isolada para ser de construção coletiva. O historiador John Higham afirma que, trabalhando juntos, “os profissionais reuniram seus conhecimentos e colaboraram com mais ou menos sucesso na montagem de materiais, facilitando pesquisas, organizando projetos coletivos, disseminando ideias, criticando resultados e multiplicando o número de historiadores”.¹ Nesse sentido, a profissionalização representou um aumento na produção sobre o passado, o que acarretou não apenas no fim do isolamento do pesquisador no que se refere ao desenvolvimento da pesquisa, mas principalmente, ocasionou uma mudança em seu significado: uma pesquisa deixava de ter fim em si mesma e passava a representar uma contribuição para algo maior, para o entendimento dos caminhos do desenvolvimento histórico. Desta maneira, a História não seria mais constituída por grandes obras literárias, mas por pequenas contribuições para a construção do conhecimento histórico, acarretando na consequente mudança do público alvo dessas narrativas, que não seria mais o amador, em busca de literatura de qualidade, mas sim, os seus próprios pares.²

A profissionalização da História nos Estados Unidos se deu muito a partir do que ocorria na Europa, de onde as bases epistemológicas e institucionais

¹ HIGHAM, John. *History...* op. cit. p.6

² Idem, *ibidem*, p.6-7

foram em grande parte importadas em um contexto de surgimento do modelo de universidade moderna, que também seria aplicado nos Estados Unidos.

No Ocidente, a institucionalização da História foi resultado da reorganização da educação que começou na Europa após a Revolução Francesa e Guerras Napoleônicas, a partir da crescente influência da sociedade resultante da racionalização da atividade econômica na era industrial, “O currículo da universidade na era pré-industrial havia sido necessariamente escasso, uma vez que os recursos financeiros da comunidade poderiam apoiar o treinamento avançado em não mais do que algumas disciplinas: direito, medicina, teologia, filosofia e matemática.”³ Neste contexto, a história era ensinada nas instituições universitárias apenas como auxiliar de outras disciplinas, “[...] como história jurídica na faculdade de direito, como história eclesiástica na faculdade de teologia, ou como história universal na faculdade de filosofia”.⁴ O aumento da riqueza ao longo do século XIX, em decorrência do desenvolvimento industrial, tornou possível a aplicação de um novo currículo nas universidades, incluindo disciplinas que vinham se desenvolvendo fora das salas de aula, como: Ciências Naturais; Ciências Sociais; Línguas Modernas e História, fazendo da universidade um centro de aprendizagem onde todos os principais campos de conhecimento foram inseridos.⁵ Junto à afirmação dessas áreas do conhecimento como disciplinas autônomas nas universidades, houve uma crescente inserção de profissionais nas instituições de ensino superior, treinados nos nascentes programas de pós-graduação, onde o pré-requisito para a obtenção de títulos era a realização de pesquisas originais que representassem contribuições à construção do conhecimento. Associações foram fundadas para defender os interesses das disciplinas e de seus profissionais, bem como periódicos foram criados para garantir que os frutos dos trabalhos dos pesquisadores fossem publicados, o que possibilitou que as pesquisas fossem acessadas e criticadas pelos pares.

³ Hamerow, Theodore S. The Professionalization of Historical Learning. *Reviews in American History*, Vol. 14, No. 3 (Sep., 1986), p.319

⁴ Idem, *ibidem*, p.319

⁵ Idem, *ibidem*, p.320

A profissionalização da História se deu em meio a inúmeras outras profissionalizações que ocorriam em diversas áreas de conhecimento, as quais também tornavam-se disciplinas autônomas no contexto do estabelecimento das universidades modernas nos Estados Unidos. Desse modo, seguia um movimento mais amplo de afirmação de autoridade na vida intelectual, sendo um padrão a constituição de associações que definissem modelos e objetivos a serem seguidos de maneira conjunta.⁶

Walter P. Metzger afirma que, entre os anos de 1865 e 1890, houve uma revolução no ensino superior americano, que consolidou ideias que já vinham sendo discutidas em periódicos desde antes da Guerra de Secessão. Novas universidades foram construídas, como Cornell (1865), Johns Hopkins (1876), Clark (1887), Chicago (1890) e Stanford (1891), e novos prédios foram adicionadas às instituições antigas, como Harvard, Wisconsin, Michigan, Princeton, Columbia, Yale, entre outros, a fim de acompanhar a expansão de cursos e programas de pós-graduação que vinha ocorrendo.⁷

A universidade moderna foi fundada sobre os escombros do antigo sistema de faculdades religiosas, constituídas pelo fervor protestante; aliavam cristianismo a estudos humanísticos contra o racionalismo relativista do Iluminismo, esforçando-se para dotar a sociedade com verdades e valores religiosos.⁸ No caso americano, até meados do século XIX, as faculdades estavam preocupadas com questões morais, com a disseminação de uma disciplina mental, comportamental e religiosa, sendo a inovação intelectual percebida como uma ameaça à moral protestante.⁹

Essas instituições eram centradas na tradição, “olhavam para a antiguidade em busca das ferramentas do pensamento; no cristianismo pelos estatutos da vida; forneceram mobiliário e disciplina para a mente, mas restringiram a aventura intelectual”;¹⁰ estudantes faziam cursos estabelecidos e

⁶ HIGHAM, John. *History...* op. cit. p.8

⁷ HOFSTADTER & METZGER. *The Development of Academic Freedom in the United States...* op. cit. p.27

⁸ Idem, *ibidem*, p.277

⁹ NOVICK, Peter. *That Noble Dream...* op. cit. p.22

¹⁰HOFSTADTER & METZGER. *The Development of Academic Freedom in the United States...* op. cit. p.278

recitavam lições ensinadas pelos professores, sem a pretensão de inovação intelectual. Sob o domínio religioso, os membros dessas instituições – tanto professores quanto alunos – tinham sua liberdade limitada, sendo impedidos de discutir questões políticas pungentes ou ferir dogmas religiosos.

Metzger, ao tratar da revolução pela qual o ensino superior passou, faz uma analogia com as revoluções políticas, desse modo, entende que existam certos traços em comum: elas são geradas por uma série de eventos que inflamam um segmento da população e revelam a injustiça de governantes; são inspiradas por uma ideologia de ressentimento contra uma autoridade e invocam o nome de liberdades humanas vitais, embora muitas vezes adormecidas. A revolução acadêmica possuiu traços análogos, já que foi impulsionada por um descontentamento com o domínio religioso sobre o ensino superior e com a ausência de liberdade acadêmica em um contexto de disseminação das ciências no Ocidente, em especial da teoria darwinista: “As demissões e assédios a professores da evolução foram os eventos inflamatórios. O ataque da autoridade religiosa a ciência e a educação era a ideologia do ressentimento. A liberdade de investigação acadêmica, para a qual uma nova lógica foi desenvolvida, foi a liberdade que foi invocada.”¹¹ Sendo assim, essa revolução veio para estremecer os pilares que sustentavam o antigo sistema educacional.

A mudança no modelo universitário iniciou em meados no século XIX quando, por ser economicamente viável, muitos jovens americanos cruzaram o oceano para estudar em instituições europeias, de onde importaram o modelo em que seriam baseadas as modernas instituições de ensino superior:

Na Alemanha, eles encontraram os modelos que inspirariam uma revolução no ensino superior americano: a criação de novas universidades, como Johns Hopkins, Clark e Chicago; a transformação das mais antigas, como Columbia, Harvard, Michigan e Wisconsin. Uma universidade "adequada" era uma comunidade de

¹¹Idem, *ibidem*, p.320

investigadores, preocupados em prosseguir com suas pesquisas enquanto treinavam a próxima geração de Gelehrten; o rigor acadêmico, em vez da ortodoxia religiosa ou filosófica, era o critério de excelência acadêmica.¹²

Mais de nove mil americanos foram para a Alemanha após iniciados os processos de secularização e especialização das faculdades nos Estados Unidos, a partir de meados do século XIX, uma vez que as antigas instituições religiosas não tinham muito entusiasmo pelo modelo de faculdade germânica: “A teologia alemã era muito cética, a filologia alemã era muito especializada, a ciência alemã era muito pesada”.¹³ Foi de lá que trouxeram a concepção que transformaria profundamente a estrutura do ensino superior americano: a da universidade como centro de pesquisa e não como perpetuadora de antigas tradições. Até então, grande parte das investigações eram levadas a cabo fora dessas instituições, a partir de bibliotecas privadas e com técnicas aprendidas de maneira autônoma por pesquisadores autodidatas.¹⁴

O surgimento da universidade moderna encontrou base em uma sociedade em plena transformação industrial, acompanhada pelo crescimento urbano, pelo desenvolvimento do comércio agrícola e pelo empreendimento corporativo. Dinâmica e em expansão, “a sociedade mecanizada precisava de habilidade técnica para administrá-la, conhecimento científico para aprimorá-la, experiência gerencial para organizá-la, competência de engenharia para oferecer vantagens de custo”.¹⁵ Além das possibilidades do contexto, a adoção da pesquisa como função acadêmica tornou-se plausível por conta do advento das condições necessárias de investigação, como: o acúmulo de conhecimento empírico; o refinamento nas técnicas de investigação; a superação da resistência acadêmica e uma maior familiaridade com o modelo de universidades alemãs, que ao longo daquele século haviam se transformado em instituições de pesquisas por excelência:

¹² NOVICK, Peter. *That Noble Dream...* op. cit. p.22

¹³ HOFSTADTER & METZGER. *The Development of Academic Freedom in the United States...* op. cit. p.368

¹⁴ Idem, *ibidem*, p.369

¹⁵ Idem, *ibidem*, p.380

A universidade alemã se empenhou em ensinar, assim como a manter seus cientistas e acadêmicos. A palestra, onde os resultados das novas pesquisas eram apresentados, substituiu a antiga *praelectio* medieval, a exposição dos textos canônicos. O seminário, que antes havia sido o meio de treinamento dos acólitos na arte da disputa, tornou-se, aliado ao laboratório, uma oficina de prática científica. Trabalhando na vinha do conhecimento, lado a lado com seu mestre, o estudante aprendia os métodos de sua disciplina e realizava suas próprias investigações.¹⁶

Antes de 1850, os americanos que foram para a Alemanha voltaram mais impressionados com o avanço e com a especialização do ensino naquele país do que com o seu comprometimento com a pesquisa acadêmica. Mas foi somente na segunda metade do século que o ideal da pesquisa acadêmica começou a ser seguido nos Estados Unidos, onde o livro “*University Education*”, de Henry P. Tappan, apareceu como uma das primeiras tentativas de definir a universidade como sendo, entre outras coisas, o lugar para se levar adiante investigações científicas.¹⁷ A Johns Hopkins University foi a primeira instituição a ser criada a partir do modelo germânico. O primeiro reitor da universidade, Daniel Coit Gilman, afirmou, ao assumir suas responsabilidades, que o objetivo da universidade seria “o encorajamento das pesquisas; o desenvolvimento dos jovens; e o progresso dos acadêmicos, que, através da excelência, farão progredir as ciências que buscam e a sociedade que habitam”,¹⁸ desse modo, deixou evidente que a base sobre a qual a nova instituição se sustentaria seria a da pesquisa científica. Quase todos os professores da universidade haviam estudado na Alemanha, o que fez com que ela ficasse conhecida como “Göttingen de Baltimore” por adotar um modelo parecido de palestras, seminários e laboratórios. Inspiradas na JHU, outras universidades foram criadas até o final do século XIX, mas não houve um padrão no estabelecimento dessas instituições de ensino superior nos Estados Unidos, já que possuíam naturezas diferentes: públicas e privadas, locais e nacionais, leigas e

¹⁶ Idem, *ibidem*, p.373

¹⁷ Idem, *ibidem*, p.376

¹⁸ GILMAN apud HOFSTADTER & METZGER. *The Development...* op. cit. p.377

profissionais. Os americanos não construíam suas universidades com a consistência lógica dos alemães; essas instituições eram diferentes entre si em: tamanho, qualidade, independência, e diversas em seu caráter e propósitos.

No que se refere à História, David Tassel afirma que as raízes que levaram à profissionalização remontam à Guerra Civil, pois o seu término e o posterior período de Reconstrução do Sul representaram a consolidação do Estado-nacional, único solo onde uma historiografia nacional, levada a cabo por historiadores nacionais, poderia florescer, e cita Franklin Jameson, membro da primeira geração de historiadores profissionais dos EUA, ativo na construção da AHA: “Foi algo natural’, recordou Jameson, ‘que a grande guerra pela nacionalidade fosse seguida, dentro de vinte anos, por uma grande explosão de atividade histórica’”.¹⁹ Mas foi a ideia de que a História era uma ciência, afirmada em um método, o que assegurou uma posição à nascente disciplina dentro do universo das universidades modernas em desenvolvimento.²⁰

Não somente o modelo institucional adotado pelos historiadores foi inspirado no exemplo do que vinha ocorrendo na Europa. A forma como concebiam o conhecimento histórico, como passível de ser conhecido objetivamente por meio de procedimentos científicos emprestados das ciências naturais, assim como o método de pesquisa que seria aplicado nas investigações sobre o passado, também foram trazidos pelos estudantes americanos que se formaram na Alemanha, onde aprenderam técnicas de pesquisa para investigar e verificar o fato histórico: paleografia, numismática, epigrafia, etc. Mas além da técnica, aprenderam muito sobre o rigor na pesquisa, onde, de acordo com Peter Novick, “o seu ideal era o homem que ‘cruzaria o oceano para verificar uma vírgula’”.²¹

Na próxima seção, veremos como o processo de profissionalização ocorreu nos Estados Unidos entre as décadas de 1880-1910 para atender às

¹⁹JAMESON apud TASSEL, David D. Van. From Learned Society to Professional Organization... *The American Historical Review*, Vol. 89, No. 4 (Oct., 1984), p.931

²⁰ Idem, ibidem, p.931

²¹ NOVICK, Peter. *That Noble Dream...* op. cit. p.23

demandas da disciplina que se constituía. Nesse sentido, buscava-se compreender e explicar o mundo não mais a partir da religião, mas sim, pela descoberta, através de métodos científicos, das leis universais que regem o mundo.

Bases institucionais

A transformação que a História passou no último quarto do século XIX não foi única, este foi um período onde a estrutura da erudição, em todas as disciplinas, se alterou. O padrão pelo qual a disciplina histórica se profissionalizou foi o mesmo de dezenas de outras profissões, em que foi comum a criação de associações e periódicos. Theodore Hamerow pontua que, após a fundação da American Philological Association em 1869, pelo menos 70 outras sociedades eruditas formaram-se ao longo da década de 1870, e mais 121 na seguinte. Não menos do que quinze grandes organizações acadêmicas, entre elas a American Historical Association, foram estabelecidas entre 1876 e 1905.²² Para os envolvidos com a profissionalização, ela significava uma disciplina mais coerente e acadêmica, em que, impressionados com as conquistas obtidas pelas ciências naturais ao longo do século XIX, procuraram aplicar métodos igualmente rigorosos de exame e avaliação ao estudo do passado.

Os fundadores da profissão histórica na América, portanto, queriam que o historiador se tornasse menos um contador de histórias e mais um cientista. Eles queriam estabelecer um padrão acadêmico reconhecido, um padrão que melhorasse a qualidade da aprendizagem e estendesse o leque de conhecimentos. Eles esperavam que, através da associação, eles capacitassem a história a realizar mais plenamente seu potencial como guia da humanidade.²³

A American Historical Association foi criada a partir da American Social Science Association (ASSA), esta última com a finalidade de reunir intelectuais

²² Hamerow, Theodore S. The Professionalization of Historical Learning. *Reviews in American History*, Vol. 14, No. 3 (Sep., 1986), p.322

²³ Idem, *ibidem*, p.323

dispostos a discutir questões nacionais, mas essa sociedade era bastante ampla, com pouco espaço para os interesses das diferentes disciplinas. A AHA surgiu no esteio do crescente reconhecimento da História como um tipo diferente de conhecimento, onde historiadores se mobilizaram para criar uma nova organização que promovesse um estudo mais disciplinado do passado.²⁴ A associação foi criada na sala de um hotel em Saratoga Springs, em Nova York, no dia 9 de setembro de 1884, durante um encontro da ASSA, por um pequeno grupo de historiadores decidido a iniciar uma nova sociedade inteiramente dedicada aos estudos históricos.²⁵ Entre eles estava Herbert Baxter Adams, professor na Johns Hopkins University, responsável por formar grande parte dos primeiros profissionais americanos, e Andrew Dickson White, primeiro presidente da associação. A Constituição da AHA foi apresentada no dia seguinte à decisão de sua criação, por Charles Kendall Adams – que viria a ser presidente cinco anos depois –, onde, além do nome da nova associação, constavam outros cinco artigos definindo o funcionamento institucional da sociedade.

O objetivo da associação seria o de promover estudos históricos, sendo que a entrada de novos membros se daria através do aceite pelo Conselho Executivo mediante pagamento de três dólares. Além disso, a Constituição definia a existência de um presidente, dois vice-presidentes, um secretário, um tesoureiro e um conselho executivo composto pelos diretores e outros quatro membros eleitos pela associação. O conselho seria responsável pela eleição dos membros, pela convocação de reuniões, pela seleção de artigos a serem lidos e pela determinação de quais documentos seriam publicados. Esses membros seriam eleitos anualmente durante o encontro da AHA.²⁶ Como veremos adiante, na prática, a associação foi durante mais de trinta anos controlada pelo mesmo grupo de historiadores que se autoperpetuava em sua direção, o que

²⁴ Townsend, Robert B. *History's Babel...* op. cit. p.29

²⁵ TASSEL, David D. Van. From Learned Society to Professional Organization. *The American Historical Review*, Vol. 89, No. 4 (Oct., 1984), p. 929

²⁶ *Constitution of the American Historical Association*. Disponível em: <https://www.historians.org/about-aha-and-membership/aha-history-and-archives/historical-archives/first-meeting-of-the-american-historical-association/financial-organization-constitution-and-original-membership>. Acesso em: 28/09/2018

culminou em uma revolta em 1915 para que o modelo de funcionamento fosse alterado.²⁷

A criação também partiu da necessidade de legitimar a História como disciplina para que o pequeno grupo de historiadores, empregados em universidades, tivesse sua área reconhecida e seu espaço de atuação ampliado nas instituições onde as disciplinas tradicionais já estavam consolidadas, assim como para reunir todos os envolvidos no empreendimento histórico:²⁸

A primeira chamada pública para uma reunião organizacional da AHA reflete essa diversidade, lançando o pedido para “professores universitários, professores do ensino básico, especialistas e outros interessados no avanço da história neste país” para se unirem em conferência para “ampliar seu horizonte de interesse e fazer com que seus campos individuais de trabalho se tornem mais frutíferos.”²⁹

Os primeiros membros da associação representavam uma área geográfica restrita, sendo, em grande parte, provenientes da Nova Inglaterra, reflexo de onde o núcleo do estudo avançado na disciplina se encontrava no momento, mas no que se refere às suas ocupações, representavam uma grande variedade: pesquisadores profissionais e amadores, bibliotecários, arquivistas e políticos, uma vez que o objetivo da associação era englobar todas as práticas do empreendimento histórico para fortalecer o campo e tornar as pesquisas mais viáveis. A presença maciça de políticos interessados em História nos primeiros anos da AHA se explica pela busca dos membros do conselho executivo por obter prestígio e vantagens para a associação emergente, tendo C. K. Adams saído à procura de apoio no Congresso e de membros influentes, mesmo estes não sendo profissionais, ou mesmo historiadores, o que ficará

²⁷ BILLINGTON, Ray Allen. Tempest in Clio's Teapot. *American Historical Review*, Vol. 78, No. 2 (Apr., 1973)

²⁸ É importante notar que a AHA não era a única associação histórica do país, mas sim a única de nível nacional. Dezenas de outras associações regionais coexistiram ao longo de seus anos, sendo muitas mais antigas do que a AHA. Essas sociedades muitas vezes se associaram às faculdades de História de suas localidades, também gerindo documentos primários, HIGHAM, John. *History: Professional Scholarship...* op. cit. p.18. Outro aspecto interessante dessas associações é o fato de grande parte de seus membros ser formada por amadores, entre eles antiquários locais pouco interessados em colaborar com uma história nacional, TASSEL, David D. Van. *From Learned Society...* op. cit. p.932

²⁹ Townsend, Robert B. *History's Babel...* op. cit. p.29

evidente ao analisarmos os discursos dos presidentes da associação no capítulo seguinte, onde notaremos que até 1907, a presidência da associação foi dominada por políticos, diplomatas e advogados:

Ele [Charles Kendall Adams] queria que eles [membros influentes] representassem a associação diante das várias ramificações do governo e, através de suas presenças no programa, aumentassem a participação nas reuniões anuais da AHA. Por exemplo, em 1887, Adams pediu a Bowen “que pegasse Hamilton Fish ou qualquer outra grande baleia” para o programa da reunião de Boston. Em 1890, quando a associação tinha apenas seis anos de idade, membros não acadêmicos haviam deslocado professores de história na maioria dos cargos. A partir do momento em que os organizadores sacrificaram a reivindicação de C. K. Adams à primeira presidência em favor de seu famoso e influente professor Andrew Dickson White, o cargo de presidente fora fundamentalmente honorário. O principal critério para a eleição parecia ser prático - o prestígio que o indicado traria para o cargo, e não, a não ser secundariamente, suas qualificações como historiador. Aparentemente, os fundadores da associação concordaram tacitamente que, uma vez que oficiais eram eleitos a cada ano, uma nova pessoa deveria exercer a presidência anualmente, embora eles não tenham estipulado isso na constituição.³⁰

Entre 1885 e 1910, o número de membros da AHA cresceu quase treze vezes, de 220 para 2763, em grande parte pelo aumento do escopo das atividades da associação, que passou a englobar as várias atividades do empreendimento histórico,

Mais notavelmente, a associação obteve uma licença do Congresso em 1889 que expandia o foco da organização para incluir “a promoção de estudos históricos, a coleta e preservação de manuscritos históricos, e para fins semelhantes no interesse da história americana e da história na América”.³¹

Além disso, o governo americano nunca tomou para si a responsabilidade por subsidiar pesquisas ou gerir documentos históricos, tornando-se um esforço dos membros da associação a criação de espaços de diálogo entre pesquisadores e de troca de materiais. Neste sentido, em 1895, o Conselho,

³⁰ TASSEL, David D. Van. *From Learned Society to Professional Organization...* op. cit. p.939

³¹ Idem, *ibidem*, p.931

aceitando que não poderia contar com apoio governamental, criou a Historical Manuscripts Commission, "[...] para editar, indexar ou coletar informações referentes a documentos não impressos relacionados à história americana".³² Ao longo dos anos, a comissão publicou nos relatórios anuais da associação diversos documentos provindos de diferentes estados, sendo uma facilidade para o historiador que realizava pesquisas fora de sua região. Até o final do século XIX, a maior parte dos historiadores necessariamente estudava História Local, já que não possuíam muitos documentos a sua disposição. A exceção eram os aristocratas mais afortunados, que podiam contar com o serviço de copistas para ter acesso aos documentos. A transformação acadêmica pela qual o país passou no final do século trouxe consigo a criação de grandes bibliotecas, sendo a principal delas a Library of Congress, que, nos primeiros anos do século XX, sob a gestão de Herbert Putman, bibliotecário provindo da aristocracia de Nova York, iniciou três políticas que ajudariam a consolidar a atividade acadêmica em escala nacional:

[...] começou a distribuir seus catálogos impressos para outras bibliotecas, criando assim um sistema uniforme de catalogação. Construiu, junto ao seu próprio catálogo, um catálogo nacional de livros localizados em outras grandes bibliotecas americanas. E, o mais notável, Putman anunciou a disponibilidade da Biblioteca do Congresso a emprestar livros para outras bibliotecas para o uso de acadêmicos fora de Washington.³³

Townsend afirma que a criação da American Historical Association, em 1884, é comumente tomada como marco de início da disciplinarização da História nos Estados Unidos, mas que, na prática, ela é somente um indício do nascente espírito da profissionalização desse conhecimento, que contribuiu para emergir um senso de que a História era um campo distinto de atividade que se desenvolvia em vários campos institucionais, como escolas, universidades e sociedades históricas.³⁴ Entre as décadas de 1880 e 1910, o número de

³² HIGHAM, John. *History...* op. cit. p.17

³³ Idem, *ibidem*, p.29

³⁴ Townsend, Robert B. *History's Babel...* op. cit. p.14

historiadores empregados em universidades cresceu cerca de 10% ao ano, apesar de ser difícil quantificar por conta da ambiguidade entre as disciplinas. Exemplo disso está no fato de que a História demorou-se, nesses primeiros anos da profissionalização, em se transformar em departamento separado em diversas instituições, desse modo, muitas vezes, fez parte do departamento de Ciência Política ou Sociologia. Essa ambiguidade era também perceptível entre os historiadores, já que muitos também se identificavam com outras disciplinas, o que fica evidente quando notamos a quantidade de historiadores que, além da AHA, possuíam filiações em outras associações profissionais.³⁵ No entanto, mesmo assim, houve um claro crescimento no número de acadêmicos que se identificava com a História disciplinada neste período, de mais ou menos duas dúzias em 1884 para quase 600 em 1910.³⁶

Na primeira fase da disciplinarização, o Doutorado não era necessário para que o pesquisador conquistasse uma vaga em uma universidade. Townsend afirma que somente por volta de 1919 é que os pesquisadores começaram a tomar o título como essencial. Desta maneira, até então, o campo estava dividido entre os praticantes do antigo modelo de ensino e escrita de história, os historiadores “amadores”, e a nova geração profissional. Muitos dos historiadores que se filiaram à AHA, durante seus primeiros anos, não possuíam formação na área, sendo os historiadores profissionais uma minoria que ensinava e escrevia História.³⁷

Havia, por parte dos novos historiadores, uma tentativa de marcar uma separação entre sua prática e a dos amadores, ou “literários”, mas, mesmo com o novo prestígio da disciplina, os historiadores mais antigos ainda se destacavam na consciência pública e promoviam, assim, uma credibilidade para as novas formas de trabalho histórico entre o público em geral.

A mesma importância para o desenvolvimento da disciplina teve o desenvolvimento de programas de pós-graduação. Esses programas serviram

³⁵ Idem, *ibidem*, p.14-15

³⁶ Idem, *ibidem*, p.15

³⁷ Idem, *ibidem*, p.16

como núcleo da História profissionalizada por conta dos estudantes que formavam e dos materiais originais que eram produzidos como pré-requisito para a obtenção do título. Na produção das monografias, diferentemente do que ocorria na geração anterior de amadores, em que grande parte do trabalho de pesquisa era feito por copistas que não levavam crédito pelo trabalho feito, os jovens historiadores não trabalhavam em função das pesquisas de seus professores, mas sim, desenvolviam seus próprios trabalhos, tendo os professores apenas o papel de supervisioná-los.³⁸ Neste sentido, os títulos de Doutor só começaram a ser conferidos com base em pesquisas originais, com um tempo mínimo de dois anos, a partir da década de 1870,

a formação de estudiosos no campo foi construída cada vez mais a partir de um método mais proativo de instrução, geralmente creditado ao método de seminário usado nas universidades alemãs. Fundamentalmente, o método de seminário enfatizava a produção ativa de “declarações de fato e de opinião claras e originais”. [...] O estabelecimento de novos programas de estudo histórico por jovens acadêmicos com PhDs de universidades alemãs nas Universidades Johns Hopkins, Columbia e Harvard em meados da década de 1870 e início da década de 1880, estabeleceu um novo padrão para o PhD, e criou um ambiente muito mais vibrante e uma base mais ativa ao estudo de Doutorado em história.³⁹

Até o final do século, a Johns Hopkins University foi a instituição que mais formou doutores, cerca de 40% do total dos Estados Unidos. Entre seu corpo docente estava o já mencionado Herbert Baxter Adams, um dos membros fundadores da AHA, com o seu famoso seminário, pelo qual dezenas de jovens que viriam a ocupar postos em universidades passariam, entre eles, Frederick Jackson Turner.

Durante as primeiras décadas da profissionalização, cerca de um programa de pós-graduação foi aberto nos Estados Unidos por ano e 448 títulos foram concedidos. A formação desses novos historiadores se deu muito a partir do método de seminário alemão, disseminado, em grande parte, pela monografia de H. B. Adams “*Methods of Historical Study*”. Para Townsend, a

³⁸ HOFSTADTER, Richard. *Los historiadores Progresistas*. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1970, p.51

³⁹ Townsend, Robert B. *History's Babel...* op. cit. p.20

adoção desse novo método ajudou a assinalar a mudança pela qual a História como conhecimento estava passando e a marcar a nova prática como uma atividade profissional.⁴⁰ Esses programas estavam mais concentrados no Nordeste e cresciam fora dessa região de forma bastante lenta. Mas, por mais que estes últimos concedessem uma quantidade menor de títulos, foram muito importantes na disseminação de pontos de vista diferentes dos estabelecidos no Leste, como foi o caso da *western history*.⁴¹

Como mencionado anteriormente, a escrita de monografias originais era a condição para a obtenção de títulos e, desta maneira, houve o desenvolvimento de uma rede de publicações para que o crescente número de pesquisas feitas a partir dessa nova estrutura institucional fossem disseminadas, o que fez com que elas próprias criassem o aparato necessário para tornar esses trabalhos públicos.

Na American Historical Association, sob a direção de Charles Kendall Adams, também foram estabelecidos programas de publicações através de textos entregues nos encontros anuais da associação, como “*The Papers of the American Historical Association*”, ativo entre 1884 e 1889 e o “*Annual Report of the American Historical Association*”, em funcionamento até hoje, que incluíam relatórios de atividades da associação, assim como artigos e ensaios.⁴² A estrutura desses relatórios era bastante diferente da dos periódicos acadêmicos atuais; os textos não passavam por avaliação dos pares e muitas vezes não eram de historiadores. Os textos eram de naturezas diversas, que iam desde análises simples de alguma fonte a estudos complexos sobre algum tema obscuro, demonstrando que não havia um critério definido sobre o que seria publicado, desse modo, existia um padrão apenas na temática e no método:

As apresentações geralmente se focavam em assuntos políticos, extraíam seu material principalmente de documentos do governo ou cartas particulares e apresentavam suas descobertas em grande parte por meio de extensa citação em

⁴⁰ Idem, *ibidem*, p.21

⁴¹ Idem, *ibidem*, p.22

⁴² Idem, *ibidem*, p.23-24

série, em vez de análise. Até mesmo o aparato básico da erudição - como a forma e o conteúdo das notas de rodapé acadêmicas - ainda era uma questão de debate e discussão para aqueles que buscavam estabelecer a disciplina em bases propriamente “científicas”.⁴³

Em 1885, um grupo de professores encabeçados por George Burton Adams, de Yale, e Albert Bushnell Hart, de Harvard, criaram a *American Historical Review*, periódico anual que inicialmente era independente da AHA e que buscava ser um periódico de alto padrão e de alcance nacional. John Franklin Jameson, membro ativo da associação desde a sua fundação e presidente em 1907, em um texto em que relata como ocorreu a criação do periódico, afirma que, diferentemente do que ocorria em quase todas as disciplinas, onde revistas científicas eram criadas em universidades, o primeiro periódico científico de História foi criado a partir de um esforço conjunto de membros de diversas universidades que, ao invés de separar forças para criar publicações concorrentes, optaram por uni-las.⁴⁴

Em 1898 a AHA começou a subsidiar a AHR e, em 1915, após acusações de fraude e favoritismo nas publicações, contra os editores do periódico, a associação formalizou seu controle sobre a revista.⁴⁵ A criação da AHR teve uma importância extrema no processo de profissionalização da História por criar um padrão de qualidade para as publicações acadêmicas. Diferentemente do que era publicado nos relatórios da associação, as publicações do periódico eram feitas em geral por historiadores profissionais, mas com relação ao conteúdo dos textos e método, não eram muito diferentes:

A forma, o conteúdo e os fundamentos metodológicos de grande parte dos trabalhos permaneceram bastante semelhantes. Os artigos ainda se concentravam principalmente em atividades políticas, apresentavam como fontes, em grande parte das vezes, documentos do governo e cartas particulares, e geralmente demonstravam suas descobertas através de extensa citação ao invés de análise.⁴⁶

⁴³ Idem, *ibidem*, p.24

⁴⁴ JAMESON, John Franklin. *The American Historical Review*, 1895-1920. In.: *The American Historical Review*, Vol. 26, No. 1 (Oct., 1920), p.4

⁴⁵ HIGHAM, John. *History... op. cit.* p.17

⁴⁶ Townsend, Robert B. *History's Babel... op. cit.* p.25

A forma como os textos eram selecionados também não passava por critérios muito objetivos. Ou seja, estes textos eram, em grande parte, dos próprios membros da equipe editorial ou de seus alunos, sendo que os outros artigos eram aceitos por meio de alguma carta de recomendação do orientador de Doutorado,⁴⁷ o que demonstra a importância das afiliações institucionais para se inserir naquele meio. Esse modelo começou a mudar a partir de 1909 quando Albert Bushnell Hart deixou o corpo editorial do periódico e começou a falar da necessidade de fazer da AHR um meio de publicação de pesquisas que representassem as melhores reflexões do momento, o que foi levado adiante na gestão seguinte de J. F. Jameson.⁴⁸

A AHR era um periódico ligado à AHA e, assim como a associação, possuía alcance nacional, mas tinha seus similares regionais. Dezenas de outras revistas foram criadas e ligadas às associações e universidades locais.⁴⁹ Mesmo com um crescente surgimento de periódicos, estes não eram a única maneira pela qual os pesquisadores divulgavam suas pesquisas. Acompanhando esse movimento, também houve o desenvolvimento de uma indústria editorial de livros, em geral universitária, o que possibilitou a publicação de análises mais extensas. Porém, mesmo em uma atmosfera de avanço da historiografia disciplinada, no que se refere a livros de História, o mercado editorial ainda era dominado por trabalhos de amadores, em grande parte por conta da dificuldade que os historiadores profissionais tinham em escrever para o público não especializado.⁵⁰

Os profissionais

Um dos resultados da profissionalização foi o de desonerar os pesquisadores dos custos das pesquisas e garantir que, como uma categoria

⁴⁷ Idem, *ibidem*, p.25

⁴⁸ Idem, *ibidem*, p.26

⁴⁹ HIGHAM, John. *History...* op. cit. p.34

⁵⁰ Townsend, Robert B. *History's Babel...* op. cit. p.27-28

profissional, tivessem acesso a direitos como nas outras profissões (remuneração, férias, aposentadoria, etc.) tendo sido esta uma grande conquista obtida através da profissionalização da História.

Nos Estados Unidos, a profissionalização ocorreu uma geração mais tarde do que na Europa, mas, desde o período colonial, houve historiadores amadores. Os primeiros historiadores foram os clérigos puritanos, para quem o passado seria uma crônica da vontade de Deus.⁵¹ Esses historiadores-clérigos foram gradualmente substituídos, no decorrer do século XVIII, por historiadores cavalheiros, aristocratas ociosos que possuíam recursos financeiros e tempo disponível para as investigações,⁵² uma vez que eram os próprios investigadores que arcavam com os custos das viagens para procurar documentos e dos serviços de copistas e ajudantes, o que fazia da investigação do passado uma das atividades intelectuais mais dispendiosas. George Bancroft, por exemplo, afirmou, em 1872, que já havia gasto cerca de 75 mil dólares em suas pesquisas e estimava que ainda gastaria 25 mil até seu término.⁵³ Esses homens percebiam-se como portadores de uma grande responsabilidade social, uma vez que o historiador seria o juiz humano supremo dos homens e dos eventos, “Eles se esforçaram – mas não conseguiam sempre, é claro – em desempenhar um papel judicial de maneira justa e imparcial, pois o patricio, livre da ortodoxia religiosa, orgulhava-se de sua independência mental”.⁵⁴

Neste sentido, a profissionalização foi muito importante para tirar dos pesquisadores o peso de arcar com os custos das pesquisas, o que possibilitou que pessoas que não fossem membros da aristocracia pudessem trabalhar como historiadores. Essa tradição do historiador amador que estuda o passado, não para ganhar a vida, mas para seu desenvolvimento intelectual, persistiu até muito depois da profissionalização,

⁵¹ Hamerow, Theodore S. *The Professionalization of Historical Learning...* op. cit. p.320

⁵² HIGHAM, John. *History...* op. cit. p.3

⁵³ HOFSTADTER, Richard. *Los historiadores Progresistas...* op. cit. p.26

⁵⁴ HIGHAM, John. *History...* op. cit. p.3

Ainda em 1884, quando a American Historical Association foi criada, havia, nas quatrocentas instituições de ensino superior nos Estados Unidos, não mais do que quinze professores e cinco professores assistentes lecionando exclusivamente história, embora muitos mais o combinassem com ciência política, política, economia, literatura, filosofia, filologia, geologia, história natural e linguagens modernas.⁵⁵

Nas últimas décadas do século XIX, com a rápida transformação do modelo de produção da História, também houve uma mudança nos sujeitos envolvidos nesta atividade. A produção do conhecimento histórico até então havia sido dominada por cavalheiros inspirados por ideais literários, que escreviam textos dirigidos a um amplo público leitor; estes eram agora substituídos por jovens treinados sob os parâmetros da historiografia disciplinada, saídos de outras classes sociais que não necessariamente a aristocracia, e que escreviam para outro público, o acadêmico.⁵⁶ Essa mudança coincidiu com o desaparecimento da velha geração de grandes historiadores literários, já que Bancroft e Parkman, os dois últimos renomados historiadores românticos, morreram na década de 1890.⁵⁷ Isso não quer dizer que a pesquisa histórica, a partir daí, seria uma atividade exclusiva dos profissionais. Por muito tempo após a criação da American Historical Association muitos de seus membros não possuiriam uma educação formal em História, assim como grande parte das narrativas sobre o passado, consumidas pelo público não especializado, seriam escritas por amadores.

A profissionalização significou a possibilidade do surgimento de um grupo de profissionais capaz de se sustentar ensinando e escrevendo sobre o passado. Eles compartilhavam os mesmos interesses intelectuais, engajavam-se nas mesmas atividades acadêmicas, ocupavam as mesmas posições sociais e enfrentavam os mesmos problemas econômicos. Seu novo senso de identidade coletiva logo levou à formação de uma organização profissional cuja

⁵⁵ Hamerow, Theodore S. *The Professionalization of Historical Learning...* op. cit. p.321

⁵⁶ HOFSTADTER, Richard. *Los historiadores Progresistas...* op. cit. p.46

⁵⁷ Idem, *ibidem*, p.47

função era definir um padrão comum de conduta ocupacional.⁵⁸ Essa transformação teve um efeito profundo no estudo da História, já que agora os pesquisadores poderiam contar com retornos financeiros e intelectuais pelo seu trabalho,

Eles não precisavam mais depender da renda privada, do emprego externo, de um rico patrono ou do favor do público leitor. Tornou-se possível para eles buscar sua disciplina, seguros de que receberiam uma remuneração adequada. Ser um historiador deixou de ser um empreendimento de alto risco, como ser escritor, compositor ou pintor. Tornou-se uma ocupação organizada, com um padrão claramente definido de conduta, procedimento, método e remuneração.⁵⁹

Desta maneira, a História poderia ser estudada com maior independência, já que os pesquisadores não precisavam mais se preocupar tanto com a demanda do público e das editoras, o que tornou possível que as pesquisas fossem feitas de uma maneira mais especializada, em função da “construção do conhecimento histórico”, e não para agradar ao público em geral. Os amadores haviam oferecido seus produtos em um mercado livre: produtores independentes e não regulamentados, recebiam recompensas pecuniárias ou não pecuniárias como resultado da aprovação do consumidor.⁶⁰ Com a profissionalização, a História tornou-se uma ocupação de tempo integral e os critérios anteriores de avaliação do trabalho histórico – a aceitação do público –, não eram mais aceitáveis; agora a avaliação se daria pelos pares:

A profissão era responsável pela concessão de bolsas de estudo, prêmios e honrarias; pela aceitação ou rejeição de textos por periódicos; pela avaliação de livros nessas revistas; e, o mais importante, embora ainda longe de ser de maneira autônoma, pelas oportunidades de emprego, promoções e salários. Essas eram, naturalmente, questões da maior preocupação para os novos profissionais, e a profissão de história dificilmente poderia ter funcionado se essas recompensas não

⁵⁸ Hamerow, Theodore S. *The Professionalization of Historical Learning...* op. cit. p.320

⁵⁹ Idem, *ibidem*, p.321

⁶⁰ NOVICK, Peter. *That Noble Dream...* op. cit. p 53-54

tivessem sido distribuídas com base naquilo que era percebido como critérios universalistas e objetivos.⁶¹

Além disso, a profissionalização dos historiadores protegeu os que não possuíam grande talento, atribuindo a estes a tarefa de acumular informações que os mais talentosos poderiam utilizar em grandes pesquisas. Sobre essa questão, Novick utiliza a metáfora do conhecimento como uma grande construção arquitetônica: nem todos os historiadores seriam capazes de realizar grandes sínteses e construir um prédio, mas quase qualquer pessoa, devidamente treinada através dos procedimentos estabelecidos, poderia moldar um tijolo. Desta forma, “um emprego valorizado em fazer uma contribuição para o edifício foi assim garantido para aqueles que possuíam dotes mais modestos”.⁶²

*

Como vimos anteriormente, o final do século XIX e o princípio do século XX presenciou um momento de grande agito intelectual nos EUA, tendo sido o momento de modernização do ensino superior e constituição disciplinar da História naquele país. Neste período, os antigos currículos das universidades foram modificados e em grande parte substituídos ao longo do processo de subdivisão disciplinar dentro das ciências sociais, onde houve uma expansão universitária, acompanhada pelo constante aumento de alunos nessas instituições.⁶³

No segundo capítulo, dedicado à trajetória acadêmica de Frederick Jackson Turner, veremos como este foi um historiador que obteve sua formação superior e atuou como profissional durante o momento de constituição disciplinar e profissionalização da História, tendo sido uma figura importante nestes processos. Podemos marcar o início da trajetória de Turner em 1885,

⁶¹ Idem, *ibidem*, p.54

⁶² Idem, *ibidem*, p.56

⁶³ BOGUE, Allan G. *Frederick Jackson Turner...* op. cit. p.145

quando aceitou o cargo de professor substituto de História Europeia na University of Wisconsin e, logo depois, quando iniciou seu Mestrado na instituição, em que escolheu como tema de pesquisa o comércio de peles em seu estado. Coincidentemente, no ano anterior, era fundada a American Historical Association, sociedade em que seria bastante ativo e que viria a se tornar presidente em 1910. Durante os anos em que esteve na UW (até 1910), apresentou sua teoria explicativa sobre o desenvolvimento histórico de seu país, que o tornou nacionalmente reconhecido entre os intelectuais; ajudou a construir um departamento de História, assim como a construir um programa de pós-graduação; orientou dezenas de pesquisadores que mais tarde recomendaria a cargos em outras instituições, contribuindo para a formação das primeiras gerações de historiadores profissionais americanos, assim como na disseminação, em universidades de todas as regiões, da sua *frontier thesis*.

Como veremos adiante, a História se constituiu como disciplina autônoma dentro das universidades a partir de sua legitimação como sendo científica, pegando de empréstimo teorias e métodos das ciências naturais, sendo necessária a aprovação dos pares validando as pesquisas. Para isso, uma estrutura institucional foi criada e englobou a criação de associações e de publicações. Neste sentido, a trajetória acadêmica de Turner foi escolhida para a realização desta pesquisa por possibilitar um olhar privilegiado sobre os caminhos pelos quais estes processos ocorreram nos Estados Unidos, uma vez que ele e seus contemporâneos estiveram presentes na construção da estrutura da profissão e foram sujeitos ativos neste processo. Além disso, a maneira pela qual Turner construiu sua reputação e disseminou sua *frontier thesis* não se encontra somente na qualidade explicativa de sua teoria mas, em grande parte, na forma como o historiador conduziu suas relações pessoais e profissionais para conquistar um lugar de destaque na profissão que emergia e garantir boas posições a seus alunos.

Trajétória profissional de Frederick Jackson Turner

A Frontier thesis

Frederick Jackson Turner é reconhecido devido à importância que sua teoria teve para a historiografia americana, tendo influenciado gerações e gerações de historiadores. Para Turner, a chave explicativa do desenvolvimento de seu país e de suas instituições não está no Leste, como até então a historiografia profissional americana vinha pontuando, mas sim no Oeste. Seria na fronteira, lugar onde o mundo selvagem e a civilização se encontram, o espaço de americanização de homens e mulheres vindos do Leste.¹ Isso porque os fronteirios, saídos do Leste como europeus nos costumes e modos de pensar, ao depararem-se com a *wilderness*, começaram a adquirir costumes dos indígenas, como a vestimenta, a forma de construir suas casas e a alimentação. Desse modo, pouco a pouco, eles transformam a terra remota e inóspita de *wilderness*, porém o resultado não foi a velha Europa, já que, da junção dos costumes europeus com os indígenas, surgiu um elemento novo, o americano.² Além da americanização dos fronteirios, a fronteira também seria responsável pelo surgimento da principal instituição estadunidense, a democracia.

Essa teoria, intitulada *frontier thesis*, foi apresentada pela primeira vez ao público acadêmico em 1893, em um encontro da American Historical Association ocorrido em Chicago, por meio de um ensaio intitulado “*The Significance of the Frontier in American History*”, mas só seria largamente

¹ TURNER, Frederick Jackson. O Significado da Fronteira na História Americana. Op. cit. p.24

² Idem, ibidem, p. 25-26

aceita nos Estados Unidos no final da mesma década. Ela representou uma nova perspectiva para se pensar a história do país, uma vez que, até então, a historiografia disciplinada havia pensado a formação dos Estados Unidos e das suas instituições como desenvolvimento de raízes europeias no Novo Mundo, a *germ-theory*. Adotando a metáfora da sociedade como um organismo adaptável, essa teoria partia da concepção de que as instituições não surgem através de geração espontânea, mas sim, que possuem raízes mais antigas. No caso das instituições americanas, germes sociais foram levados das florestas da Alemanha medieval para a Inglaterra e, mais tarde, essa mesma associação autoperpetuante de pessoas e instituições atravessaria o Atlântico e germinaria no novo território. Esses germes arianos seriam a causa real das liberdades e da democracia americana.³

Já a *frontier thesis* reunia em si elementos já presentes na cultura popular americana. Arthur Lima de Avila demonstra, em “E da fronteira veio um pioneiro...”, que a *frontier thesis*, escrita a partir dos procedimentos estabelecidos para a pesquisa histórica no contexto da disciplinarização, seria uma versão acadêmica do Mito da Fronteira. De acordo com este mito, a expansão para o Oeste seria a responsável pela excepcionalidade dos Estados Unidos, já que oportunizou a regeneração por um retorno a estágios anteriores de civilização.

O Mito reconhecia a existência de um destino anterior à própria história dos Estados Unidos, concedido pela Providência, afirmando o pertencimento de todo continente aos anglo-saxões. Tendo sido desenvolvido ainda durante o período colonial, pelos Puritanos que buscavam explicar o Novo Mundo e justificar a fundação de uma sociedade apartada da Europa corrompida, ele foi progressivamente sendo trabalhado durante os dois séculos seguintes, assumindo a função de racionalizador do processo de desenvolvimento do capitalismo em plagas americanas e de subjugação dos nativos e de outras minorias sociais.⁴

³ Coleman, William. Science and Symbol in the Turner Frontier Hypothesis. *The American Historical Review*, Vol. 72, No. 1 (Oct., 1966), p. 25-26

⁴ AVILA, Arthur Lima. *E da Fronteira veio um pioneiro*. Porto Alegre: UFRGS (Dissertação de Mestrado em História), 2006, p.94-95

Sendo assim, a *frontier thesis* como Mito da Fronteira cientificizada traz consigo a ideia de um país excepcional como sendo resultado da existência anterior de uma linha de fronteira, de um contingente de terras livres que possibilitou que pioneiros escapassem das pressões econômicas do Leste capitalista, sendo a fronteira responsável pelas condições de surgimento de diversos elementos que ainda hoje fazem parte de um imaginário popularmente compartilhado sobre um “ser americano”, ou um americanismo que, como pontua o cientista político Seymour M. Lipset, não é uma identidade nacional ligada ao nascimento, mas sim, uma ideologia, onde seus membros aderem a seus valores. Ainda de acordo com Lipset, essa ideologia pode ser resumida em cinco palavras: liberdade, igualitarismo, individualismo, populismo e *laissez-faire*.⁵ Esses elementos que compõem o americanismo são definidores da maneira como ainda hoje o americano médio entende como deva ser o funcionamento das instituições em seu país, com uma ênfase nas relações sociais igualitárias, havendo uma igualdade de oportunidade para todos crescerem economicamente e socialmente de acordo com o seu mérito pessoal.⁶ Nesse sentido, a democracia, mais do que ligada às instituições formais, aparece como resultado direto desses valores, da igualdade de oportunidades econômicas para “se fazer”.

Esses elementos do americanismo também recebem uma validação “científica” na obra de Turner, onde, por exemplo, a democracia (pontuada como principal consequência da fronteira), aparece como sendo sinônimo desses valores. A partir de uma análise dos ensaios de Turner feita na minha monografia de conclusão de curso, “Fronteira entre o passado, o presente e o futuro...”, foi possível tirar algumas conclusões sobre a forma como Turner entendia a democracia americana. Mesmo ele não a definindo com precisão em seus artigos, é inquestionável que a democracia na *frontier thesis* está relacionada à igualdade de oportunidades econômicas. Para o historiador, a existência de um grande território no Oeste possibilitava a todos os americanos uma igualdade de oportunidade no acesso à terra. Além disso, a

⁵ LIPSET, Seymour Martin. *American Exceptionalism*. New York: Norton & Company, 1997, p.31

⁶ Idem, *ibidem*, p.53

democracia não está necessariamente relacionada às instituições formais, ela é um produto da fronteira, ela é a oportunidade. Os ideais democráticos até podem chegar às instituições governamentais, mas não é onde surgem.⁷

Como mencionado acima, utilizando os procedimentos estabelecidos para a pesquisa em História, Turner atribuiu a uma narrativa já consagrada, sobre o passado americano, uma validade científica. O peso disso é enorme em um momento histórico em que a ciência moderna floresce como ponto de vista privilegiado de compreensão da realidade, possibilitando-nos refletir sobre as implicações que uma narrativa nacionalista, como o Mito da Fronteira, passa a ter ao ser validada como “cientificamente comprovada” em um contexto de expansão imperialista dos Estados Unidos, onde a *frontier thesis* será mobilizada por estadistas para legitimar ações imperialistas na América Latina e Oriente.⁸

Além de constituir uma nova chave explicativa para o desenvolvimento histórico dos Estados Unidos, a *frontier thesis* de Turner também representaria inovações teóricas e metodológicas que seriam amplamente utilizadas pelos seus alunos. Uma dessas inovações diz respeito à fuga da tradicional História política centrada em “Grandes Homens” como agentes de mudanças históricas. Na sua *frontier thesis*, quem constrói os Estados Unidos são os sujeitos comuns, uma massa de anônimos que saíram do Leste para recomeçar suas vidas na fronteira. Neste sentido, Turner clamava por uma História que não se aterias apenas às elites e acontecimentos políticos “[...] mas a história social das pessoas comuns: ‘o ponto focal do interesse moderno’, ele escreveu, ‘é o quarto estado, a grande massa do povo’.”⁹ Para escrever uma história da grande massa da população, haveria que se voltar a outros campos ignorados até então, como a literatura, a política, a economia, a religião e a cultura.¹⁰ Para isso, Turner utilizou novas fontes, como

⁷ GALLO, Livia Amarante. *Fronteira entre o passado, o presente e o futuro*. Porto Alegre: UFRGS (Trabalho de Conclusão de Curso em História), 2016, p.35

⁸ AVILA, Arthur Lima. História e Destino. Brasília: *Revista Cena Internacional*, v.7, 2005.

⁹ TURNER apud CRONON, William. Revisiting the Vanishing Frontier. *The Western Historical Quarterly*, Vol. 18, No.2 (Apr., 1987), p.159

¹⁰ Idem, *ibidem*, p.161

mapas estatísticos, documentos regionais, guias para viajantes, relatos de pioneiros e diários de viagens. Esses materiais, feitos por homens brancos e que muitas vezes eram de propaganda do Oeste para colonos, obviamente tinham suas limitações; muitas vezes ignoravam a existência de indígenas naquela região ou minimizavam os conflitos.¹¹ Mas, mesmo assim, a utilização destes documentos não oficiais representou uma inovação na escrita da História, uma vez que os historiadores tradicionalmente envolvidos com a história política utilizavam documentos oficiais como fontes. Turner também valorizava as diversas causas do desenvolvimento histórico, não sendo um determinista geográfico como é comumente compreendido por leitores apressados. Neste sentido, o historiador clamava por uma colaboração entre as diferentes disciplinas, sendo inclusive o tema de seu discurso como presidente da AHA, desse modo, entendeu que as ciências duras haviam se unido para compreender a natureza e que, da mesma forma, as humanidades deveriam se unir para compreender a sociedade.¹²

Turner foi enquadrado como historiador progressista, uma vez que compreendia que a História não possui fim em si mesma, mas sim possui uma utilidade prática e possibilita o entendimento sobre o presente. Os historiadores progressistas do início do século XX pensavam o passado como sendo passível de ser utilizado para as necessidades do presente, sendo a História um instrumento para o reconhecimento da nação e sua melhoria.¹³ Para Avila, o reformismo de Turner foi importante para a conformação de sua concepção de história, onde,

[...] o presentismo era o ato de moldar as preocupações investigativas do historiador de acordo com as necessidades evocadas pelo contexto em que ele está inserido. No caso norte-americano de fins do século XIX, tratava-se de explicar o surgimento do capitalismo industrial e de avaliar suas consequências para o país, a partir das forças que o geraram.¹⁴

¹¹ AVILA, Arthur Lima. *E da Fronteira veio um pioneiro*. op. cit. p.117

¹² TURNER, Frederick Jackson. Social Forces in American History. In.: *The American Historical Review*, Vol. 16, No. 2 (Jan., 1911), p. 217-233

¹³ HOFSTADTER, Richard. *Los historiadores Progresistas*. op. cit. p.15

¹⁴ AVILA, Arthur Lima. *E da Fronteira veio um pioneiro*. op. cit. p.57

William Cronon afirma que as inovações teóricas e metodológicas apresentadas por Turner são, até os dias de hoje, questões muito importantes na historiografia e que continuam em voga, mas que aparecem sob um vocabulário diferente, como “história social”, “história como problema”, “estudos interdisciplinares”, “história local”, assim como “passado utilizável”, etc.¹⁵ Neste sentido, por mais que a *western history* tenha sido um campo em disputa desde a morte de Turner e que muito da *frontier thesis* seja considerado ultrapassado para explicar a história americana, o “paradigma turneriano”, como chamou Cronon, continua sendo insuperável por conta de suas implicações teóricas.

Trajetória profissional

F. J. Turner nasceu em Portage, Wisconsin, em 14 de novembro de 1861. Filho de pai pioneiro, Turner nasceu fronteiro, contingência que biógrafos consideraram importante para os caminhos futuros traçados pelo historiador. Seu pai, Andrew Jackson Turner, ainda jovem saiu de New York, em 1855. Ao chegar em Wisconsin, trabalhou em alguns jornais, incluindo o *Wisconsin State Journal*, em Madison, e poucos anos depois, casou com Mary Hanford, filha de outra “família Yankee”.¹⁶ De acordo com Billington, estes não foram os únicos fronteiros da família. Desde o século XVII, quando o primeiro Turner chegou da Inglaterra, aventurar-se pelo Oeste foi uma jornada comum entre seus ancestrais, “Quando, em seus últimos anos, Turner especulou sobre as influências que o inclinaram para o estudo da fronteira, deu considerável peso aos pregadores e pioneiros entre seus ancestrais”.¹⁷ Em uma carta autobiográfica, escrita em 1922, a pedido de Constance Lindsay Skinner, relacionando sua vida à fronteira, F.J. Turner afirmou:

¹⁵ CRONON, William. *Revisiting the Vanishing Frontier...* op. cit. p.161

¹⁶ BOGUE, Allan G. *Frederick Jackson Turner...* op. cit. p.3

¹⁷ BILLINGTON, Ray Allen. *Frederick Jackson Turner*. New York: Oxford University Press, 1973, p.5

Meu pessoal, de ambos os lados, movia-se pelo menos a cada geração e construía novas comunidades - de Connecticut a Massachusetts central e ocidental, a Vermont, às Adirondacks, ao Dela Valley em NY, e ao oeste de NY a Michigan e Wisconsin, e outros da família de Nebraska e para o Alasca. Meu pai foi chamado Andrew Jackson Turner em seu nascimento em 1832 pelo meu avô democrata, e eu ainda me levanto e vou dormir ao som da batida do velho relógio que foi trazido para casa no dia em que ele nasceu, à beira da Floresta de Adirondack. Os antepassados de minha mãe eram pregadores! É estranho que eu tenha pregado sobre a fronteira?¹⁸

Ao tentar resgatar as vivências de juventude que possivelmente acabaram por “moldar” o historiador que futuramente viria a ser, os biógrafos Allan Bogue e Ray Allen Billington valorizam a relação de proximidade que teve com o pai, que acabou por influenciar a personalidade do filho. Dentre essas influências estão o gosto pela pesca; pela caça; e pela política; o envolvimento jornalístico, profissão que chegou a exercer durante alguns anos após terminar a faculdade e, principalmente, o interesse pela História:

Mas havia outro aspecto do interesse de Jack Turner ao qual seu filho estava exposto. O editor e político gostava de relembra o passado de Portage e escrever colunas de história local. Ele tratava com mais seriedade os fatos do que muitos jornalistas que ficavam contentes em apenas contar uma boa história para seus leitores. Ele corajosamente corrigiu os erros dos antecessores, quanto mais eminentes, melhor. Ele deve ter escrito muito da história local que foi publicado em 1880. Nem seu interesse nem seu ceticismo escaparam de seu filho.¹⁹

Andrew J. Turner ajudou a formar o “*Old Settlers’s Club*” para registrar as impressões dos primeiros habitantes da cidade com a finalidade de fazer uma série de panfletos e artigos de jornais sobre a história da cidade e do forte Winnebago nos tempos de pioneirismo.²⁰

¹⁸ TURNER apud JACOBS, Wilbur R. *Frederick Jackson Turner*. New Haven: Yale Press, 1968, p.62

¹⁹ BOGUE, Allan G. *Frederick Jackson Turner...* op. cit. p.13

²⁰ BILLINGTON, Ray Allen. *Frederick Jackson Turner...* op. cit. p.13

Além da relação com o pai, a juventude em Portage foi definidora dos futuros interesses de pesquisa de Turner, uma vez que, ainda jovem, presenciou processos sociais, econômicos e políticos que estudaria mais tarde, já que a cidade ainda possuía evidências de seus tempos de fronteira: “de sua casa, Fritz viu condutores levando carroças de suprimentos para o norte, na ‘nova estrada de pinheiros’, com destino a campos de extração de madeira, onde a grande ofensiva aos pinheirais do centro de Wisconsin continuava”.²¹

Nos ensaios escritos pelo historiador, fica evidente o conhecimento que possuía sobre retórica, habilidade que desenvolveu desde a juventude. Ganhou prêmios ainda durante o *high school* pela qualidade de sua oratória e manteve o seu interesse sobre o assunto durante o período em que esteve na University of Wisconsin, onde estudou retórica, assistiu palestras, guardou notas sobre discursos que ouviu e também ganhou prêmios. Este foi um momento importante para o desenvolvimento do estilo de Turner, que seria empregado em seus ensaios posteriormente, uma vez que logo percebeu que também na escrita da História, o estilo era muito importante para a persuasão.²²

O desenvolvimento de suas habilidades retóricas esteve muito ligado ao interesse que possuía em seguir carreira como jornalista após terminar seus anos na UW.²³ Durante esses anos, participou da criação de um jornal universitário com tiragem semanal, o “*Badger*”, “Durante seu primeiro ano de operação, Turner foi editor de ‘troca’. Ele deveria servir como secretário e tesoureiro da associação, e durante seu último ano, ocupou o cargo de presidente. Levando em consideração sua época, o *Badger* foi uma excelente

²¹ BOGUE, Allan G. *Frederick Jackson Turner...* op. cit. p.10

²² CARPENTER, Ronald. *The Eloquence of Frederick Jackson Turner*. San Marino, The Huntington Library, 1983. p.9

²³ Billington afirma que desde o período de graduação Turner sabia que sua paixão era o estudo da história, mas que, sendo sensato, não considerava fazer dela uma carreira, já que, naquela época, havia pouquíssimas oportunidades para historiadores: “[...] até 1881, nenhuma universidade possuía um cargo de professor de história americana, e em 1884, apenas quinze professores e cinco professores assistentes de história haviam ser contados em todo o país” BILLINGTON, Ray Allen. *Frederick Jackson Turner...* op. cit. p.34

BOGUE, Allan G. *Frederick Jackson Turner...* op. cit. p.10

publicação universitária, e os principais nomes do grupo tornaram-se jornalistas profissionais depois da universidade”.²⁴ Ainda antes de se formar, em 1884, Turner já havia entrado no universo jornalístico profissional, trabalhou como correspondente no “*Sentinel’s*”, cobriu eventos locais em Madison, acontecimentos nos vários departamentos governamentais e a campanha do republicano Robert La Follete para nomeação no distrito congressional local.²⁵ No ano seguinte, com a influência do pai, conseguiu um cargo em transcrições no Senado Estadual, posição que combinou com a de correspondente para o “*Chicago Inter-Ocean*” e o “*Wisconsin State Register*”, “Uma vez mais ele se distinguiu com seus despachos nítidos, suas denúncias corajosas de corrupção e sua tenacidade em extrair informações”.²⁶ O período de Turner como jornalista foi bastante curto, mas Allan Bogue percebe como tendo sido importante para a formação intelectual do historiador, uma vez que este aprendeu muito sobre o processo político, parte importante de sua teoria.²⁷

Há indícios de que a decisão de Turner em se dedicar à História ocorreu em 1885, após voltar à University of Wisconsin, primeiramente como professor substituto de William Francis Allen – de quem havia sido aluno durante a graduação –, quando este foi passar alguns meses na Europa. Allen foi um professor com quem criou uma relação de bastante proximidade e que acabou por influenciar profundamente na trajetória intelectual de Turner, uma vez que tinha em suas pesquisas o objetivo de compreender o desenvolvimento das instituições desde suas raízes primitivas, valorizando aspectos geográficos na moldagem do comportamento humano e o Oeste no desenvolvimento nacional.²⁸ Além disso, nas aulas de Allen estavam presentes técnicas científicas que revolucionariam os estudos históricos nos Estados Unidos, técnicas que havia aprendido em seus anos na Alemanha e

²⁴ BOGUE, Allan G. *Frederick Jackson Turner...* op. cit. p.20

²⁵ Idem, *ibidem*, p.30

²⁶ BILLINGTON, Ray Allen. *Frederick Jackson Turner...* op. cit. p.35

²⁷ BOGUE, Allan G. *Frederick Jackson Turner...* op. cit. p.31

²⁸ Idem, *ibidem*, p.22

em Harvard, introduzindo Turner ao universo da emergente História disciplinada.²⁹ Após a volta de Allen, Turner obteve um cargo como instrutor de retórica e oratória sob supervisão de seu antigo professor Frankenburger, mas já nesta época sabia que o caminho que gostaria de seguir estava no estudo do passado.³⁰

Ainda em 1885, após seu retorno à University of Wisconsin, começou a definir o tema de sua pesquisa de Mestrado. Enquanto vasculhava a biblioteca da Sociedade Histórica do Estado em busca de materiais para um artigo, Turner encontrou várias cartas de comerciantes de peles franceses da região. Empolgado com a descoberta, conversou com Allen que concordou com a escolha do tema, e assim, o comércio de peles em Wisconsin se tornou seu tema de pesquisa.³¹ A ideia inicial era finalizar a escrita no ano acadêmico de 1886-1887, mas, por conta de atrasos na tradução dos documentos, terminou no seguinte. Este período foi uma fase importante para o estabelecimento de sua carreira, uma vez que começou a receber convites para trabalhos, como parcerias na escrita de artigos e resenhas de livros;³² foi também o momento em que percebeu o Oeste como campo frutífero para o trabalho de uma vida inteira, já que, lendo Francis Parkman, chegou à conclusão de que, para fazer nome como historiador, seria necessário encontrar uma importante área e concentrar-se em desenvolvê-la. Além disso, definiu como objetivo ser professor de História em Wisconsin, posição que começou a buscar em 1887.³³

Dois anos após iniciar seu trabalho como instrutor, recebeu uma oferta para ser professor em uma *high school*, onde seu salário seria o dobro do que recebia até o momento. Em uma carta a sua futura esposa, Caroline Mae, afirmou que utilizaria essa oferta para negociar uma melhor posição na universidade. Barganhas como esta seriam comuns ao longo de sua carreira profissional: “‘Eu não planejo’, ele escreveu, ‘ser colocado à mercê dos

²⁹ BILLINGTON, Ray Allen. *Frederick Jackson Turner...* op. cit. p.25

³⁰ BOGUE, Allan G. *Frederick Jackson Turner...* op. cit. p.32

³¹ BILLINGTON, Ray Allen. *Frederick Jackson Turner...* op. cit. p.38

³² BOGUE, Allan G. *Frederick Jackson Turner...* op. cit. p.36

³³ Idem, *ibidem*, p.38

regentes no próximo ano. Se eu puder dizer a eles que tenho uma oferta do dobro do que eles me pagam, isso pode me ajudar, você vê, para induzi-los a fazer o que eu gostaria que eles fizessem”.³⁴ Mas nesse momento surgiu uma oportunidade para Turner aprimorar sua formação, indo passar um tempo na Johns Hopkins University, instituição que, como tratado anteriormente, foi uma das primeiras a adotar o modelo das universidades modernas nos Estados Unidos. Sob a direção de Herbert Baxter Adams, o programa em Economia Política e História já havia formado um contingente de pós-graduados, entre eles, o presidente Woodrow Wilson.³⁵ Turner sabia que fazer o Doutorado na Johns Hopkins seria importante na sua busca pelo cargo na UW, e isso seria confirmado quando, ao falar com o reitor Thomas Chamberlin sobre o cargo, Chamberlin afirmou que a função deveria ser preenchida “[...] não por um homem bom, mas por um homem notavelmente bom”,³⁶ aconselhando-o a ir para a JHU para fazer reputação, uma vez que a instituição era amplamente reconhecida como local de encontro dos profissionais mais talentosos. Turner acabou indo passar um ano na universidade, mas sem conseguir do reitor qualquer garantia de futuro em Wisconsin.

Em Baltimore, encontrou uma universidade recém-nascida, onde “tudo era turbulento, tudo era novo, tudo era excitante. Como estudantes e acadêmicos, se uniam para alargar as fronteiras do conhecimento, livres da tradição e letargia que constituíam instituições mais antigas, como Harvard, ‘tão solidificadas quanto os ossos do Mamute’, na frase de Herbert Adams”.³⁷ Assim, a universidade ia sendo formada pelos estudantes que vinham de todo o país, enquanto universidades como Harvard forçavam seus alunos a moldarem-se a partir da cultura da Nova Inglaterra.³⁸ Na instituição, Turner teve Adams como orientador, que, com seu seminário baseado no modelo

³⁴ TURNER apud ³⁴ BOGUE, Allan G. *Frederick Jackson Turner...* op. cit. p.39

³⁵ BOGUE, Allan G. *Frederick Jackson Turner...* op. cit. p.39

³⁶ BOGUE, Allan G. *Frederick Jackson Turner...* op. cit. p.40

³⁷ BILLINGTON, Ray Allen. *Frederick Jackson Turner...* op. cit. p.60

³⁸ Idem, *ibidem*, p.60

germânico, atraía proeminentes jovens pesquisadores. Além disso, o professor possuía a habilidade de impulsionar seus estudantes, garantindo a eles boas posições em diversas universidades, principalmente no Sul e no Oeste. Bogue afirma que Adams havia feito um mapa dos Estados Unidos mostrando todas as instituições de ensino que haviam empregado seus alunos, “Como uma ‘ilustração geográfica’ do ‘sistema colonial da Johns Hopkins University’”.³⁹ Adams aceitou a continuidade da pesquisa sobre o comércio de peles em Wisconsin como sendo apropriada para o Doutorado de Turner, mesmo argumentando com frequência que a política nacional indígena poderia ser um melhor tema de pesquisa.

Outro importante professor durante o tempo em que Turner esteve em Baltimore foi Richard Ely, com quem aprendeu muito sobre a importância dos fatores econômicos no desenvolvimento do país. Os dois acabariam por tornarem-se grandes amigos e, anos mais tarde, colegas na University of Wisconsin.

Após ter ficado um ano na Johns Hopkins, Turner ainda não tinha uma resposta de Chamberlin sobre sua situação na UW. Adams e Ely estavam dispostos a defender sua permanência por mais um ano em Baltimore, assim como a recomendá-lo para um cargo temporário na Ohio State University. Após longas negociações, Turner conseguiu um cargo como professor assistente em Wisconsin, já deixando evidente, de acordo com Bogue, suas “habilidades diplomáticas”.⁴⁰

Mesmo sem perceber na época, Turner fez parte da jovem elite acadêmica que estava emergindo nas ciências sociais durante a década de 1880, principalmente da JHU, “Um grupo que estabeleceu as bases da academia moderna em suas áreas”.⁴¹ Além disso, Adams e Ely foram exemplos de “*academic empire builders*”, atitude que levaria para a sua trajetória acadêmica. No que se refere ao seu desenvolvimento como pesquisador, Turner deixou Baltimore conhecendo melhor as novas tendências historiográficas,

³⁹ADAMS apud BOGUE, Allan G. *Frederick Jackson Turner...* op. cit. p.44

⁴⁰ BOGUE, Allan G. *Frederick Jackson Turner...* op. cit. p.51

⁴¹ Idem, *ibidem*, p.52

tendo ficado mais próximo do modelo de História disciplinada em emergência do que das antigas influências de narrativa romântica.⁴² Em Baltimore no final do século XIX, esteve no centro do universo acadêmico americano, cercado pelos historiadores e cientistas políticos que seriam responsáveis pelas profundas mudanças que ocorreriam em seus campos,

Ele entrou para o *mainstream*, exatamente no momento em que a erudição histórica estava no meio da dupla transformação que inaugurou sua era moderna. Por um lado, estava perdendo seu status de “amadora” e se profissionalizando; por outro lado, estava mudando de uma metodologia “romântica” para uma “científica”.⁴³

A década de 1890, momento em que Turner iniciava sua carreira como professor de História em Madison, foi justamente um período de mudanças na University of Wisconsin, que buscava encaixar-se no modelo de universidade moderna em desenvolvimento. Diferentemente de algumas instituições que já haviam sido construídas a partir do modelo germânico, a sua construção foi anterior à Guerra Civil e passou por transformações para acompanhar o novo modelo. Um sintoma disso foi o aumento abismal no número de alunos durante o período em que Turner foi professor na instituição (1889-1910), de 722 para cerca de 4400 estudantes.⁴⁴ Além disso, utilizando a JHU como parâmetro, houve a criação de novas faculdades e o desenvolvimento de programas de pós-graduação. Nesse processo, Turner seria convidado por Chamberlin a encabeçar a criação da Escola de Economia, Ciências Políticas e História.⁴⁵

Pouco tempo depois de assumir o cargo em Madison, em 1889, o professor Allen faleceu repentinamente, o que gerou grande comoção entre os alunos e colegas. De acordo com Billington, para Turner, a morte de seu professor foi uma tragédia, mas também representou oportunidade. Se Turner cooperasse com Chamberlin assumindo as aulas de Allen e, além disso,

⁴² Idem, *ibidem*, p.53

⁴³ BILLINGTON, Ray Allen. *Frederick Jackson Turner...* op. cit. p.63

⁴⁴ BOGUE, Allan G. *Frederick Jackson Turner...* op. cit. p.66

⁴⁵ Idem, *ibidem*, p.67

defendesse seu Doutorado, seria possível que pudesse ficar com o cargo, “Turner ministrou não apenas suas próprias disciplinas, mas também partes dos cursos sobre História Dinástica e Territorial, Revolução Francesa, Europa do século XIX, um novo curso sobre a História da Sociedade e o Seminário, este último agora só seu, já que não mais compartilhado com o professor Allen”.⁴⁶ Além desta rotina pesada, dedicou-se intensamente à escrita de sua tese, que foi defendida em 1891. Durante algum tempo, Chamberlin manteve Turner em uma posição de incerteza sobre pegar o cargo para si, uma vez que estava em busca de alguém com reputação já estabelecida. Após consultar Adams, acabou indicando Turner em caráter temporário.⁴⁷ O convite para assumir os dois cargos de Allen (o de professor e o de chefe do programa) de maneira efetiva ocorreu dois anos depois, após Chamberlin ficar sabendo que Turner havia sido indicado para uma vaga como professor de História na Wesleyan University por Woodrow Wilson, de quem havia ficado amigo durante o período na Johns Hopkins University. Além disso, Wilson escreveu a Chamberlin e ao conselho de regentes da universidade em favor de Turner, argumentando que ele seria o sucessor natural de Allen e que seria um ganho para o conhecimento histórico:

Ao dirigir-me ao Dr. Chamberlin, dei lugar à minha intervenção, depois de confessar impertinência: “Você conhece o Sr. Turner, sem dúvida, tão bem quanto eu; e eu tenho como certo que não há praticamente nenhuma dúvida sobre suceder o Prof. Allen, por quem ele era tão admirado e sem dúvida, visto como sendo seu sucessor natural... Eu estou escrevendo, tenho certeza, em favor da erudição histórica na América, insistindo assim em poder falar em seu louvor”.⁴⁸

Para Jacobs, não restam dúvidas de que a decisão de Chamberlin foi diretamente influenciada pela intervenção de Wilson, evidenciando o peso das relações pessoais nas questões profissionais.

⁴⁶ BILLINGTON, Ray Allen. *Frederick Jackson Turner...* op. cit. p.86

⁴⁷ BOGUE, Allan G. *Frederick Jackson Turner...* op. cit. p.59

⁴⁸ Trecho de carta enviada por W. Wilson a Reuben Gold Thwaites, amigo e colega de Turner, onde conta que havia escrito a Chamberlin. WILSON apud JACOBS, Wilbur R. *Frederick Jackson Turner...* op. cit. p.23

Logo após assumir o cargo, Turner se envolveu na construção de um programa de pós-graduação em Wisconsin, seguindo o objetivo da Chamberlin de transformar Madison em um centro de formação de pós-graduandos no meio Oeste, quebrando, assim, o monopólio que a Universidade de Chicago possuía na região. Neste ínterim, o professor Ely havia decidido sair de JHU ao não ser promovido a professor titular após Adams ter sido. Turner percebeu essa saída como uma oportunidade, uma vez que Ely era um pesquisador com reputação já estabelecida, o que seria ótimo para um programa em construção, e sugeriu a Chamberlin que este iniciasse as negociações. Neste meio tempo, o conselho de regentes aprovou a criação da Faculdade de Economia, Ciências Políticas e História, com oferta de curso de pós-graduação. Em uma carta a Ely, Turner argumentou: “Agora, seremos capazes de construir um departamento de pós-graduação em casa, e quando você estiver aqui, tenho certeza de que a Universidade de Chicago terá suas mãos mais do que cheias em seus esforços em monopolizar a ciência política, o que eu soube ser sua intenção”.⁴⁹ Ely aceitou o cargo e seria o chefe da faculdade, o que representava para Turner um fortalecimento da História e a possibilidade de que, em breve, poderia se tornar uma faculdade separada. Além disso, também representava o fortalecimento da universidade, que logo se tornaria um centro de pós-graduação, e não apenas de formação para jovens que, após concluírem a graduação, continuariam seus estudos em Chicago, nas palavras de Turner, não gostaria que sua instituição fosse “a feeder to Chicago”.

O início da década de 1890 foi marcado pela intensa atividade de Turner, tanto na criação e aperfeiçoamento da nova faculdade quanto no que se refere à sua produção intelectual; foi um momento de se estabelecer profissionalmente e de estabelecer o campo que buscava construir. Em seus primeiros anos em Madison, como professor, assumiu infindáveis compromissos extraclasse: foi convocado pela universidade para participar de todos os tipos de comitês – “organizar uma série de palestras, revitalizar o jornal

⁴⁹ TURNER apud BOGUE, Allan G. *Frederick Jackson Turner...* op. cit. p.67

estudantil, ajudar as sociedades literárias no planejamento de seus programas” –,⁵⁰ atuou como curador da Sociedade Histórica do Estado, participando do comitê de monumentos históricos, além disso, tornou-se membro de incontáveis clubes.

Sua tese, de acordo com Allan Bogue, cumpriu o papel de demonstrar suas habilidades como pesquisador, mas não causou grande impacto entre os historiadores. Em contrapartida, escreveu alguns ensaios de maior importância para a definição do campo de história do Oeste e escreveu uma série de resenhas que o ajudaram a fazer reputação como autoridade em história dos Estados Unidos, “[...] escrever resenhas aguçou seus talentos críticos, ampliou seu conhecimento e deu a ele a oportunidade de pensar em seu campo, assim como de proclamar sua importância”.⁵¹ Um exemplo disso foi a resenha que escreveu sobre o livro do futuro presidente dos Estados Unidos e da AHA, Theodore Roosevelt, “*The Winning of the West*”, em que utilizou a parte introdutória para falar que uma importante parte da história de seu país ainda não havia sido escrita e ressaltou a importância de se estudar o Oeste para compreender o desenvolvimento da nação.⁵²

Foi neste período que apresentou, no encontro a American Historical Association, seu ensaio mais famoso “*The Significance of the Frontier in American History*”. O texto iniciava com a constatação de que um importante capítulo da história americana havia se encerrado na década anterior, com o fim da existência de uma linha de fronteira. Até então, a história do povo americano havia sido a história de uma contínua expansão para o Oeste, em busca de terras livres para fugir das pressões capitalistas do Leste; havia sido uma história de contínuo recomeço, uma vez que, ao sair do Leste, os pioneiros voltavam a um estado primitivo anterior e iniciavam na região

⁵⁰ BILLINGTON, Ray Allen. *Frederick Jackson Turner...* op. cit. p.89

⁵¹ BOGUE, Allan G. *Frederick Jackson Turner...* op. cit. p.87

⁵² Turner continuou a escrever resenhas ao longo dos anos, principalmente após ter apresentado seu mais famoso ensaio, mas, em 1903, fez sua última resenha de um livro de História, que foi de um livro de Woodrow Wilson, onde foi bastante crítico. Wilson sugeriu que Turner não deveria mais fazer resenhas, havendo um estreitamento na relação de amizade dos dois. Depois disso, Turner percebe que resenhas podem afetar as relações, mas que elas haviam sido importantes para fortalecer e consolidar seu nome como autoridade em história do Oeste, mas que, naquela altura, essa busca por posição já não era mais necessária. (BOGUE, 1998. p.190-191).

um novo processo de desenvolvimento. Sendo assim, a jornada dos fronteiros transformava a eles mesmos e a seu país, uma vez que o encontro com os indígenas e a progressiva adoção de alguns de seus costumes era o que os transformava em americanos (uma junção da “selvageria” e da “civilização”) e era ali que surgia a principal instituição americana, a democracia. Neste sentido, Turner argumentava que o ponto de vista até então adotado para explicar o desenvolvimento dos Estados Unidos estava equivocado, e que a chave para esse entendimento se encontrava no Oeste, e não no Leste.⁵³

O texto não causou grande impacto durante o encontro, “A afirmação da ‘hipótese da fronteira’ não convenceu imediatamente os colegas de Turner de sua verdade essencial, nem marcou Turner como historiador destinado ao sucesso profissional”.⁵⁴ Billington comenta que um jovem historiador que esteve presente na leitura do texto lembrou mais tarde que o público reagiu com uma “indiferença entediada”, tipicamente dispensada a jovens pesquisadores de pequenas universidades lendo suas primeiras publicações profissionais.⁵⁵ A valorização do ensaio viria ao longo dos anos seguintes, com o esforço de Turner em torná-lo conhecido entre seus pares. Assim, o historiador enviou cópias a colegas que já possuíam reputação estabelecida e a pesquisadores que acreditou poderem se interessar pelo seu trabalho. Um deles foi Roosevelt, que por carta, afirmou que o texto vinha em boa hora, uma vez que estava trabalhando no terceiro volume de “*The Winning the of the West*”, além disso, afirmou: “Eu acho que você atingiu algumas ideias de primeira classe, e pontuou de maneira definitiva uma boa dose de pensamentos que têm flutuado de maneira solta”.⁵⁶ Esses colegas elogiaram o ensaio, mas naquele momento, nenhum percebeu sua importância como proposta inédita de perspectiva para o entendimento da história americana, com a potencialidade de revolucionar a historiografia sobre o país.

⁵³ TURNER, Frederick Jackson. O Significado da Fronteira na História Americana... op. cit.

⁵⁴ BOGUE, Allan G. *Frederick Jackson Turner...* op. cit. p.98

⁵⁵ BILLINGTON, Ray Allen. *Frederick Jackson Turner...* op. cit. p.129

⁵⁶ ROOSEVELT apud JACOBS, Wilbur R. *Frederick Jackson Turner...* op. cit. p.4

Allan Bogue destaca os diversos motivos para a larga aceitação da *frontier thesis* de Turner. Entre eles estaria a força retórica do ensaio, que, geração após geração, impactou leitores. Além da habilidade na escolha da linguagem utilizada, o uso da teoria social contemporânea, como a teoria evolucionista, valorizando o ambiente como principal fator na adaptação das espécies, encontrou terreno amigável entre os profissionais, já que, como veremos adiante, a teoria evolucionista de Darwin foi largamente utilizada pela primeira geração de profissionais para explicar o desenvolvimento das instituições americanas. Mas, diferentemente do uso que seus antecessores fizeram desta teoria, para Turner, a chave explicativa para o desenvolvimento das instituições se encontrava dentro de seu próprio território, e não no desenvolvimento de raízes teutônicas no Novo Mundo, criando uma narrativa verdadeiramente nacional para seu país.⁵⁷ A posição ativa de Turner dentro da AHA também desempenhou papel importante na disseminação da *frontier thesis*. Mesmo que grande parte de seus membros fosse amadora, os líderes da associação que trabalhavam ativamente na estrutura institucional, desde a sua fundação, eram profissionais e aceitaram a teoria de Turner como parte do conhecimento corrente daquela geração, influenciando os novos membros da profissão.⁵⁸ A relação de proximidade que mantinha com John Franklin Jameson também abriu portas. Como editor da *American Historical Review*, encorajou Turner a publicar seus textos no periódico.⁵⁹

A crescente reputação de Turner não serviria apenas para prestígio próprio, mas acabaria por beneficiar sua instituição, tornando-a referência em estudos sobre o Oeste no país,

⁵⁷ Além da aceitação entre os profissionais, a teoria de Turner também foi popular entre o público não especializado, isso porque a Oeste vinha sendo ignorado pelos historiadores, mas não pela cultura popular americana, onde, desde o período colonial, a fronteira era vista de maneira romantizada, como sendo a responsável pela criação de uma civilização excepcional. Também houve um esforço da parte de Turner para que sua teoria fosse conhecida entre esse público, uma vez que publicou “*The Problem of the West*” e “*Dominant Forces in Western Life*” na *Atlantic Monthly*, revista de grande circulação fora do âmbito acadêmico, BOGUE, Allan G. *Frederick Jackson Turner...* op. cit. p.114-115

⁵⁸ Idem, *ibidem*, p.116

⁵⁹ JACOBS, Wilbur R. *Frederick Jackson Turner...* op. cit. p.17

Institucionalmente, o ensaio transmitia a mensagem aos acadêmicos e futuros acadêmicos de que o lugar para prosseguir esse estudo era a Universidade de Wisconsin e não a nova universidade de Chicago. De fato, entre os poucos historiadores que Turner criticou especificamente em seu artigo por não reconhecerem a importância do Ocidente na história norte-americana, estava o ilustre Professor von Holst, da Universidade de Chicago.⁶⁰

Um indício da transformação da UW em centro de estudos sobre o Oeste foi a criação, por parte de Turner, do curso de História do Oeste, no ano acadêmico de 1895-96, o primeiro a ser oferecido nos Estados Unidos⁶¹. Além disso, já nos primeiros anos da década de 1890, a maior parte dos pós-graduandos que se inscreveram no curso *Historical Seminary*, que objetivava preparar os estudantes para pesquisas originais, escolheram realizar pesquisas que possuíam relação com o Oeste:

Como era de se esperar, os estudantes de pós-graduação em história americana em Madison trabalharam dentro do leque de interesses de Turner. Durante a década de 1890, os mestrandos examinaram a carta colonial, os sistemas fundiários e outros aspectos do governo e da política do final dos períodos revolucionários coloniais, bem como o início do período nacional. Eles também selecionaram tópicos na história da imigração, assentamentos e melhorias internas.⁶²

Turner supervisionou um grande contingente de jovens historiadores que passaram por Madison, em grande parte por ser referência em estudos sobre o Oeste, mas também por outro motivo, de grande importância, mas não tão “acadêmico”: seu carisma. Uma de suas alunas, Louise Phelps Kellog, afirmava que a razão do sucesso do seminário de Turner estava em sua habilidade em criar um sentimento de “camaradagem” e de democracia intelectual, onde todos os membros do seminário se viam como companheiros de trabalho. “Uma impressão de estatura profissional, charme pessoal, humor

⁶⁰ BOGUE, Allan G. *Frederick Jackson Turner...* op. cit. p.101

⁶¹ “History of the West” aparecia pela primeira vez no catálogo de cursos da universidade, mas a temática já vinha sendo abordada por Turner há alguns anos em outros cursos sobre história dos EUA. BILLINGTON, Ray Allen. *Frederick Jackson Turner...* op. cit. p.136

⁶² BOGUE, Allan G. *Frederick Jackson Turner...* op. cit. p.122

humano, aparência atraente, voz melodiosa – e acima de tudo, entusiasmo – faziam de Turner um verdadeiro flautista para muitos jovens historiadores”.⁶³

A constituição do campo da *western history* ocorreu pela disseminação de pesquisas sobre o tema sob a orientação de Turner e pela progressiva formação de profissionais que, após concluírem seus estudos em Madison, ocuparam cargos como professores em outras instituições de ensino e escreveram textos sobre história do Oeste, além disso, também orientaram alunos que acabariam por seguir a temática. Em um trecho da já mencionada carta autobiográfica à C.L.Skinner, Turner demonstrou ter consciência de seu papel na criação do campo da *western history* e de sua disseminação através de seus alunos:

Entretanto, saindo de um curso sobre “A História Econômica e Social dos EUA” (tratando de diferentes períodos, em diferentes anos), desenvolvi o curso da História do Oeste, o primeiro, penso eu, no país. Parecia “pegar”; e agora, algo como a metade dos estados oferece esse curso, e muitas das principais universidades, leste e oeste, o incluem em seu currículo. Uma parte considerável dos instrutores foi treinada no meu seminário.⁶⁴

Turner aprendeu muito sobre como se estabelecer profissionalmente no ano em que passou na Johns Hopkins Universty. Uma prática dessa instituição, que foi reproduzida na University of Wisconsin, foi a publicação das teses defendidas em boletins. Duas das teses de seus alunos (Kellog e McCarthy) foram vencedoras do Winsor Prize da AHA em 1902 e 1903. A publicação das produções de seus alunos, assim como as premiações, foi importante para colocar em evidência o seu nome e o de sua universidade.⁶⁵ Além disso, aprendeu com Adams a ser um impulsionador de seus alunos, desse modo, ajudou inúmeros estudantes a se colocar profissionalmente em posições de prestígio, e se utilizou de sua posição como membro do conselho da AHA para promover os pesquisadores de sua universidade,

⁶³ Idem, *ibidem*, p.124

⁶⁴TURNER apud JACOBS, Wilbur R. *Frederick Jackson Turner...* op. cit. p.57

⁶⁵ BOGUE, Allan G. *Frederick Jackson Turner...* op. cit. p.124

No compromisso de Adams com seus alunos residentes e em atuação, no momento em que a cultura profissional da disciplina estava surgindo, encontramos um exemplo de educação profissional que Turner e seus colegas também adotaram em suas relações com os estudantes. O compromisso dos supervisores de seminário em posicionar seus alunos satisfatoriamente na profissão e garantir seu futuro, refletiu-se na contínua lealdade das pessoas às ideias e à pessoa de seu mentor. Dentro da profissão histórica, foi um padrão de comportamento que continuou por gerações.⁶⁶

Além dos esforços dentro de sua universidade, Turner também foi bastante ativo na American Historical Association. Ainda bastante jovem, foi eleito para o Conselho Executivo, em 1896, cargo em que permaneceu até 1899. Nesse período, foi selecionado como membro da Comissão de Manuscritos Históricos e supervisionou uma das atividades mais importantes da associação. Jameson era o chefe da comissão que, em 1896, definiu como seu objetivo compilar uma lista de manuscritos públicos e particulares, sendo assim, buscou os mais relevantes para serem publicados no *annual report* da associação. Turner ficaria responsável por compilar documentos sobre o Oeste.⁶⁷ Durante o período em que foi membro da comissão, editou vários documentos importantes, entre eles, uma série de cartas que contribuiriam para pesquisas futuras sobre a diplomacia relacionada ao Vale do Mississippi e ao Oeste Americano.⁶⁸

Em 1901, Turner voltou a fazer parte do Conselho Executivo, onde permaneceu até 1904. Nesse período, Jameson foi escolhido como segundo vice-presidente da associação e escalou posições até se tornar presidente em 1907. É importante notar que a chegada deste, no cargo, marcou um momento de ruptura na associação, uma vez que, diferentemente do que vinha ocorrendo nos anos anteriores, a partir de então, o posto seria ocupado em grande medida por historiadores profissionais.⁶⁹

⁶⁶ Idem, *ibidem*, p.146

⁶⁷ BILLINGTON, Ray Allen. *Frederick Jackson Turner...* op. cit. p.166

⁶⁸ BOGUE, Allan G. *Frederick Jackson Turner...* op. cit. p.188

⁶⁹ John Franklin Jameson foi um importante personagem na profissionalização da História nos Estados Unidos. Além de ter estado presente na fundação da American Historical Association, chefiou a Comissão de Manuscritos Históricos em 1895 e foi o primeiro editor chefe da American Historical Review, cargo que ocupou durante longos anos. Jameson

Bogue afirma que os anos em que Turner foi ativo na associação foram justamente os de sua consolidação como voz institucional da nascente disciplina histórica, onde seus líderes pensaram estratégias de fortalecimento da profissão.⁷⁰ Jameson foi seu grande aliado nos planos para alavancar as pesquisas históricas no país. Juntos, de acordo como Billington, os dois formavam uma dupla perfeita: “[...] Turner propondo planos, Jameson reduzindo-os a tamanhos práticos e aparando arestas para que fossem adotados”.⁷¹

Em 1907, Turner foi eleito o segundo vice-presidente da associação, o que representava que no ano seguinte seria o primeiro vice-presidente e depois presidente, tendo ocupado a posição no ano de 1910. Em sua gestão, tentou fazer um levantamento de todos os documentos localizados nos arquivos do Executivo para que, futuramente, fossem publicados e facilitassem as pesquisas. Esse projeto acabou sendo um fracasso, uma vez que não conseguiu que o Congresso liberasse fundos para o levantamento.⁷² De acordo com Avila, o ano em que Turner presidiu a associação foi importante para “conformar a condição de ‘mito historiográfico de origem’ da *frontier thesis* através de um aparelho institucional que operou como legitimador para tal escrita da história”, uma vez que a AHA editou manuais para professores primários e secundários sugerindo leituras e métodos de ensino, “não é de se surpreender, portanto, que a bibliografia e as técnicas recomendadas ecoassem as principais premissas da *frontier thesis*”.⁷³ Neste sentido, fica-nos evidente que a posição e a influência do historiador na associação foram importantes para a consolidação de sua teoria explicativa do desenvolvimento de seu país.

Em 1915, Turner era secretário do Conselho de Editores da AHR e esteve em meio a um período tumultuoso dentro da AHA. Alguns membros, liderados por Frederic Bancroft, Dunbar Rowland e John H. Latané, levantaram-se

foi o primeiro historiador profissional a ocupar a presidência, mas, desde a sua criação, teve grande influência nas questões da associação. Fora da AHA, foi diretor do Departamento de Pesquisa Histórica da Carnegie Institution em 1905, HIGHAM, John. *History...* op. cit.

⁷⁰ BOGUE, Allan G. *Frederick Jackson Turner...* op. cit. p.181

⁷¹ BILLINGTON, Ray Allen. *Frederick Jackson Turner...* op. cit. p.287

⁷² AVILA, Arthur Lima. *E da Fronteira veio um Pioneiro...* op. cit. p.43

⁷³ Idem, *ibidem*, p.43-44

contra o controle de uma minoria de historiadores sobre a associação. Esses “insurgentes”, como denominou Billington, criticavam o sistema de autopropetuação de um grupo de professores de grandes universidades que atuavam por um sistema de diretorias interconectado, onde mais de dois mil historiadores eram governados por meia dúzia:

Todos os oficiais eram escolhidos por uma comissão de nomeação que era eleita pelo conselho executivo; o segundo vice-presidente ascendia automaticamente à presidência e depois passava a ser membro vitalício do conselho; o secretário e o tesoureiro ocupavam o cargo praticamente por toda a vida; o conselho de editores da *American Historical Review*, formado por meia dúzia homens, sugeria suas próprias substituições, que eram automaticamente confirmadas pelo conselho.⁷⁴

Esses historiadores reivindicavam uma democratização da associação, tornando o Conselho Executivo representativo, transferindo para os encontros o poder de decisão. Além disso, queriam garantir a posse da AHR à associação. Esses “membros da oligarquia”, como acusavam os insurgentes, não se viam como ocupando perpetuamente posições na associação para benefício próprio, mas sim, como sacrificando seu tempo em favor da profissão.⁷⁵

Ao longo de seus anos em Madison, Turner recebeu diversos convites para lecionar em outras instituições, ofertas que utilizou para negociar e melhorar a sua situação e a de sua disciplina dentro da University of Wisconsin, “Turner era um mestre em mostrar interesse suficiente e respeito lisonjeiro a instituição inquiridora para encorajar o pretendente acadêmico enquanto descrevia sua posição atual buscando aumentar o ardor”.⁷⁶ Em 1896, recebeu de Woodrow Wilson um convite para atuar em Princeton, já que uma cátedra em história da América seria criada. Houve trocas de cartas entre os dois durante meses, em que Turner expunha seus rendimentos anuais em Madison, as qualidades da biblioteca de sua universidade para pesquisas em seu campo, as

⁷⁴ BILLINGTON, Ray Allen. *Tempest in Clío's Teapot...* op. cit. p.348

⁷⁵ Idem, *ibidem*, p.349

⁷⁶ BOGUE, Allan G. *Frederick Jackson Turner...* op. cit. p.152

vantagens econômicas da região onde vivia, os motivos pessoais para gostar de viver em Wisconsin e sua falta de disposição em deixar para trás seu amigo e colega Charles Homer Haskins. Wilson oferecia contrapropostas, propondo um salário maior em Princeton e apresentando a possibilidade de estender o convite a Haskins. Por questões de falta de verba em Princeton, Wilson precisou suspender os convites,⁷⁷ o que foi recebido por Turner com alívio, como fica evidente em um trecho da carta de resposta a Wilson:

Entre a perspectiva que você oferecia e minha posição atual, sua sugestão era atraente, e a perspectiva de ter você como colega poderia ter rompido minhas raízes aqui; mas teria sido uma escolha difícil de fazer, pois minha biblioteca e nossos lagos são muito fortes aqui - talvez tenha sido, afinal, um ato elegante do destino resolver isso por mim! e eu valorizo o incidente como uma prova de sua consideração.⁷⁸

Meses depois, recebeu uma oferta para trabalhar na Universidade da Pensilvânia, onde, futuramente, o convite também seria estendido a Haskins.

Turner havia informado Charles Kendall Adams, reitor desde 1892, sobre as ofertas. Em um primeiro momento, não recebeu nenhuma contraproposta para permanecer em Madison, mas, com a contínua procura por Haskins por parte da Universidade de Princeton, e esta última oferta por parte da Pensilvânia, Adams recomendou bolsas de estudos em história da América e da Europa e a apropriação de quinhentos dólares para a compra de livros de história europeia, que poderia aumentar ao longo dos anos.⁷⁹

Em 1900, a oferta veio de Chicago. Turner foi convidado a dar aulas durante o verão na instituição; nesse meio tempo, o professor Von Holst ficou seriamente doente e Turner permaneceu na instituição como convidado. Após a morte do professor, foi convocado a substituí-lo. Um pouco antes de sua ida a Chicago, Turner havia perdido dois de seus três filhos, a filha mais nova havia morrido em fevereiro de 1899 por difteria, e em outubro, o filho do meio,

⁷⁷ Idem, *ibidem*, p.151-155

⁷⁸ TURNER apud JACOBS, Wilbur R. *Frederick Jackson Turner...* op. cit. p.31

⁷⁹ BOGUE, Allan G. *Frederick Jackson Turner...* op. cit. p.156

por complicações decorrentes de um apêndice rompido. Turner considerou aceitar a vaga em Chicago para mudar de ares após a tragédia familiar. O historiador informou a Ely da oferta, e este último, não tendo a pretensão de perder Turner, garantiu que a universidade se comprometeria com o desenvolvimento do programa de História. Desta forma, sugeriu um aumento em seu salário anual, acompanhado da criação de uma Faculdade de História separada, onde Turner seria o chefe.⁸⁰

Turner recusou a oferta de Chicago, e assim nasceu a Faculdade de História da Universidade de Wisconsin. Membros de gerações posteriores do corpo docente de história da Universidade de Wisconsin por vezes criticaram colegas que recebiam aumentos consideráveis com base em ofertas externas e, assim, diminuía os fundos disponíveis para os outros. Mas o programa de história da Universidade de Wisconsin surgiu como uma escola separada do Colégio de Letras e Ciências como resultado de tal incidente.⁸¹

Mas a *School of History* não durou muito tempo. Após a eleição de Van Hise como reitor, em 1892, diversas faculdades foram transformadas em departamentos, o que ocorreu com a História, mas com a garantia de que não haveria alterações em seu programa, onde Turner continuaria à frente da chefia, mantendo o mesmo salário.⁸²

Já em 1900, foi convidado a ocupar o cargo de Adams, na Johns Hopkins, após seu falecimento, e recebeu convites das universidades de Chicago e Stanford, duas instituições que procuravam uma posição de liderança na História e por isso buscavam pesquisadores renomados. Novamente, após considerar os benefícios de ir e os de permanecer, assim como comunicar as propostas a Van Hise, decidiu continuar em Madison, não sem conseguir uma autorização para dar aulas em um semestre e se ausentar em outro, para poder realizar

⁸⁰ Idem, *ibidem.*, p.158

⁸¹ Idem, *ibidem.*, p.160

⁸² Idem, *ibidem.*, p.180

pesquisas em outras bibliotecas.⁸³ Esse cenário mudaria em 1910, quando acabaria por aceitar um convite como professor em Harvard após progressiva insatisfação em Wisconsin.

Turner reclamava que o Departamento de História estava recebendo pouco financiamento, tornando-se pouco atraente a estudantes de outras regiões. Sendo assim, em 1905, pediu a Van Hise mais bolsas de estudos e investimentos para os departamentos com maior demanda, isso para que os melhores estudantes vissem em Madison uma boa oportunidade para sua formação.⁸⁴ Além disso, em 1908, houve uma mudança na composição dos membros do comitê de regentes em Wisconsin, após a eleição de James O. Davidson para o governo do estado. Esse novo comitê tinha como política enfatizar os estudos práticos em detrimento dos humanísticos, que vinham sendo favorecidos ao longo do governo de La Follette, e a intervir nas decisões de professores e administradores da universidade.⁸⁵ Assim, criticavam o fato de os departamentos de Letras e Ciências terem obtido uma grande quantidade de bolsas de estudos e desaprovaram salários de alguns professores que consideravam muito altos.⁸⁶ Jacobs afirma que ficava claro que os novos regentes estavam insatisfeitos com as condições de trabalho de Turner, “Eles estavam impacientes com o acordo onde Turner aceitava uma licença de um semestre, anualmente, em vez de um salário mais alto. Eles tinham pouca simpatia pela dedicação de Turner à pesquisa e sugeriram que tal atividade indicava uma falta de interesse nos alunos”.⁸⁷

Na tentativa de reverter a situação de Turner, provando sua dedicação aos estudantes, Van Hise pediu para que escrevesse um relatório falando dos alunos que sob sua supervisão haviam ganhado o *Justin Winsor Prize*, prêmio

⁸³ Além dos convites de diversas instituições para ocupar cargo de professor, Turner esteve em diversas universidades dando aulas com professor convidado. Em 1904, por exemplo, passou algum tempo em Harvard e depois na Universidade da Califórnia BOGUE, Allan G. *Frederick Jackson Turner...* op. cit. p.202

⁸⁴ Idem, *ibidem*, p.196

⁸⁵ BILLINGTON, Ray Allen. *Tempest in Clio's Teapot...* op. cit. p.292

⁸⁶ BOGUE, Allan G. *Frederick Jackson Turner...* op. cit. p.249

⁸⁷ JACOBS, Wilbur R. *Frederick Jackson Turner...* op. cit. p.44

anual da AHA para melhores monografias não publicadas em História da América. Em um trecho do texto, afirma:

Vocês podem estar interessados em saber que o professor [George P.] Garrison, chefe do departamento de história da Universidade do Texas, e autor de vários livros sobre a história do Oeste, escreveu esta frase na cópia de sua "*Westward Extension*" na *American Nation Series* que me enviou: 'Para o mestre da história do Oeste' &c

Quando me arrependo de não ter publicado mais livros, tomo com afeição essas palavras, e muitas outras, especialmente de meus antigos alunos que agora estão avançando nas investigações da história americana e que me asseguram que meu trabalho tem sido útil para eles. Alguns desses homens, pelo menos, não concordariam com a minha "falta de interesse em meus alunos". Se eu tivesse menos interesse, eu deveria ter publicado mais livros.⁸⁸

Por mais que Van Hise tenha se esforçado para modificar a posição dos regentes, a insatisfação de Turner aumentava, e nesse contexto, recebeu uma oferta de emprego na Universidade da Califórnia. Ao saber que Turner estava pensando seriamente em sair de Madison, Haskins, que desde 1902 ocupava um cargo em Harvard, pediu para que o amigo esperasse para responder ao convite porque discutiria com seus colegas a possibilidade de também fazerem uma proposta. Após ser formalmente convidado a ocupar um cargo como professor de história da América, Turner finalmente decidiu deixar Wisconsin e ir para Harvard.

Ao optar por Harvard, Turner levou em consideração a existência de um departamento de História já montado e consolidado na instituição, ao contrário da Califórnia, onde a proposta era justamente a de criação de um departamento sob a supervisão de Turner devido a sua experiência em Madison. Após anos em Wisconsin, dedicando-se muito à construção de um programa em História e envolvendo-se intensamente em questões políticas e administrativas da instituição, o historiador não queria mais esse tipo de trabalho, desse modo, optou por ir para um lugar onde pudesse ter tranquilidade

⁸⁸ TURNER apud JACOBS, Wilbur R. *Frederick Jackson Turner...* op. cit. p.45

para fazer suas pesquisas e, finalmente, conseguir publicar.⁸⁹ A mudança de instituição representou uma mudança profunda em relação à vida profissional que Turner levava em Madison: não se envolveu com políticas universitárias e nunca teve o poder que tinha em Wisconsin, uma vez que, em Harvard, era apenas mais um professor talentoso do departamento. Além disso, ao contrário do que imaginava ao aceitar o cargo, não conseguiu completar as pesquisas e publicar os livros que havia planejado. No Leste, continuou a manter uma vida social ativa, adentrando círculos intelectuais de Cambridge e Boston, como clubes, sociedades históricas locais e outras sociedades, como a de antiquários e de geógrafos, mas mesmo assim, “nenhuma dessas associações, no entanto, forneceu o sentimento de pertencimento, nem memórias simbólicas comparáveis àquelas conhecidas na construção de calcário e mármore localizada na junção de Park and State Street, em Madison”.⁹⁰

Os anos de Turner na University of Wisconsin representaram os anos em que atuou ativamente na profissionalização da História e no estabelecimento de sua *western history*: produziu frutíferas reflexões, ajudou a formar alunos e a inseri-los em instituições acadêmicas, organizou um programa em História e participou de políticas universitárias. Em Harvard, deu aulas, continuou supervisionando alunos e realizando suas pesquisas, mas é possível afirmar que aquela fase anterior havia sido definitivamente encerrada. Em 1924, Turner se aposentou e, três anos depois, aceitou um convite de seu amigo Max Ferrand para ser diretor da Huntington Library, na Califórnia, onde teria acesso a documentos importantes para suas pesquisas. Em 1932, já com a saúde debilitada, sofreu um ataque cardíaco fatal, deixando inacabada a grande obra em que vinha trabalhando em seus últimos anos.

⁸⁹ Ao longo da vida acadêmica de Turner, a escrita foi um motivo de angústia contínuo. Turner escreveu muito pouco, alguns artigos e ensaios e apenas um livro “*The Rise of the New West, 1819-1829*” para uma série “*The American Nation*”, organizada por Albert Bushnell Hart, escrita ao longo de um extenso e doloroso processo. Durante sua vida, o historiador fechou contrato com diversas editoras que lhe encomendaram livros, acadêmicos e didáticos, sempre adiantando algum pagamento para possibilitar as pesquisas. Esses livros nunca seriam escritos, e durante anos, foram motivo de cobranças e de angústia. BOGUE, Allan G. *Frederick Jackson Turner...* op. cit. p.148-151. Turner atribuía sua dificuldade em escrever ao fato de gastar muito tempo em atividades administrativas de sua universidade, mas, mesmo após sua ida à Harvard, onde não tinha compromissos administrativos e conseguiu manter o acordo que tinha em Madison de utilizar um semestre para pesquisas, continuou tendo dificuldades para produzir.

⁹⁰ BOGUE, Allan G. *Frederick Jackson Turner...* op. cit. p.278

*

Ao longo de sua vida, o caminho de Turner esteve intimamente ligado ao de sua profissão, ajudando a constituí-la e sendo constituído como historiador por ela, dedicando sua vida à construção das bases institucionais para que um conhecimento histórico disciplinado fosse possível. Mas Turner não foi personagem solitário neste processo, uma figura fora da curva. Assim como ele, diversos outros historiadores dedicaram suas vidas ao fortalecimento da disciplina recém-nascida, sendo ativos na associação, colaborando com artigos, pareceres e no corpo editorial de periódicos, além de terem se empenhado na formação das gerações seguintes de profissionais.

Dentre estes tantos, podemos mencionar William A. Dunning, professor da Columbia University, que presidiu a AHA em 1913. Dunning foi referência por muitos anos em história da Reconstrução do Sul e, assim como Turner, formou dezenas de pesquisadores e professores universitários que disseminariam sua teoria, além de ter sido membro ativo da sua associação. Outro historiador que dedicou sua vida à construção da profissão foi o já mencionado John Franklin Jameson, que até a sua morte, esteve presente na AHA, no corpo editorial da AHR e em comissões de gestão de fontes para pesquisas em História.

Na segunda parte deste trabalho, veremos como estes historiadores, além de terem atuado na profissionalização, fizeram parte do grupo que desenvolveu a disciplinarização da História. Guiados por valores cientificistas do final do século, utilizaram o espaço aberto pela sua associação profissional para debater sobre o conhecimento histórico e defender suas posições sobre questões caras à disciplina, buscando definir seus objetos, suas fronteiras, o que seria permitido e o que seria proibido na prática historiográfica disciplinada.

Segunda parte

Disciplinarização

A constituição disciplinar da História começou a ocorrer no século XIX, em meio à Segunda Revolução Científica, onde o modelo de racionalidade na qual se baseou seria o da ciência moderna, que começou a se formar no século XVI. A sua adoção pelas ciências sociais foi o marco para que se possa falar em um modelo global de racionalidade científica. Uma característica marcante desse modelo é o seu caráter totalitário, uma vez que nega a racionalidade às outras formas de conhecimento que não se pautam por seus princípios epistemológicos e regras metodológicas, havendo, assim, uma única forma de conhecimento verdadeiro. O paradigma científico corresponde a uma nova visão do mundo e da vida, onde há uma ruptura intensa entre saber científico e senso comum, em que o primeiro desconfia sistematicamente das evidências das experiências imediatas enquanto o segundo se baseia nelas.¹

O fortalecimento dessa racionalidade faz parte de um processo de secularização, ou como denominou Max Weber, de desencantamento do mundo, em que desde o advento das ciências, há uma busca por compreender o mundo sem considerar a ação de forças ocultas. Para Weber, o desencantamento significa “o saber ou a crença em que, se alguém simplesmente quisesse, poderia, em qualquer momento, experimentar que, em princípio, não há poderes ocultos e imprevisíveis, que nela interfiram; que, pelo contrário, todas as coisas podem – em princípio – ser dominadas

¹ SANTOS, Boaventura de Souza. Um discurso sobre as Ciências na transição para uma ciência pós-moderna. In.: *Estudos Avançados*, vol.2 no.2 São Paulo May/Aug. 1988.

mediante o cálculo”.² Mas isso não significa um maior conhecimento sobre as condições da vida, pelo contrário, há um conhecimento sobre o funcionamento técnico do mundo, mas esse conhecimento não traz respostas sobre qual seria o sentido da existência.³

Neste capítulo, veremos como os historiadores da virada do século debateram em busca da transformação da História em disciplina a partir de um modelo de ciência moderna, procurando afastá-la da Literatura e estabelecer regras para a produção de conhecimento sobre o passado.

² WEBER, Max. A ciência como vocação... op. cit. p.14

³ Idem, *ibidem*, p.17. Wolfgang Schluchter, em um ensaio sobre o conceito de “desencantamento do mundo”, afirma que “Um sóbrio olhar sobre a História da ciência mostra que, conforme podemos ler em Weber, toda busca que, com os meios da ciência, quer alcançar o verdadeiro Ser, a verdadeira Arte, a verdadeira Natureza, o verdadeiro Deus ou mesmo a verdadeira Felicidade, fracassa miseravelmente. A questão sobre o que devemos fazer, ou como devemos viver, não encontra nenhuma resposta na descoberta cientificamente bem-sucedida de correlações causais.” SCHLUCHTER, Wolfgang. O desencantamento do mundo. In.: *O desencantamento do mundo*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2014, p.46

Cientificização da História

Políticas da interpretação histórica

A História se constitui em disciplina a partir do modelo de racionalidade científica que começou a emergir no século XVI e chegou às ciências sociais três séculos depois. Em “*The Politics of Historical Interpretation*”, Hayden White buscou compreender qual a política da interpretação que esteve por trás da transformação de campos de estudos em disciplinas nas ciências humanas e sociais, dando especial ênfase ao caso da História, uma vez que afirma que não existe interpretação desinteressada, sem implicar interesses políticos ocultos.¹

No caso das humanidades, os diversos campos foram transformados em disciplinas sem ter alcançado uma arregimentação teórica e metodológica característica das ciências físicas. A impossibilidade das ciências humanas e sociais em converterem-se em verdadeiras ciências está na natureza de seus objetos – o ser humano, a sociedade e a cultura. Sendo assim, essas disciplinas deveriam buscar a compreensão de seus objetos, e não sua explicação, aqui entendida como busca de leis causais que explicam os fenômenos como sendo manifestações destas leis, como ocorre nas ciências físicas. Neste sentido, no campo dos estudos históricos, o historiador busca atribuir uma compreensão sobre os fenômenos, e o meio pelo qual isso ocorre é através da interpretação. A narração é a forma que se realiza uma interpretação, assim como o meio de representá-la. Essa vinculação entre interpretação, narração e compreensão proporciona a base

¹ WHITE, Hayden. La Política de la Interpretación Histórica... op. cit. p.76-77

teórica para considerar os estudos históricos como uma disciplina diferente “[...] y para resistirse a la demanda (formulada por positivistas y marxistas) de transformación de los estudios históricos en una ciencia”.²

Cada um desses grupos possui uma natureza ideológica diferente, sendo a demanda por transformação dos estudos históricos em ciência provinda do objetivo de promover uma política progressista (radical para os marxistas e liberal para os positivistas).³ Em uma época caracterizada por conflitos entre representantes de diversas posições políticas, cada uma delas apoiada em uma narrativa mestra do processo histórico que autorizasse suas pretensões de realismo, fazia muito sentido construir uma disciplina especificamente histórica,

El aspecto político de este esfuerzo analítico consistió en oponer una conciencia histórica adecuadamente disciplinada al pensamiento utópico en todas sus modalidades (religiosas, sociales y, sobre todo, políticas). La combinación de ambos aspectos de la disciplinización de la historia tuvo por efecto permitir que el tipo de conocimiento histórico producido por los historiadores profesionales sirviese de norma de realismo en el pensamiento y la acción políticos generales.⁴

Neste sentido, a politização do pensamento histórico foi uma pré-condição para a sua profissionalização, a base para ser considerada uma disciplina digna de ser ensinada nas universidades.⁵ A disciplinarização ocorreu em meio ao período moderno, a serviço de valores e regimes antirrevolucionários e conservadores, trazendo benefícios ideológicos à burguesia por conta de sua decorrente autoridade como conhecimento científico.⁶

Na busca por transformar a História em conhecimento científico, capaz de servir ao realismo de seus programas políticos, a disciplinarização impôs uma profunda “desretorização” às narrativas sobre o passado, uma

² Idem, ibidem, p.77-78

³ Idem, ibidem, p.78

⁴ Idem, ibidem, p.79

⁵ Idem, ibidem, p.81

⁶ Idem, ibidem, p.78

vez que a subordinação da História à retórica ameaçava que o conhecimento histórico fosse concebido como farsa. Sendo assim, a retórica estaria ligada à literatura, à imaginação, à ficção, sendo que a História enquanto ciência deveria encontrar suas bases nas evidências, e não na invenção.⁷ Isso acabaria por limitar, até mesmo, os objetos que poderiam ser representados narrativamente pela nascente disciplina, “*se excluyen el tipo de acontecimientos que tradicionalmente se conciben en materia de la creencia religiosa y el ritual (milagros, acontecimientos mágicos, sucesos divinos), por un lado, y el tipo de acontecimientos “grotescos” que constituyen la materia de la farsa, la sátira y la calumnia, por otro*”. Desta maneira, além de servir na disciplinarização do conhecimento histórico, a desretorização também disciplinou a imaginação histórica, pondo limites ao que constitui um acontecimento de fato histórico.⁸

Fica evidente que, para White, esse processo tem a ver com regulações, não apenas no que se refere ao verdadeiro objeto do estudo histórico, mas também em sua representação mais adequada, “*una vez más aquí hemos de recordar que la disciplina consiste menos en la prescripción de lo que se debe hacer que en la exclusión o proscrición de ciertas formas de imaginar la realidad histórica*”. Uma dessas regulações foi a progressiva supressão do sublime – fenômenos que possuem a capacidade de aterroizar –, em detrimento do belo – os que possuem a capacidade de encantar.⁹ Essas atitudes foram inegavelmente eficazes em bloquear qualquer impulso em usar a História para justificar políticas visionárias, tanto do lado radical quanto do conservador. Desta maneira, os fatos históricos se domesticam politicamente, se desideologizam. Os eventos históricos e processos são compreensíveis ou explicáveis, mas nunca podem servir de base para uma política visionária mais interessada em dotar a vida social de significado do que de beleza. Essas ideologias modernas

⁷ Idem, *ibidem*, p.83

⁸ Idem, *ibidem*, p.84

⁹ Idem, *ibidem*, p.86

extraem da História o terrível, que incita o ser humano a querer fazer diferente para si e para seus descendentes, uma vez que a ideia de que as coisas deveriam ser de modo diferente do que são parte do sentimento de repugnância. Como a História disciplinada está configurada de uma maneira a perdoar tudo, está apartada de qualquer vinculação com uma política visionária, e isso vale tanto para a concepção marxista quanto para a conservadora.¹⁰

As reflexões de Hayden White desenvolvidas em “*The Politics of Historical Interpretation*” serão especialmente importantes neste capítulo por demonstrarem o que está por trás da constituição de uma disciplina e as maneiras como esse processo ocorre. Neste sentido, tornou-se evidente que “disciplinarização” tem mais a ver com exclusões e proibições do que com permissões; ela representou uma tentativa de aproximação das ciências e afastamento da literatura, uma busca por uma desideologização, uma domesticação da imaginação histórica. A partir da análise das fontes, perceberemos que a definição da disciplina foi campo largamente disputado entre os profissionais no final século XIX e início do século XX, onde a definição do que seria a disciplina histórica passou por embates sobre qual seria a natureza do conhecimento histórico, as metodologias mais adequadas para as pesquisas, a questão da verdade e da objetividade do conhecimento, como narrar os resultados das pesquisas e, finalmente, os sujeitos que teriam legitimidade para falar em nome da História.

Bases epistemológicas

O processo de disciplinarização da História, no Ocidente, ocorreu no contexto de formação dos Estados-nacionais, tendo como finalidade a construção de uma identidade comum aos membros da nação.¹¹ No caso

¹⁰ Para White, por mais radical que o marxismo possa ser enquanto filosofia social, como filosofia da história não é mais visionário do que sua contrapartida burguesa, *Idem, ibidem*, p.91

¹¹ MUDROVIC, Maria Inés. La Nación, el Tiempo Histórico y la Modernidad... *op. cit.* p. 25

estadunidense, não houve um projeto de investimento público no desenvolvimento de pesquisas históricas com o objetivo de construção de identidade, como ocorreu em países europeus; pelo contrário, a disciplinarização se deu muito mais a partir de forças particulares, mas que constituíam, de modo geral, uma classe específica, sendo sua percepção sobre a História decorrente de seu lugar social.

A nova historiografia disciplinada foi desdobramento da mudança na forma como o tempo era experienciado, onde um regime de historicidade antigo foi substituído pela experiência moderna de tempo no século XVIII. Neste regime, há um desligamento do passado, entendido como encerrado, inaugurando a modernidade por meio de um futuro inédito, desconhecido, trazendo consigo uma ideia de progresso. Como Mudrovcic destacou, a historiografia é uma prática social baseada na representação do tempo e é possibilitada pelo regime de historicidade dominante da qual faz parte,¹² e sendo assim, a percepção do passado como encerrado e a crença no progresso estariam presentes no imaginário dos historiadores americanos e, consequentemente, em suas narrativas sobre o passado de seu país.

Uma peculiaridade do caso americano, destacada por Richard Hofstadter, em *“The Progressive Historians”* é que, diferentemente do que ocorreu em países europeus, a dimensão básica da imaginação histórica americana é o espaço, e não o tempo.¹³ O autor afirma que a História norte-americana inicia no século XVII, sem um passado feudal ou pré-feudal (na fronteira, isso só ocorre no século XIX). Desta maneira, os americanos concebem a História dentro de um âmbito temporal bastante raso, onde uma época se parece muito com a outra, compensando esse sentido curto de tempo por um sentido ampliado de espaço, *“Su pensamiento no tiende a remontarse a una antigüedad que no conocen, sino más bien se dirige hacia afuera, a un teatro geográfico de acción más amplio, el*

¹² MUDROVICIC, María Inés. Regímenes de historicidad y regímenes historiográficos... op. cit. p.15

¹³ HOFSTADTER, Richard. *Los historiadores Progresistas...* op. cit. p.20

teatro no del pasado sino del futuro".¹⁴ Frederick Jackson Turner foi o primeiro historiador a incorporar plenamente no pensamento histórico americano a consciência do espaço, a valorização do movimento para o retorno às condições naturais de surgimento da civilização. Essa valorização de um retorno às condições primitivas, agrárias, trazia consigo um grande problema a ser contornado pelos historiadores ao criarem narrativas que dessem sentido ao passado de seu país: o de incorporar a ideia de progresso, tão cara à modernidade.

Os historiadores do século XIX foram obrigados a explicar a vida de uma nação que nasceu de uma revolução que supostamente originou uma democracia vigorosa e que, menos de cem anos depois, vivenciou uma guerra civil sangrenta, com suas complexas consequências políticas, tomando para si a tarefa de tentar retomar um orgulho nacional e enquadrar o fracasso político e o horror da guerra à ideia de superioridade das instituições americanas e de progresso,¹⁵ domesticando, assim, o conflito e tentando forjar um sentimento de harmonia entre as regiões:

*las historias aprobadas del país se han esforzado constantemente por superar la profunda disparidad existente entre los ideales nacionales – unidad, democracia, igualdad, libertad, tolerancia – y las inquietantes realidades: particularismo estatal y regional, los problemas de la esclavitud y la raza, la mezcla étnica y un sistema de exclusión y discriminación, extraordinarias explosiones de intolerancia y violencia, la constante erosión del Edén norteamericano original.*¹⁶

Neste sentido, o regime de historicidade predominante no século XIX, juntamente com a secularização do conhecimento – que desde o século XVI vinha ocorrendo no Ocidente, onde buscou-se abandonar o sagrado e adotar a ciência como a maneira correta de se compreender a realidade –, contribuíram para um entendimento do passado como passível de ser

¹⁴ Idem, *ibidem*, p.21

¹⁵ Idem, *ibidem*, p.23

¹⁶ *idem*, *ibidem*. p.23

apreendido objetivamente e, conseqüentemente, para a cientificização do conhecimento histórico.

Nos Estados Unidos, a disciplinarização ocorreu de forma muito rápida, mobilizando todo um aparato institucional já mencionado anteriormente e estabelecendo os critérios metodológicos a serem empregados nas pesquisas. Os novos historiadores buscaram o reconhecimento da História como uma disciplina separada nas academias argumentando ser o estudo do passado uma prática científica por, supostamente, lançar mão de métodos científicos, como a coleta de dados; o uso de documentos primários; o emprego de raciocínio indutivo e a ausência de opiniões e floreios leiterários na escrita.¹⁷ Os historiadores românticos foram um modelo para seus sucessores profissionais devido ao seu apego aos fatos e pela busca de detalhes exatos sobre o que aconteceu. Porém, ao contrário da historiografia “científica”, esses apanhados de fatos não possuíam valor de evidências, de provas dentro de um esquema analítico, mas constituíam detalhes reais para a recriação de experiências passadas dentro de suas narrativas.¹⁸

Nos primeiros anos, via de regra, os historiadores americanos ligaram sua reivindicação ao status científico ao esforço de Charles Darwin para rastrear mudanças ao longo do tempo, numa tentativa de aplicar o método científico no estudo das populações humanas. A adoção das ideias de Darwin, e também de Spencer, no que se refere ao estudo do passado, não se restringiu ao método, mas também à utilização do conceito de “evolução”.¹⁹ Há que se destacar que a tentativa de utilizar a teoria de Darwin para compreender a sociedade nessa primeira geração, que ficou conhecida como “História Científica”, foi uma tendência, mas não uma regra. Veremos, na análise dos discursos dos presidentes da AHA, que mesmo nos anos em que essa influência esteve mais forte, havia historiadores questionando a cientificidade da História.

¹⁷ Idem, *ibidem*, p.17

¹⁸ Idem, *ibidem*, p.28

¹⁹ Townsend, Robert B. *History's Babel...* op. cit. p.17

“A Origem das Espécies”, publicada em 1859, representou um impacto gigantesco no ambiente intelectual ocidental, trazendo reflexões para diversas áreas do conhecimento além das ciências naturais, e certamente foi nos Estados Unidos que encontrou terreno mais acolhedor. Apesar de muito atacada, principalmente por setores religiosos fundamentalistas, rapidamente foi aceita por grande parte da intelectualidade americana, sendo a teoria evolucionista incorporada por antropólogos, sociólogos, historiadores, cientistas políticos, economistas, entre outros, nos estudos que buscavam compreender o desenvolvimento da sociedade americana.²⁰ Hofstadter, em “*Social Darwinism in American Thought*” afirma que, por décadas, os Estados Unidos foram, por excelência, o “país darwinista”, já que nenhum outro país incorporou as ideias evolucionistas de Darwin e o esforço de Spencer de sistematizar as implicações da evolução em outros campos além da biologia do que aquele país.²¹

Em resumo, a teoria evolucionista de Darwin parte do princípio de que os organismos variam entre si, e que essas variações são, pelo menos em parte, herdadas pelos seus descendentes, que são produzidos em uma quantidade superior do que a que sobreviverá. Neste sentido, os descendentes que herdaram características que permitam uma melhor sobrevivência no meio em que se encontram, serão os que sobreviverão e procriarão, havendo um processo de seleção natural de organismos melhor adaptados àquele ambiente.²² Essa teoria foi incorporada pelas ciências humanas e, além de Darwin, o pensamento de Herbert Spencer também seria muito disseminado entre os intelectuais americanos, já que, para Spencer, a sociedade seria também um organismo vivo, e por isso, o evolucionismo poderia ser utilizado para compreender a evolução da sociedade.²³

²⁰ HOFSTADTER, Richard. *Social Darwinism in American Thought*. Philadelphia: University of Philadelphia Press, 1955. p.4

²¹ Idem, ibidem, p.4-5

²² GOULD, Stephen Jay. *Ever Since Darwin*. Toronto: Penguin Books, 1991. p.11

²³ HOFSTADTER, Richard. *Social Darwinism in American Thought...* op. cit. p.38

O exemplo mais fechado da incorporação da teoria evolucionista na historiografia americana se encontra na *germ-theory*, corrente historiográfica bastante disseminada naquele contexto, onde defendia-se que os antecedentes das instituições americanas poderiam ser encontrados na Alemanha feudal. A primeira geração de profissionais era bastante favorável a essa corrente teórica. Para eles, a sociedade, sendo um organismo vivo, deveria ser estudada através da busca de seus germes sociais, geradores das instituições existentes. Essa concepção vai de encontro à teoria da geração espontânea, entendendo que nenhuma instituição pode surgir do nada, sem uma raiz anterior. Sendo assim, a continuidade histórica era valorizada, sendo os povos e as instituições passíveis de serem comparados a germes biológicos que se desenvolvem. Inspirados em modelos Alemães, os historiadores americanos,

[...] Declaravam que os germes sociais foram traduzidos das florestas da Alemanha medieval para a Inglaterra e, mais tarde, essa mesma associação autoperpetuante de pessoas e instituições atravessou o Atlântico e germinou no rico solo do Novo Mundo. Esses germes arianos admiráveis, dizia-se, eram a causa real das liberdades e da democracia americanas. Os viris anglo-saxões deveriam concordar que a democracia genuína e o individualismo audacioso tinham se originado nas remotas florestas alemãs. A experiência americana, portanto, não era nada verdadeiramente extraordinária, sendo apenas o desdobramento do familiar germe teutônico em uma nova terra.²⁴

A atuação do historiador Herbert Baxter Adams foi bastante importante para a disseminação da *germ-theory*. Como outros de sua geração, formou-se na Europa e, mais tarde, levou para os Estados Unidos o modelo alemão de seminário, transmitindo aos seus alunos os novos procedimentos de pesquisa em História. O historiador afirmava que o seu seminário havia sido moldado segundo a ciência natural e que “*los seminarios de Baltimore son laboratorios donde se trata a los libros como especímenes mineralógicos, se los pasa de mano en mano, se los examina y somete a*

²⁴Coleman, William. Science and Symbol in the Turner Frontier Hypothesis... op. cit. p.25-26

prueba".²⁵ Adams concebia os Estados Unidos e suas instituições como um organismo que se desenvolveu a partir de raízes europeias, restaurando, com metáforas biológicas, a velha teoria comum entre os historiadores românticos das instituições americanas como resultado de origens germânicas, "*disfrazando a la Providencia con los atuendos de la Evolución, restauraban la antigua idea de que los eventos de la historia marchan bajo una guía providencial*". Essa aproximação com a ciência demonstra um afastamento da ficção e da filosofia romântica, aproximando a História de outras disciplinas também impulsionadas pelo darwinismo, como a antropologia, a geografia, a sociologia e a economia.²⁶

Questão da objetividade

Com relação ao método científico, os novos historiadores lançavam mão de documentos primários em suas pesquisas, tomando-os como vestígios diretos do passado a ser investigado, acusavam seus ancestrais amadores de basear seus textos em documentos secundários e, mesmo quando lançavam mão de fontes primárias, as utilizavam sem critério. Esse uso de fontes primárias também é resultado, como vimos no capítulo anterior, de uma mudança objetiva no acesso aos documentos, onde instituições públicas e privadas começaram a coletar e publicar fontes em larga escala, tornando possível que historiadores tivessem acesso a esses materiais quando, até então, pela ausência de arquivos públicos, muitas vezes precisaram utilizar seus próprios recursos para obtê-los.²⁷

A reivindicação de status científico para a História trouxe consigo a imposição de que outros historiadores deveriam ser capazes de refazer os passos da pesquisa, tornando essencial explicitar como ela havia sido feita, sendo necessário que se lançasse mão de recursos como nota de rodapé, referências às fontes e bibliografia. Além disso, a pesquisa também deveria

²⁵ ADAMS apud HOFSTADTER, Richard. *Los historiadores Progresistas...* op. cit. p.49

²⁶ HOFSTADTER, Richard. *Los historiadores Progresistas...* op. cit. p.50

²⁷ Townsend, Robert B. *History's Babel: Scholarship...* op. cit. p.18

passar pela validação dos pares.²⁸ Townsend destaca que o preço a ser pago pelo emprego de procedimentos científicos foi a escrita ter-se tornado pesada e de difícil acesso ao público não especializado, “As dificuldades inerentes em escrever a história de modo técnico para colegas acadêmicos rapidamente criaram um ponto de tensão recorrente entre as pretensões científicas dos historiadores mais jovens e suas aspirações de suplantar seu predecessor literário.”²⁹

Para Novick, a mudança não estava apenas na forma de expressão escrita, mas na postura adotada pelos novos historiadores, onde havia uma tentativa de não “aparecerem” nos textos que escreviam. Já os historiadores literários da geração anterior não possuíam a pretensão de tornarem-se invisíveis em seus textos, eles não escreviam por uma obrigação profissional, mas porque possuíam mensagens a deixar ao seu público.³⁰ A combinação da presença autoral e do partidarismo explícito moralizante fez da postura dos amadores algo inaceitável entre os profissionais. Novick menciona um comentário irritado feito na década de 1880 sobre a obra de Bancroft “[ela] deveria ser intitulada ‘A autobiografia psicológica de George Bancroft, ilustrada por incidentes e personagens dos anais dos Estados Unidos’”.³¹ Em grande medida, esse novo movimento histórico foi parte de uma mudança na cultura americana do romantismo para o realismo, que afetou diversas áreas: artística, literária e acadêmica, onde desconfiava-se da imaginação. De acordo com John Higham, esses grupos não necessariamente alcançaram representações mais verdadeiras da experiência humana do que os românticos, mas adotaram um tom mais imparcial,³² o que vai ao encontro das afirmações de Hayden White sobre a preocupação com a desretorização como garantia de alcançar o realismo pretendido e como condição para a disciplinarização do conhecimento histórico.

²⁸ Idem, *ibidem*, p.19

²⁹ Idem, *ibidem*, p.19

³⁰ NOVICK, Peter. *That Noble Dream...* op. cit. p.45

³¹ Idem, *ibidem*, p.46

³² HIGHAM, John. *History...* op. cit. p.93

Outro elemento importante para a reivindicação de cientificidade foi a crença na objetividade do conhecimento histórico, tendo sido a qualidade que a disciplina valorizou e elogiou acima de todas as outras.³³ Os principais elementos desta ideia foram sintetizados por Peter Novick:

As suposições nas quais se baseia incluem um compromisso com a realidade do passado e a verdade como correspondência a essa realidade; uma nítida separação entre conhecedor e conhecido, entre fato e valor e, acima de tudo, entre história e ficção. Os fatos históricos são vistos como anteriores e independentes da interpretação: o valor de uma interpretação é julgado pelo quão bem ele se relaciona com os fatos; se contradito pelos fatos, deve ser abandonado. A verdade é uma só, não é perspectiva.³⁴

Como mencionado anteriormente, as bases sobre as quais as normas profissionais da escrita da História se assentaram foram, em grande medida, importadas de correntes europeias de pensamento, e com relação à concepção sobre a objetividade não foi diferente. Com base em sua compreensão dessas correntes – muitas vezes em mal-entendidos sobre elas – os historiadores americanos lançaram as bases do pensamento e da sensibilidade historiográfica disciplinada nos Estados Unidos.³⁵

Para Novick, havia uma lacuna entre o contexto cultural filosófico alemão e anglo-americano, tornando compreensíveis os mal-entendidos sobre conceitos-chaves importados, como o da objetividade. Além disso, a grande referência utilizada como modelo a ser seguido foi Leopold von Ranke, muito citado mas pouquíssimo lido pelos historiadores americanos. É dele uma das frases mais citadas em defesa da objetividade “*wie es eigentlich gewesen*”, mas, segundo Novick, o problema está no fato dessa frase ter sido por muito tempo mal traduzida nos Estados Unidos, onde, habitualmente, foi traduzida por “como realmente era” ou “como era de fato”, onde a tradução deveria ter sido “como essencialmente era”:

³³ NOVICK, Peter. *That Noble Dream...* op. cit. p.1

³⁴ Idem, *ibidem*, p.1-2

³⁵ Idem, *ibidem*, p.21

De fato, como George Iggers recentemente apontou, no século XIX, *eigentlich* tinha uma ambiguidade que já não tem: também significava “essencialmente”, e foi nesse sentido que Ranke caracteristicamente a usou. Seu desejo, expresso no prefácio da “História do Mundo”, de “como se fosse me extinguir”, refletia um desejo romântico generalizado de abrir-se ao fluxo da percepção intuitiva.³⁶

Ranke foi um grande representante da reação romântica contra o pensamento filosófico universalista, “materialista” e “crítico” do Iluminismo, reação que estimulou os estudos históricos no século XIX. Para seu amigo, fundador da escola histórica alemã de direito, Savigny, não havia antítese entre lei positiva e lei justa, entre o real e o ideal. Seja o que for que o processo histórico tenha produzido, deveria não apenas ser aceito, mas valorizado,

Assim, para Ranke, não havia padrões racionais ou morais pelos quais os desenvolvimentos históricos pudessem ser julgados. Iluministas “radicais” criticaram o passado para despertar as mentes para a possibilidade de reforma. Ranke e os historicistas alemães em geral, em reação à Revolução Francesa, estavam apegados ao passado e o aceitaram como a base das condições existentes. A abstenção de Ranke ao julgamento moral, em vez de manifestar neutralidade desinteressada, era, em seu contexto, um julgamento político profundamente conservador.³⁷

Nos Estados Unidos, a reputação de Ranke como um empirista não filosófico se espalhou, assentando-se em uma pré-disposição existente a depreciar a especulação filosófica sobre a História, sendo a Filosofia da História entendida como grandes esquemas especulativos sem bases em análises empíricas³⁸. Foi esse, então, o modelo de método científico que os historiadores americanos do final do século XIX adotaram, onde, “a ciência deveria ser rigidamente factual e empírica, evitando hipóteses; o empreendimento científico era escrupulosamente neutro em questões maiores

³⁶ Idem, *ibidem*, p.28

³⁷ Idem, *ibidem*, p.27

³⁸ Idem, *ibidem*, p.30

de fim e significado; e, se perseguido sistematicamente, poderia finalmente produzir uma história abrangente e ‘definitiva’”.³⁹

Dentro desta busca por um conhecimento objetivo, a verdade estaria relacionada a um consenso entre os investigadores. É por essa razão que a profissionalização da História se torna importante, para consolidar a objetividade, para estabelecer os critérios de validação do que é dito.⁴⁰ Novick destaca três formas pelas quais a objetividade é consolidada: pela criação de uma comunidade profissional de historiadores; pelo desenvolvimento e padronização da técnica (ponto central da formação profissional), uma vez que a técnica é o que gera consenso e pela redefinição da audiência para o trabalho histórico, que passa a ser direcionado ao público acadêmico.⁴¹

Os procedimentos adotados pelos novos historiadores em busca da objetividade fizeram com que as suas suposições e mensagens ideológicas fossem menos explícitas do que as dos amadores, mas mesmo assim não menos politicamente relevantes. Não podemos ignorar o peso adquirido por uma afirmação validada com o selo de “cientificamente comprovada” em um contexto cultural onde a ciência era percebida como ponto de vista privilegiado para o entendimento da sociedade. Um exemplo do peso político que a disciplina adquiriu neste momento de cientificação do conhecimento pode ser encontrado na própria *frontier thesis*, onde, como demonstra Arthur Lima de Avila em “História e Destino...” presidentes americanos lançaram mão da teoria de Turner para justificar o imperialismo como uma missão americana de disseminar seus valores democráticos. O embasamento encontrado na obra do historiador possui contornos científicos, substituindo a versão religiosa, muito utilizada ao longo do século XIX, da conquista territorial como sendo um destino manifesto pela Providência Divina.⁴² Como afirmou Peter Novick, “[...] de fato, as suposições,

³⁹ Idem, *ibidem*, p.37

⁴⁰ Idem, *ibidem*, p.52

⁴¹ Idem, *ibidem*, p.52

⁴² AVILA, Arthur Lima. *História e Destino...* op. cit.

pelo menos, eram em grande parte inconscientes e, conseqüentemente, ainda mais poderosas”.⁴³

Para John Higham, esse modelo de História científica, apoiado em uma ideia de objetividade, atendeu a interesses práticos de boa parte da aristocracia cultural do país no final do século XIX, onde, para que se possa compreender plenamente o lugar que a objetividade conquistou, é preciso levar em conta sua relevância social. Essa aristocracia estava empenhada em estabelecer padrões disciplinares, em trazer estabilidade e solidez ao que tinha sido uma vida intelectual caótica e excessivamente individualista. A impessoalidade da História científica atendeu exatamente a essa demanda: “Tanto o método quanto o conteúdo da história científica subordinaram os indivíduos à instituição. Ela substituiu a obstinação e a subjetividade do romantismo por um senso de progresso regular e uniforme”.⁴⁴

Vale lembrar que estas são generalizações sobre as bases pelas quais se buscou a disciplinarização da História, mas que não constituem regras. A análise dos discursos dos presidentes da AHA demonstrará que nenhum ponto representou consenso entre os historiadores, uma vez que possuíam concepções muito diversas sobre o seu campo. Neste sentido, é complexo fazer generalizações sobre as “bases epistemológicas”, além de afirmar que existiram tendências teóricas, mas dentro dessas tendências, a História foi, como ainda o é hoje, disputada com unhas e dentes. Sintoma disso foi o surgimento da Nova História, ainda no período de constituição disciplinar, trazendo sugestões para diversos pontos que a geração considerava de fragilidade da História Científica e que, como é de se imaginar, acarretou ainda mais agitação entre os historiadores.

A Nova História

Nem todos os historiadores profissionais do período anterior à Primeira Guerra aceitaram a ortodoxia científica. Nestes anos, várias

⁴³ NOVICK, Peter. *That Noble Dream...* op. cit. p.84

⁴⁴ HIGHAM, John. *History...* op. cit. p.96

tendências surgiram na profissão histórica. Alguns historiadores defenderam a ampliação de seu escopo para incluir aspectos sociais, econômicos e intelectuais, bem como políticos e constitucionais, como teremos a oportunidade de ver nos discursos dos presidentes da American Historical Association. Além disso, houve um movimento de questionamento da separação total entre História e Ciências Sociais. Algumas heterodoxias bastante suaves emergiram.

A Nova História, afirma John Higham, surgiu como um espírito de ataque à geração anterior, mas que, ao olharmos retrospectivamente, é possível perceber claramente que este ataque teve um caráter superficial, “Os dissidentes eram tão amplamente um produto da ortodoxia que eles queriam mudar, que eles não perceberam o quanto aceitavam seus princípios básicos”.⁴⁵ Esse movimento foi uma tentativa de resposta às críticas à ortodoxia científica vindas tanto do público leigo quanto dos cientistas sociais, que percebiam um declínio da consciência histórica na cultura americana e um isolamento dos profissionais da esfera pública.⁴⁶ O primeiro grupo acusava a História disciplinada de ser ilegível, uma vez que o vocabulário científico comprometia a qualidade literária dos textos; o segundo questionava sua cientificidade pela incapacidade que os historiadores vinham tendo até então em encontrar regularidades ou leis na História, já que insistiam em apegar-se às singularidades dos fatos.⁴⁷ Além disso, as ciências sociais concentravam-se em questões contemporâneas, representando relevância social. A História era criticada pelo seu isolamento das questões pungentes, já que o passado era estudado por ele mesmo.⁴⁸

Com relação à primeira crítica, alguns historiadores buscaram encontrar soluções para o problema da maneira como os resultados das pesquisas eram narrados. Entre eles, esteve Theodore Roosevelt, que, em seu discurso presidencial na AHA em 1912, afirmou que a História, por

⁴⁵ Idem, *ibidem*, p.104

⁴⁶ Idem, *ibidem*, p.104

⁴⁷ MOURA, Gerson. *História de uma História...* op. cit. p.20

⁴⁸ Idem, *ibidem*, p. 21

mais que tenha como base de pesquisa métodos científicos, é também literatura.⁴⁹ Esta percepção demonstra a “leveza” dessa “insurgência”: a escrita da História é percebida como mera questão de estilo, tendo sua natureza científica garantida. Há, aqui, uma separação entre método de investigação e método de apresentação, onde a deficiência se encontraria apenas na forma: “ninguém na profissão histórica sugeriu que a arte emerge de uma fusão orgânica entre estilo e conteúdo, e que, uma grande história, também o faz em sua própria maneira especial”.⁵⁰

A segunda crítica gerou mais desconforto entre os profissionais e colocou muitos em uma postura defensiva, sendo comum a argumentação de que o objetivo da História seria o de encontrar a verdade dos fatos, sendo as interpretações e sínteses objeto dos filósofos.⁵¹ Mas alguns historiadores acolheram as críticas e iniciaram um movimento leve de reforma. Uma tentativa de resposta à crítica sobre a abstenção da História com relação às questões do presente foi o que ficou conhecido, pejorativamente, como “presentismo”, onde há uma deliberada subordinação do passado ao presente, com seleção e ênfase de aspectos do passado mais relevantes às questões pungentes.⁵² Isso fica evidente no texto de James Harvey Robinson, intitulado “*The New History*”, publicado em meio a esse movimento intelectual, em que afirma que a História nada mais é do que as experiências do ser humano, cujos usos são os mesmos que fazemos das nossas histórias individuais:

Instintivamente, ajustamos nossas lembranças às nossas necessidades e aspirações imediatas e questionamos, a partir do passado, os problemas específicos que enfrentamos, assim como nossa história individual não é imutável, mas deve seu valor à sua adaptabilidade é a história da humanidade. [...] A história não é, então, fixa e redutível aos contornos e fórmulas, mas está sempre viva e está sempre mudando e, se permitirmos, iluminará e explicará

⁴⁹ ROOSEVELT, Theodore. History as Literature. In.: *The American Historical Review*, Vol. 18, No. 3 (Apr., 1913), pp. 473-489

⁵⁰ HIGHAM, John. History... op. cit. p.106

⁵¹ Idem, ibidem, p.108

⁵² Idem, ibidem, p.111

nossas vidas como nada mais pode fazer. Nossas vidas são feitas quase completamente do passado, e cada época deve ser livre para selecionar, nos anais do passado, aquelas questões que têm relação com o assunto.⁵³

Além da preocupação com questões contemporâneas, alguns historiadores buscaram se aproximar de outras disciplinas, o que ficará mais evidente nos discursos analisados adiante, onde há um clamor de alguns por uma aproximação com as “ciências irmãs”. Também surgiram chamados para novos olhares sobre o passado, valorizando aspectos sociais, econômicos, culturais, etc., com o fim de ir além da tradicional história política e militar: “[...] A ‘nova história’ propunha-se a ampliar ao máximo o escopo da atividade histórica. Os evolucionistas ortodoxos, com sua obsessão institucionalista, tinham se limitado às dimensões políticas (ou político-jurista), diplomáticas e militares, mas a ‘nova história’ incluía ‘cada traço e vestígio de tudo o que o homem fez ou pensou desde que ele apareceu sobre a terra’”.⁵⁴

Os novos historiadores corresponderam a uma minoria dentro da comunidade histórica, mas eles não ficaram marginalizados na profissão. No começo da Primeira Guerra, James Harvey Robinson e Carl Becker, que assim como Turner foram expoentes da Nova História, estiveram no conselho editorial da *American Historical Review*, “E, no jargão político posterior, eles ‘tiveram *momentum*’. Eles certamente eram atraentes para muitos na nova geração de estudantes de pós-graduação que, não muitos anos depois, se tornariam os líderes da profissão”.⁵⁵ Além disso, em um curto espaço de tempo, exerceram uma significativa influência na historiografia do país, onde, nos anos que se seguiram ao princípio do movimento, houve um crescimento de pesquisas preocupadas com o cotidiano das pessoas comuns.⁵⁶

⁵³ ROBINSON, James Harvey. *The New History*. In.: *Proceedings of the American Philosophical Society*, Vol. 50, No. 199 (May - Aug., 1911), p. 189

⁵⁴ ROBINSON apud MOURA, Gerson. *História de uma História...* op. cit. p.22

⁵⁵ NOVICK, Peter. *That Noble Dream...* op. cit. p.107

⁵⁶ SORENSON, Loyed R. *Historical Currents in America*. In.: *American Quarterly*, Vol. 7, No. 3 (Autumn, 1955), p. 242

Peter Novick caracterizou este movimento como uma “sutil insurgência”, uma vez que nenhum dos movimentos de mudança anteriores à Primeira Guerra desafiou diretamente a norma predominante de objetividade. Higham afirma que os novos historiadores aceitaram o mesmo conceito de objetividade dos historiadores científicos do século XIX. Para eles, os interesses do presente determinariam os aspectos do passado que mereceriam atenção, mas os fatos objetivos descobertos pelos pesquisadores eram determinantes para as conclusões. Neste sentido, não houve uma tentativa de emancipação da História com relação à ciência, pelo contrário, a Nova História constituiu uma tentativa dos historiadores de impedir o repúdio da ciência à História,⁵⁷ e isso fica evidente no texto já citado de Robinson:

O tipo de história adequado, cujo valor prático devemos tentar estimar e que, por conveniência, podemos chamar de “nova” história, é científico em seus métodos, exigente em relação às deduções que faz a partir de seu material; rejeita explicações sobrenaturais e uma concepção antropocêntrica do universo; estuda, de preferência, os animais normais e duradouros, em vez dos inferiores, muitos dos quais compartilham traços psicológicos; reconhece que o homem viveu na Terra não apenas por cinco mil anos, mas talvez por quinhentos mil anos; ela se vale, quando totalmente a par do tempo, de todas as sugestões e críticas que são contribuições das ciências recém desenvolvidas da antropologia, psicologia comparativa, social e funcional, religião comparada, etc., em grande parte pela atitude mental do historiador moderno, que percebe as mudanças pelas quais sua área passou durante os últimos cinquenta ou sessenta anos.⁵⁸

As questões levantadas pelos novos historiadores, mesmo não tendo abalado as estruturas da disciplina, serviram de base ao “Relativismo Histórico” que surgiu após a Primeira Guerra Mundial, no esteio do impacto social do conflito, onde o pessimismo – resultado da guerra – e a desconfiança com relação ao governo colocaram em questão a crença no

⁵⁷ HIGHAM, John. *History...* op. cit. p.108

⁵⁸ ROBINSON, James Harvey. *The New History...* op. cit. p.187

progresso e na possibilidade de objetividade do conhecimento histórico.⁵⁹ Partindo da teoria da relatividade de Albert Einstein, historiadores como James Harvey Robinson, Carl Becker e Charles Beard, todos presidentes da AHA em período posterior ao do recorte temporal da pesquisa, colocaram em questão a objetividade do conhecimento, “apontando para a natureza subjetiva da seleção e organização de fatos [como sendo] inexoravelmente intrínseca ao trabalho do historiador, e que, assim sendo, o conhecimento histórico [seria] sempre relativo ao ponto de vista do sujeito cognoscente”.⁶⁰

*

Desde os primeiros anos da disciplinarização, regras regulando a prática dos historiadores foram estabelecidas a partir do modelo do que se fazia nas ciências naturais, como o afastamento da Literatura, o compromisso com a verdade e a valorização da objetividade. Mas, como vimos no caso da Nova História, que Peter Novick chamou de “gentil insurgência”, essas regras, por mais largamente reconhecidas que fossem, sofreram críticas e foram alvo de múltiplas interpretações por parte dos historiadores nas primeiras gerações da disciplinarização.

No capítulo seguinte, a partir do exame dos discursos apresentados na AHA, perceberemos, com clareza, a diversidade de percepções entre os presidentes sobre o campo nos primeiros anos da disciplinarização. Vale lembrar que, nesses anos, grande parte dos presidentes não era historiador profissional. Isso mudaria somente em 1907, após a gestão de John Franklin Jameson. Entre o grupo que ocupou o cargo por mais de vinte anos estiveram políticos, diplomatas, advogados, historiadores amadores, biógrafos, arquivistas e bibliotecários, o que ficará evidente nas diferentes demandas que traziam para a disciplina. Esta diversidade acabou por se

⁵⁹ DECCA, Edgar & DECCA, Mauro. Carl Becker. In: *Lições de História*: (org MALERBA, Jurandir). Porto Alegre, ediPUCRS, 2013, p.35

⁶⁰ GONÇALVES, Sérgio Campos. Charles Beard. In: *Lições de História* (org MALERBA, Jurandir). Porto Alegre, ediPUCRS, 2013, p.330

refletir nos discursos proferidos, fazendo com que boa parte dos textos acabasse por constituir um manifesto pelo estudo de alguma temática até então negligenciada, por algum campo de estudos como sendo o mais privilegiado para se compreender o desenvolvimento histórico, ou, como foi comum nos primeiros anos, pelo desenvolvimento técnico para a continuidade da profissionalização.

Discursos dos presidentes da American Historical Association

Discurso como manifesto

Analisando alguns dos discursos dos primeiros presidentes, notamos a recorrência de um clamor pela continuidade dos processos de profissionalização e disciplinarização da História, havendo uma ênfase no atraso dos Estados Unidos em relação a países europeus no desenvolvimento do campo. Para isso, alguns presidentes usaram seu espaço para falar da importância de se desenvolver os meios para as pesquisas, em especial, a gestão de documentos.

Justin Winsor¹, presidente da associação entre os anos de 1886 e 1887, em seu discurso “*Manuscript Sources of American History: The Conspicuous Collections Extant*”, afirmou que os documentos para pesquisas históricas vinham sendo extremamente mal geridos nos Estados Unidos. Falou, especialmente, sobre os documentos que permitiriam pesquisas sobre a Revolução Americana, onde grande parte havia se perdido por negligência ou acidentes. Assim, a maioria dos manuscritos que foram preservados e utilizados em pesquisas acabou ficando sob os cuidados de mãos privadas, não havendo um esforço governamental em viabilizar, através da gestão dos documentos, materiais para pesquisas históricas no país.² Winsor propôs como método de preservação a criação de uma Comissão de Manuscritos,

¹ Justin Winsor (1831 Boston, Massachusetts – 1897) veio de uma família tradicionalmente envolvida em negócios de construção naval. Winsor foi escritor, historiador e bibliotecário, além disso, foi um dos criadores desta última profissão.

² O relatório de atividades da associação do ano de 1888 não foi encontrado, por este motivo, a versão do discurso utilizada para análise foi retirada da página da American Historical Association, onde os textos não são paginados. WINSOR, Justin. *Manuscript Sources of American History: The Conspicuous Collections Extant*. 1888.

como a existente na Inglaterra, para que os historiadores pudessem ter acesso às fontes:

Eu sugeriria, para encerrar, um método para melhor preservar e dar a conhecer o que ainda nos resta dos manuscritos históricos do país, longe de lugares facilmente acessíveis ao estudante. Meu propósito deve ser óbvio a todos vocês que viram o progresso do trabalho feito pela Comissão de Manuscritos Históricos na Inglaterra, como evidenciado em seus relatórios sucessivos; e eu dificilmente preciso, neste momento, detalhar o seu método e resultados; mas não posso resistir à convicção de que nossa Associação Histórica não poderia agir melhor do que convencer a Assembleia Legislativa Nacional de que algo análogo, com mudanças de método e organização como as condições deste país sugerem, deve ser feito antes que seja tarde demais, e ficarei contente se alguma discussão para esse fim puder ser feita.³

Outro discurso que também fez um chamado à preservação de documentos foi o de Willaim F. Poole⁴, que presidiu a associação no ano seguinte, em 1887. Na época, Poole era bibliotecário e bibliógrafo na Biblioteca Pública de Chicago. Em seu discurso, afirmou que o objetivo principal do estudante de História seria o de averiguar a verdade, expressando-a de forma clara, e que a história dos Estados Unidos ainda não aparecia nesses moldes nos grandes tratados de história de seu país, estando apenas em monografias e publicações de sociedades históricas.⁵ O historiador chamou a atenção à necessidade de se pesquisar questões relacionadas à história do Noroeste, e afirmou, como no discurso de Winsor, que os documentos sob o domínio público eram mal geridos e estavam fora do alcance de estudantes de História. As fontes presentes no Departamento de Estado poderiam lançar luz à história do Noroeste, mas a má preservação e gestão desse material impedia o acesso de estudantes:

³ Idem, *ibidem*,

⁴ William F. Poole (1821 Salem, Massachusetts - 1894) publicou livros de história, mas sua principal atuação foi como bibliotecário e bibliógrafo, tendo sido pioneiro no movimento em favor das bibliotecas públicas e na catalogação de coleções. Além de presidente da AHA, também foi presidente da American Library Association entre 1885 e 1887.

⁵ POOLE, William F. *The Early Northwest*. New York, The Kineckerbocker Press, 1889, p.3-4

No Departamento de Estado há muitas coleções de jornais públicos e privados que lançariam muita luz sobre a história do Noroeste, e a de todo o país, se fossem acessíveis aos estudantes de história. Entre eles estão os documentos do antigo Congresso Continental, os textos de Washington, Franklin, Hamilton, Jefferson, Madison e Monroe. Várias dessas coleções foram compradas pelo governo a um grande custo. Eles geralmente não são organizados nem indexados. Alguns dos manuscritos estão apodrecendo, e estão tão desbotados, que são quase ilegíveis.⁶

Poole sugeriu a utilização de documentos que estavam no Canadá, país em que a gestão era feita de maneira louvável, e fez um chamado para que o governo americano se inspirasse nas práticas de seu vizinho no trato de fontes históricas: “O governo canadense tem gasto copiando, organizando e imprimindo listas catalogadas para o uso de estudantes de história. Nosso governo, quando tiver a provisão adequada para os seus próprios arquivos, deve fazer algo similar, fazer cópias e publicar os documentos relacionados aos Estados Unidos.”⁷ Neste sentido, o bibliotecário falou da necessidade de criação de um Departamento de Arquivos pelo governo para que os estudantes não precisassem mais fazer uso de materiais privados em suas pesquisas, “Um grande governo como o nosso não deveria exigir que os estudantes de sua própria história gastem com material privado. A iniciativa do governo canadense deve animar o Congresso dos Estados Unidos no estabelecimento e apoio de um ‘Departamento de Arquivos’, que será digno desta Nação.”⁸

O atraso dos Estados Unidos no que se refere ao estudo da História foi também enfatizado por Charles Kendall Adams⁹ em “*Recent Historical Work in the Colleges and Universities of Europe and America*”, proferido em 1889. O historiador falou sobre o desenvolvimento dos estudos históricos nos Estados Unidos e em países da Europa, com a finalidade de

⁶ Idem, *ibidem*, p.23

⁷ Idem, *ibidem*, p.21

⁸ Idem, *ibidem*, p.26

⁹ Charles Kendall Adams (1835 Derby, Vermont - 1902) foi historiador e professor de história, tendo estudado na França, Itália e Alemanha, deste último país, trouxe o método de seminário que adotaria em suas aulas. Adams foi o segundo reitor da Cornell University entre 1885 e 1892 e da University of Wisconsin entre 1893 e 1901.

demonstrar que, comparado aos avanços ocorridos no Velho Mundo, os americanos não tinham motivos para sentir orgulho de sua produção: “Veremos, no entanto, antes do final desta avaliação, que quando nos comparamos com os outros, não temos motivo para a vaidade histórica”.¹⁰ Adams sugeriu, como meio para o avanço da área, publicações nas universidades que permitissem a difusão das pesquisas feitas no país:

Mas eu não posso mudar de assunto sem mostrar o meu julgamento de que a principal necessidade do estudo histórico avançado neste país, no momento atual, é a de um fundo para publicações em cada grande centro educacional, que permitirá à universidade dar ao mundo, em forma acadêmica, os resultados das minuciosas e avançadas pesquisas.¹¹

John Jay¹² também enfatizou o atraso dos Estados Unidos em seu discurso em 1890 e afirmou que o atraso não estava somente nas pesquisas, mas também no ensino de História, que percebia como essencial para a construção de uma cidadania americana e americanização de seus cidadãos, “Dizem que a América ainda está muito atrás da Europa no estudo da história, e o professor Emerson, de Harvard, declara que ‘a história tem sido ensinada muito mal nos Estados Unidos, ou melhor, para ser honesto, quase não foi ensinada.’”¹³

Quando observamos os discursos desses presidentes, não nos parece estranho que eles tenham sido proferidos ainda na primeira década de funcionamento da AHA, momento em que não apenas a associação estava se estabelecendo, mas a profissão de maneira geral, ficando evidente que a grande preocupação entre os membros da associação naquele momento

¹⁰ ADAMS, Charles Kendall. Recent Historical Work in the Colleges and Universities of Europe and America. In *Papers of the American Historical Association*, vol. IV, no. 1 (1890), p.19

¹¹ Idem, *ibidem*, p.26

¹² John Jay (1817 New York City, New York– 1894) foi um advogado que atuou ativamente no movimento anti-escravista. Além disso, participou da fundação do Partido Republicano e foi diplomata na Áustria-Hungria entre 1869-1875. John Jay era neto de John Jay, um dos “Pais Fundadores” dos Estados Unidos. Este discurso será melhor analisado na seção seguinte que tratará das percepções dos presidentes sobre o conhecimento histórico, sua natureza e função social, uma vez que ele constitui um chamado ao ensino de história para a construção de uma nacionalidade americana.

¹³ O relatório de atividades da associação do ano de 1890 não foi encontrado, por este motivo, a versão do discurso utilizada para análise foi retirada da página da American Historical Association, onde os textos não são paginados, JAY, John. *The Demand for Education in American History*. 1890

era a de garantir as estruturas necessárias para que o empreendimento histórico pudesse ser levado adiante. Além destes chamados à continuidade da profissionalização, também foi bastante recorrente a utilização do espaço de fala para a defesa de algum campo de pesquisa. Duas justificativas apareceram com recorrência: a de representar uma alternativa à história política e militar e a da possibilidade de uma visão mais ampla sobre os diversos aspectos da sociedade. A primeira foi mais comum no período de surgimento da Nova História.

James B. Angell¹⁴ no discurso “*The Inadequate Recognition of Diplomats by Historians*”, proferido em 1893, defendeu que mais atenção deveria ser dispensada à história diplomática, que vinha sendo negligenciada pelos historiadores que davam mais valor aos conflitos do que às negociações.

[...] Mesmo quando os resultados das negociações são dados com plenitude e considerados com justiça, em grande parte, pouco ou nenhum crédito é dado aos homens que levaram as negociações ao sucesso. Geralmente, nem mesmo seus nomes são mencionados. A consequência é que nenhuma classe de servidores públicos de igual mérito é tão inadequadamente apreciada, até mesmo por aqueles que conhecem a história.¹⁵

Além disso, afirmou haver uma cultura de reconhecimento dos grandes militares, enquanto os diplomatas, verdadeiros árbitros dos conflitos, não tinham nem seus nomes lembrados,

Nossas crianças na escola são tão instruídas sobre os nomes dos grandes generais, Wallenstein e Tilley, Marlborough e Prince Eugene, Turenne e Condé, Washington e Greene, que são familiares a eles. Mas se vocês fizerem um teste simples, como eu fiz várias vezes, com pessoas de cultura, eu arrisco o palpite de que vocês descobrirão que eruditos de considerável familiaridade com a história europeia não podem dizer que sequer sabem quem foram os principais negociadores da Paz da Vestefália, ou de tratados

¹⁴ James Burrill Angell (1830 Scituate, Rhode Island – 1916) foi diplomata, com missões na China e Turquia, professor e reitor na University of Michigan entre 1871 e 1909. Era membro de uma tradicional família de Rhode Island.

¹⁵ Angell, James Burrill. *The Inadequate Recognition of Diplomats by Historians*. In. *Annual Report of the American Historical Association*, 1893, p.16

de importância histórica como os de Nimeguen, Ryswick, Utrecht ou Paris de 1763, ou Paris de 1856.¹⁶

Para Angell, seria dever dos historiadores chamarem a atenção do público leitor para as negociações, uma vez que ele estava mais interessado nas guerras porque elas instigam a imaginação.¹⁷ Sendo assim, os historiadores possuiriam o importante papel social de valorizar as negociações, demonstrando que muitos conflitos foram impedidos através de meios pacíficos, sendo esta a melhor maneira de resolver problemas com outros países do que a guerra: “Que a história faça o que puder para perpetuar as relações fraternas das nações, glorificando o conselho de câmara e o mediador, pelo menos tanto quanto o campo de batalha e o guerreiro”.¹⁸

Em 1905, John B. McMaster,¹⁹ em “*Old Standards of Public Morals*” afirmou que, nas décadas anteriores, havia ocorrido um aumento na produção de trabalhos históricos, mas que estes eram, em grande medida, repetições do que já havia sido dito, tendo como única finalidade o comércio de livros, e não, contribuir para o avanço do conhecimento histórico.²⁰ Em seu discurso, McMaster fez um convite ao estudo da moral pública, uma vez que muito já havia sido produzido sobre história política e militar e muito pouco sobre a história do povo, assim, a utilização desse viés possibilitaria a compreensão de condições sociais e políticas de uma época:

Tal trabalho seria de fato um acréscimo à nossa literatura histórica, e parte não menos interessante seria devotada ao estudo da moral pública. O código de moralidade pública que em qualquer momento foi realmente vivido, em nosso país, é de grande ajuda para a compreensão das condições sociais e políticas de uma

¹⁶ Idem, *ibidem*, p.16

¹⁷ Idem, *ibidem*, p.21

¹⁸ Idem, *ibidem*, p.23

¹⁹ John Bach McMaster (1852 Brooklyn, New York – 1932) provindo de família rica, onde seu pai era banqueiro e dono de plantação em New Orleans, trabalhou como engenheiro civil entre 1873 e 1877 e instrutor de Engenharia Civil na Princeton University entre 1877 e 1883. Em 1883, tornou-se professor de história americana na University of Pennsylvania, publicando diversos livros sobre a história de seu país, sendo a obra de oito volumes “*History of the People of the United States from the Revolution to the Civil War*” considerada o seu mais importante trabalho.

²⁰ MCMMASTER, John Bach. *Old Standards of Public Morals*. In. *Annual Report of the American Historical Association*, 1905, p.57

época. O tipo de homem que encontra seu caminho na vida pública; o tipo de governo que prevalece em qualquer momento ou em qualquer lugar; os atos feitos por congressos, legislaturas, conselhos municipais, órgãos municipais de qualquer tipo, são exatamente o que a massa do povo se contenta em ter e muitas vezes, insiste em ter. Qual tem sido a conduta das pessoas quando convocadas a enfrentar grandes questões, onde conveniência, lucro e prosperidade, por um lado, e algum princípio de moralidade pública, por outro lado, é, portanto, muito apropriadamente uma parte de nossa história, e lança uma enxurrada de luz sobre as fases da vida que é o dever do historiador registrar.²¹

Outros dois discursos seguem o de McMaster em seu caráter de “manifesto” em defesa de um campo de estudos, ambos defendendo a história religiosa como ponto de vista privilegiado para a compreensão dos mais variados aspectos da vida social dos americanos. O primeiro foi proferido por Simeon E. Baldwin²², “*Religion Still the Key to History*” que, como o título sugere, argumenta que a História deveria levar em consideração não apenas os eventos objetivos, mas as forças psicológicas que motivam as ações humanas, sendo a religião, a principal força:

Lamprecht nos fala que a história é ‘*an sich nichts als angewandte Psychologie*’. Até certo ponto, certamente, o epigrama de que a história nunca deve deixar de levar em consideração quaisquer forças psicológicas que movam povos ou atuem como líderes de povos, é correto. Tal força sempre foi encontrada, e ainda o é, na religião. É uma daquelas - vaga, impulsiva, constante em jogo, inconstante em intensidade - que nega ao estudante histórico o poder da previsão científica.²³

O outro discurso é de John F. Jameson,²⁴ proferido em 1907, “*The American Acta Sanctorum*”. Jameson fez coro a Baldwin ao afirmar que a história

²¹ Idem, *ibidem*, p.58

²² Simeon E. Baldwin (1840 New Haven, Connecticut - 1927) foi jurista e governador em Connecticut entre 1911 e 1915. Além disso, foi professor na Faculdade de Direito de Yale entre 1869 e 1919. Além de presidente da AHA, foi presidente da American Bar Association, associação de advogados que ajudou a fundar.

²³ Não foi encontrado o relatório de atividades da associação deste ano, por este motivo, a versão do discurso utilizada para análise foi retirada da página da American Historical Association, onde o texto não é paginado, BALDWIN, Simeon E. *Religion Still the Key to History*. 1906.

²⁴ John Franklin Jameson (1859 Somerville, Massachusetts - 1937) foi o primeiro a obter o título de doutor em História nos Estados Unidos pela Johns Hopkins University em 1882. Jameson teve um papel essencial na construção

religiosa seria o melhor meio para conhecer o caráter americano e sua história social, além de ser uma alternativa à história política e militar.²⁵ O historiador demonstra a riqueza encontrada nos *Acta Sanctorum* medievais, que vinham possibilitando aos historiadores descobrirem aspectos da vida secular do período medieval, uma vez que esses materiais diziam muito sobre a geografia das regiões, sobre os costumes, sobre as doenças e construção dos Estados.²⁶ De igual forma, sobre os “santos protestantes” americanos também houve produção desse tipo de documento, com algumas diferenças em forma e caráter. Como no caso europeu, esses “santos” também se envolveram em assuntos públicos, lançando luz a movimentos seculares, como o movimento antiescravagista; também viajaram pelo território do país, possibilitando visões sobre geografias regionais; além disso, permitiam que se conhecesse um pouco mais sobre comunidades isoladas.²⁷

As narrativas de vidas de santos seriam as fontes mais ricas ao historiador que buscasse compreender mais amplamente a vida social americana, já que permitiriam uma visão dos americanos de todas as classes, períodos e regiões, diferentemente de outras fontes, como a literatura e a música:

Aquele que quiser entender a América do passado e do presente, e para esse fim se prover com dados que representem todas as classes, todos os períodos e todas as regiões, encontrará na história da religiosidade americana a abordagem mais aproximada para os registros contínuos que deseja. Nem todos os americanos tem sido religiosos, mas houve homens e mulheres religiosos em todas as classes, todos os períodos, todas as subdivisões da América, e milhões deles deixaram registros individuais ou coletivos de seus pensamentos e sentimentos. Milhões tiveram interesse em religião, enquanto milhares se interessaram por literatura ou filosofia, em música ou arte. Milhões têm um dos

das estruturas profissionais da história disciplinada: foi um dos fundadores da AHA, presidiu a Historical Manuscripts Commission em 1885, foi editor-chefe da *American Historical Review* e diretor do Departamento de Pesquisa Histórica da Carnegie Institution em Washington entre 1905 e 1928.

²⁵ JAMESON, John Franklin. *The American Acta Sanctorum*. In: *The American Historical Review*, Vol. 13, No. 2 (Jan., 1908), p.297

²⁶ Idem, *ibidem*, p.286-288

²⁷ Idem, *ibidem*, p.292-293

livros mais interessantes entre livros, o mais influente, o mais poderoso para moldar e transformar.²⁸

Podemos notar nestes últimos discursos, que propõem outros vieses para se olhar a história americana, uma influência da Nova História que, como mencionado anteriormente, fazia um chamado ao estudo do passado considerando outros atores e fatores do desenvolvimento social. Desta maneira, as histórias políticas e militares não eram deslegitimadas, mas sim, consideradas insuficientes para dar conta da complexidade dos fenômenos sociais. Além disso, a antiga abordagem, de maneira quase que automática, acabava por destacar a ação dos grandes homens como produtora das ações relevantes, excluindo da História a ampla parte da população: as pessoas comuns.

Natureza do conhecimento histórico

Uma das questões mais instigantes sobre o conhecimento histórico, que atormenta os historiadores de todas as gerações, do século XIX até os dias atuais, é a da natureza do conhecimento histórico. Seria ou não a História uma ciência? Se sim, qual seria a chave para o seu desenvolvimento? Quais seriam as leis que a regem? Se não, seria então um ramo da literatura? Essas indagações fizeram-se presentes nos discursos dos primeiros presidentes da American Historical Association e foram motivo de embates desde os primeiros dias da associação, mesmo no período considerado de predominância da História Científica, no final do século XIX, demonstrando que mesmo ali, quando se considerava existir um campo homogêneo, não havia consenso.

Veremos que vezes que afirmaram não ser a História uma ciência foram destoantes, uma vez que, nesses primeiros anos de disciplinarização, a cientificidade era aceita pela maioria dos historiadores. Outros aspectos serão pontos menos pacíficos e alvo de maior disputa, como a

²⁸ Idem, *ibidem*, p.298-299

questão da finalidade da História, dos fatores que determinam o desenvolvimento histórico, das maneiras de narrar, da objetividade do conhecimento histórico e sobre o que é, afinal, “verdade”.

Como mencionado acima, os presidentes que puseram em questão a cientificidade da História foram minoria, mas mesmo assim, existiram. Henry Adams,²⁹ em 1894, no discurso intitulado “*The Tendency of History*”, afirmou que os historiadores que haviam presenciado o grande avanço pelo qual a História havia passado no intervalo de uma geração não duvidaram de que a tendência da História seria a de se tornar uma ciência dentro de alguns anos, mas o tempo passou e o avanço havia sido pequeno:

Ano após ano se passou, e pouco progresso foi feito. Talvez a massa de estudantes esteja hoje mais cética do que há 30 anos sobre a possibilidade de que tal ciência possa ser criada. No entanto, quase todo historiador de sucesso tem estado ocupado com esse objetivo, acrescentando aqui uma nova análise, uma nova generalização ali; uma conexão clara e definida onde antes havia lacuna; e, acima de tudo, estendendo o campo de estudo até incluir todas as raças, todos os países e todos os tempos. Como outros ramos da ciência, a história está agora sobrecarregada e prejudicada por sua própria massa, mas sua tendência é sempre a mesma, e não pode ser diferente do que é.³⁰

A dificuldade em abrir mão da criação de uma ciência histórica estaria justamente na dificuldade em admitir que o ser humano, o mais importante dos objetos, estaria fora do alcance da ciência, e por essa razão, os historiadores continuavam perseguindo-a. Até então, nenhuma lei histórica havia sido encontrada, por mais que diversos historiadores acreditassem estar chegando perto:

Todo professor que tentou ensinar os fatos incertos que hoje chamamos de história deve ter sentido que, mais cedo ou mais tarde, ele ou outro colocaria

²⁹ Henry Adams (1838 Boston, Massachusetts – 1918), neto do presidente John Quincy Adams e bisneto do “Pai Fundador” John Adams, foi professor de história medieval em Harvard entre 1870 e 1877, e após esse período, atuou como jornalista e como historiador, mas fora de uma instituição universitária. Seu trabalho mais conhecido foi a obra de nove volumes “*The History of the United States During the Administrations of Thomas Jefferson and James Madison*” publicada pela primeira vez em 1889.

³⁰ ADAMS, Henry. *The Tendency of History*. In. *Annual Report of the American Historical Association*, 1894, p.17

ordem no caos e luz na escuridão. Não seria necessário muito talento ou favor quanto paciência e boa sorte. A lei estava certamente lá, e certamente estava em lugares realmente visíveis, a serem tocados e manuseados, como se fosse uma lei de química ou física.³¹

Mas a questão central de seu discurso não é a piedade que demonstra sentir pelos historiadores que sonhavam com a vitória intelectual de encontrar as leis históricas,³² e sim os problemas que a constituição de uma ciência histórica poderiam acarretar. Adams afirmou que, até então, a História vinha sendo encorajada – ou pelo menos tolerada – por ser percebida pelos governantes e sociedade como sendo inofensiva, uma fonte de divertida instrução, mas se indagava sobre qual seria a atitude dessas forças perante uma ciência da História,

Nós sabemos o que seguiu Rousseau; que batalhas industriais e políticas resultaram dos ensinamentos de Adam Smith; que revolução e que violenta resistência foi, e ainda é, causada pelas ideias de Darwin. Podemos imaginar qualquer ciência da história que não seja muito mais violenta em seus efeitos do que as discórdias levantadas por qualquer um ou pelos três desses grandes homens?³³

Não seria possível haver uma ciência da História sem abalar as estruturas de importantes forças sociais, como a Igreja, o Estado, a Propriedade. A ciência é fixa, estabelece leis e, necessariamente, iria contra os interesses de alguma dessas organizações.

A Igreja vem em primeiro lugar, e, no início, devemos supor que a igreja não aceitará, e não poderá aceitar, qualquer ciência da história, porque a ciência, por sua definição, deve excluir a ideia de uma providência pessoal e ativa. O Estado é o próximo, e a hostilidade do Estado seria assegurada a qualquer sistema ou ciência que não fortalecesse o seu braço. A propriedade vai ficando cada vez mais contrariada, e olha com ressentimento para qualquer nova ideia que possa enfraquecer seus direitos adquiridos. O trabalho está cada vez mais

³¹ Idem, *ibidem*, p.18

³² “Nenhum professor com uma centelha de imaginação ou com uma ideia de método científico pode evitado sonhar com a imortalidade que seria alcançada pelo homem que conseguisse aplicar com sucesso o método de Darwin aos fatos da história humana.”, Idem, *ibidem*, p.19

³³ Idem, *ibidem*, p.19

autoconfiante e olha com desprezo para todas as teorias que não apoiam as suas. No entanto, não podemos conceber uma ciência da história que não afetaria, direta ou indiretamente, todas essas vastas forças sociais.³⁴

Além disso, a sociedade fecharia os olhos para as verdades que a História diria ao anunciar os males do mundo; os únicos a ouvir seriam os artistas e os socialistas, e o único resultado disso seria a anarquia, tanto nas artes quanto na sociedade.³⁵ Assim, Adams faz quase que um apelo a não cientificização da História.

Em 1904, foi a vez de Goldwin Smith³⁶ falar sobre a natureza da História em *“The Treatment of History”*. O historiador argumentou que esta tem como objeto o ser humano, e que este possui vontade e livre-arbítrio, excluindo a possibilidade de se constituir como ciência. Nas ciências, os fenômenos devem estar completos; a História ainda estaria em desenvolvimento, sendo incerto o desfecho de um processo em andamento. Além disso, a História humana é cheia de acidentes, impedindo que leis sejam formuladas, o que busca demonstrar através do caso de Napoleão: se qualquer coisa tivesse saído diferente do que foi, ele não teria feito as coisas que fez,

Além disso, a história humana é cheia de acidentes desconcertantes, tanto para a teoria quanto para o cálculo. Por um mero acidente, Napoleão se torna um cidadão francês. Parece que ele havia pensado em se alistar na marinha britânica. Se ele tivesse sido baleado na ponte de Lodi ou assassinado por Georges Cadoudal, - ambos os eventos seriam perfeitamente possíveis -, toda a corrente da história teria mudado. Napoleão, é verdade, não teria sido o que foi ou feito o que fez sem forças predispostas. Mas as forças predispostas não teriam produzido os eventos sem Napoleão, cuja aparição em cena, como não poderia ter sido prognosticada, foi, se é que alguma coisa pode ser, uma oportunidade. Tais exemplos podem ser multiplicados de maneiras inúmeras, e eles são aparentemente fatais para a concepção e verificação de qualquer lei científica.³⁷

³⁴ Idem, *ibidem*, p.20

³⁵ Idem, *ibidem*, p.22-23

³⁶ Goldwin Smith (1923 Reading, Berkshire - 1910) foi um historiador e jornalista inglês. Mudou-se para os EUA em 1868, tendo dado aulas de Inglês e história constitucional na Cornell University de 1868 a 1872. Após esse período, mudou-se para Toronto, mas nunca rompeu laços com a universidade americana.

³⁷ SMITH, Goldwin. *The Treatment of History*. In. *The American Historical Review*, Vol. 10, No. 3 (Apr., 1905), p.69

Além disso, a ciência permite a previsão, logo, se esta fosse a natureza da História, os eventos seriam previsíveis. Smith falou sobre a possibilidade de uma abordagem filosófica, uma filosofia da história,

A filosofia da história, [...] sem afetar o caráter ou reivindicando as prerrogativas de uma ciência, mas simplesmente repousando sobre a identidade da natureza humana, traça efeitos passados para suas causas, e da continuidade ou recorrência da causa, prediz uma recorrência do efeito. Ela revela a interação e a natureza de todas as forças e influências das quais a história passada foi resultado, variando-as em sua ordem e tentando atribuir a cada uma delas sua parte no resultado. Frequentemente, assume a forma de tratados separados. Mas nenhum trabalho histórico que mostre a sequência de eventos, nada em suma que seja realmente história e não apenas uma crônica, pode ser sem filosofia.³⁸

Mesmo demonstrando a possibilidade de lidar com a História filosoficamente, o historiador encerrou seu discurso sem propor uma resposta à questão.

Dentre os historiadores que foram presidentes da AHA entre 1884 e 1914, pelo menos um afirmou categoricamente o caráter literário da História, mas sem negar sua cientificidade. Presidente da associação em 1912, o ex-presidente americano Theodore Roosevelt³⁹ proferiu um discurso intitulado “*History as Literature*”. Em seu texto, afirmou que muito se discute sobre a natureza deste conhecimento, e que o problema estaria no fato de que a ciência exige a exclusividade do campo.⁴⁰

Para o historiador, a apresentação das pesquisas em forma escrita não poderia ser puramente emocional, pois isso comprometeria sua veracidade, mas por outro lado, os historiadores vinham sacrificando toda a “cor” de suas narrativas, como se a imaginação fosse incompatível com a

³⁸ Idem, *ibidem*, p.71

³⁹ Theodore Roosevelt (1858 New York City, New York – 1919) foi o primeiro presidente Americano a ser posteriormente presidente da AHA. Formou-se em Harvard, tendo escrito diversos trabalhos de história, entre eles a obra de dois volumes “*The Naval War of 1812*”, de 1882 e a obra de quatro volumes “*The Winning of the West*” publicada entre 1889 e 1896.

⁴⁰ ROOSEVELT, Theodore. *History as Literature...* op. cit. p.473

verdade.⁴¹ Mas a História também deveria ter poder imaginativo, o que não colocaria necessariamente em risco a exatidão, ao contrário, uma apresentação real só poderia ser feita com imaginação:

O poder imaginativo exigido por um grande historiador é diferente daquele exigido por um grande poeta, mas não é menos evidente. Tal poder imaginativo não é, de forma alguma, incompatível com a exatidão minuciosa. Pelo contrário, a apresentação do passado precisa, real e vívida, só pode vir de alguém em quem o dom imaginativo é forte.⁴²

A imprecisão só viria de uma imaginação distorcida, por isso o grande historiador deveria ser mestre na ciência histórica, mas, além da imaginação e dos conhecimentos técnicos, o historiador deveria possuir poder de expressão para devolver à vida o que está morto: “O melhor historiador literário deve necessariamente ser um mestre na ciência da história, um homem que tem na ponta de seus dedos todos os fatos acumulados das tesourarias do passado morto. Mas ele também deve possuir o poder de ordenar o que está morto, para que, diante de nossos olhos, ele viva novamente”.⁴³

Para Roosevelt, a utilização da imaginação na escrita da História seria essencial para que esta cumprisse sua função social de construção de cidadania, uma vez que a História só teria utilidade se fosse lida, e ela não seria lida a menos que fosse agradável. Além disso, percebia a educação como tornando-se cada vez mais técnica, a fim de responder às necessidades práticas. A mesma coisa ocorreria com a História, que possui lições puramente práticas para a resolução de problemas sociais e industriais imediatos, mas essas necessidades não deveriam excluir o conhecimento histórico literário:

[...] se formos sábios, não permitiremos mais que esse treinamento prático exclua o conhecimento daquela parte da literatura que é histórica daquela parte da literatura que é poesia. Lado a lado com a necessidade da perfeição

⁴¹ Idem, *ibidem.*, p.474

⁴² Idem, *ibidem.* p.475

⁴³ Idem, *ibidem.* p.476

do indivíduo na técnica de sua vocação especial, existe a necessidade de uma ampla compaixão humana e a necessidade de uma emoção elevada e generosa nesse indivíduo. Só assim a cidadania do estado moderno pode elevar-se às complexas necessidades sociais modernas.⁴⁴

Esse conhecimento não seria utilitário, mas inconscientemente didático, possuindo a mais elevada forma de utilidade: “[...] o poder de emocionar as almas dos homens com histórias de força, habilidade e ousadia, e de tirá-las de seus eus comuns para o auge de seu grande empreho.”⁴⁵

Neste texto de Rosevelt, a preocupação com qualidade da narrativa trazida pela Nova História fica evidente, onde a forma é percebida como importante para que os textos fossem alcançados por um público mais amplo. Outro aspecto acolhido é a percepção da colaboração entre diferentes disciplinas para o avanço do conhecimento sobre a sociedade: “Cada ciência ou disciplina é sempre dependente de outras ciências e disciplinas. Ela obtém sua vida delas, e a elas deve, consciente ou inconscientemente, grande parte de suas chances de progresso”.⁴⁶

Dois anos antes, Frederick Jackson Turner já havia dedicado seu discurso à defesa da união entre disciplinas irmãs, argumentando que, nas ciências naturais, diferentes disciplinas haviam se unido para compreender de maneira mais completa o mundo físico, e que o mesmo deveria ser feito para compreender a sociedade.⁴⁷

Turner iniciou o seu discurso, “*Social Forces in American History*”, afirmando que as mudanças que vinham ocorrendo em seu país nos últimos anos constituiriam uma verdadeira revolução: fim de uma linha de fronteira; massiva industrialização; aumento da produção; chegada de grandes levas de imigrantes; crescimento do capital americano; concentração de renda e formação de monopólios. Desta maneira, haveria um complexo de forças atuando na sociedade, sendo múltiplos os fatores

⁴⁴ Idem, *ibidem*, p.480

⁴⁵ Idem, *ibidem*, p.481

⁴⁶ Idem, *ibidem*, p.483

⁴⁷ TURNER, Frederick Jackson. *Social Forces in American History...* op. cit.

agindo sobre o desenvolvimento histórico. Neste sentido, o entendimento completo desse movimento não poderia ser alcançado utilizando-se apenas um método de investigação:

Obviamente, ao tentar indicar pelo menos uma parte das características significativas de nossa história recente, fomos obrigados a perceber um complexo de forças. Os tempos estão tão próximos que as relações entre eventos e tendências se impõem à nossa atenção. Precisamos lidar com as conexões entre geografia, crescimento industrial, política e governo. Devemos levar em consideração a composição social em mudança, as crenças herdadas e atitudes habituais das pessoas, a psicologia da nação e das seções em separado, bem como dos líderes. Precisamos ver como esses líderes são moldados, em parte pelo seu tempo e seção, e como eles são originais e criativos em virtude de sua própria genialidade e iniciativa. Não podemos negligenciar as tendências morais e os ideais. Todas são partes relacionadas da mesma questão e não podem mais ser adequadamente entendidas isoladamente do movimento como um todo, que não pode ser entendido negligenciando alguns desses fatores importantes, ou pelo uso de um único método de investigação.⁴⁸

O que caberia ao historiador fazer, antes de tentar descobrir se a História requer uma explicação econômica; ou psicológica; ou qualquer que seja, ele deveria reconhecer que os fatores na sociedade são variados e complexos, e por isso não poderiam ser analisados de forma isolada. O historiador chegaria a uma visão mais ampla familiarizando-se com suas disciplinas irmãs:

O economista, o cientista político, o psicólogo, o sociólogo, o geógrafo, os estudantes de literatura, de arte, de religião - todos os trabalhadores aliados no estudo da sociedade - têm contribuições para a aparelhagem do historiador. Essas contribuições são em parte materiais, em parte de ferramentas, em parte de novos pontos de vista, novas hipóteses, novas sugestões de relações, causas e ênfases. Cada um desses estudantes corre algum risco de parcialidade por seu ponto de vista particular, por sua exposição para ver simplesmente a coisa na qual lhe interessa especificamente, e também por seu esforço para deduzir as leis universais de sua ciência separada. O historiador, por outro

⁴⁸ Idem, *ibidem*, p.225

lado, está exposto ao perigo de lidar com as complexas e interativas forças sociais de um período ou de um país por um único ponto de vista para o qual sua educação ou interesse especial o inclinam.⁴⁹

Para Turner, o historiador deveria procurar conhecer mais profundamente a sociedade, e não necessariamente buscar suas leis de desenvolvimento:

Ele deve ver na sociedade americana, com seus vastos espaços, suas seções iguais às nações europeias, suas influências geográficas, seu breve período de desenvolvimento, sua variedade de nacionalidades e raças, seu extraordinário crescimento industrial sob as condições de liberdade, suas instituições, cultura, ideais, psicologia social e até mesmo suas religiões – formando-se e mudando quase sob os seus olhos –, um dos campos mais ricos já oferecidos para o reconhecimento preliminar e o estudo das forças que operam e interagem na formação da sociedade.⁵⁰

Em seu discurso há outro ponto característico da Nova História, que é a preocupação com as questões do presente ao se olhar para o passado, o “presentismo”. Este ponto será melhor desenvolvido adiante.

Esses elogios à cooperação entre as disciplinas não foram proferidos por todos os historiadores desta geração. Como dito anteriormente, esses movimentos representaram tendências de um período que acabou se destacando, mas que não foram adotados ou aceitos pela totalidade dos profissionais. Um exemplo disso foi George Burton Adams⁵¹ que, em 1908, em seu discurso “*History and Philosophy of History*”, falou com desprezo sobre o nascimento de novas ciências que seriam ramificações da História e que seriam linhas de ataque à disciplina: a ciência política; a geografia; a economia; a sociologia e a psicologia social, cada uma buscando explicar, através da ciência, o desenvolvimento histórico a partir de sua perspectiva,

⁴⁹ Idem, *ibidem*. p.232-233

⁵⁰ Idem, *ibidem*. p.233

⁵¹ George Burton Adams (1851 Fairfield, Vermont – 1925), medievalista, foi professor na Yale University entre 1888 e 1925. Seus principais trabalhos foram “*Civilization during the Middle Ages*” de 1894 e “*Growth of the French Nation*” de 1896.

Não importa que disfarce possa ser usado em um determinado caso, não importa qual seja o nome pelo qual um determinado grupo opte por se chamar, não importa quão pequena, na imensidão de influências que fazem o todo, pode ser a força na qual encontrariam a explicação final da história, a afirmação enfática que todos eles fazem é a de que a história é a progressão ordenada da humanidade para um fim definido, e que podemos conhecer e declarar as leis que controlam as ações dos homens na sociedade organizada. [...] Todos eles parecem olhar com um desprezo mais ou menos bem-encoberto pelo historiador, e considerar seu próprio trabalho como de um tipo superior, mais verdadeiramente científico e mais próximo do caráter final do que o nosso.⁵²

O historiador defendia que esses ataques seriam resultado dos avanços científicos das décadas anteriores, mas que não conseguiram trazer consigo um sentido à História, uma filosofia da história. Para Adams, a saída estaria na própria História, que não deveria ignorar esse movimento. O trabalho do historiador deveria continuar a ser o de estabelecer o que realmente aconteceu, mas isso não excluiria uma filosofia da história, isso porque, partindo de um poema de Browning, afirma que Deus nos concedeu duas visões, uma do plano completo do tempo e outra do trabalho do minuto, sendo a primeira a filosofia da história, e a segunda o trabalho diário de investigação longa e correta sobre a ciência da História: “Deus concedeu duas visões ao homem - / Uma de todo o trabalho do homem, o plano completo do tempo, / A outra, do trabalho do minuto, o primeiro passo do homem / Para a completude do plano”.⁵³

Mas retornemos às questões sobre a escrita da História.

Como vimos anteriormente, Roosevelt falou da História como literatura, sendo a imaginação do historiador essencial para dar vida aos acontecimentos passados em suas narrativas. Albert Bushnell Hart⁵⁴ também tratou da imaginação em seu discurso proferido em 1909,

⁵² ADAMS, George Burton. History and the Philosophy of History. In.: *The American Historical Review*, Vol. 14, No. 2 (Jan., 1909), p. 229-230

⁵³ Browning apud ADAMS, George Burton. History and the Philosophy of History... op. cit. p. 221

⁵⁴ Albert Bushnell Hart (1854 Clarksville, Pennsylvania – 1927) formou-se em Harvard e obteve seu título de doutor em Freiburg sob orientação de Hermann Eduard von Holst. Em 1883, começou sua carreira como professor em Harvard, dando aulas nos cursos de história da América e história europeia, onde permaneceu até 1926, ano de sua aposentadoria. Além de ter escrito vários trabalhos sobre a história de seu país, entre eles “*Formation of the Union*”

“*Imagination in History*”, mas abordou a questão de uma maneira diferente.

Hart afirmou que o tempo em que viviam estava tomado pela imprecisão, disseminada por todas as áreas, não ficando a História isenta, de modo que, se os mortos voltassem, não se reconheceriam no que era dito sobre eles. Para o historiador, o problema que afetava a exatidão seria justamente a imaginação, “O problema de muitos historiadores de grande reputação e que têm uma série de leitores é aquele que destrói a exatidão – a imaginação”,⁵⁵ e afirmou ser necessário reassegurar o caráter científico da História:

É dever de um corpo sóbrio e estudioso como o da American Historical Association enfatizar o caráter estritamente científico da história, enfatizar os princípios fixos da pesquisa, alertar o mundo contra as consequências do estudo e da escrita incorretos da história. O remédio é uma questão de método, processo e ponto de vista. Existe alguma maneira de tornar a história verdadeira, além de libertá-la de toda a imaginação?⁵⁶

Mas, para Hart, mesmo a imaginação sendo perigosa, ela seria essencial para que o historiador fizesse com que o leitor visse como o escritor via, estando o problema na imaginação que inventa ou deturpa a verdade:

O risco do historiador está na imaginação, isto é, no tipo de imaginação que inventa detalhes ou se apega aos sem importância, ou os combinam em quadros que são apenas exteriores; que nada nos dizem da agitação e movimento das almas humanas, do choque das vontades humanas, do pensamento da consciência nacional. Existe outro tipo de imaginação que funciona de dentro para fora; a que faz o leitor ver como o historiador vê o real caráter dos homens; que adivinha seus impulsos; que, permitindo a fraqueza humana e pela pressão de circunstâncias adversas, nos informa se este ou aquele homem, este ou aquele povo, esta ou aquela época, este ou aquele padrão, levou adiante a civilização, abriu as comportas para o pensamento, libertou as almas. Não há

(1892), “*Salmon Portland Chase*” (1899), “*Essentials of American History*” (1905) e “*Slavery and Abolition*” (1906), Hart organizou importantes coleções, entre elas “*The American Nation*”, uma série de 28 volumes publicada entre 1903 e 1918. Por quatorze anos, foi editor da AHR.

⁵⁵ HART, Albert Bushnell. *Imagination in History*. In.: *The American Historical Review*, Vol. 15, No. 2 (Jan., 1910), p.229

⁵⁶ Idem, *ibidem*. p.229

grande história sem grande imaginação, assim como não há pintura ou, por falar nisso, descoberta científica.⁵⁷

Tanto Roosevelt quanto Hart foram historiadores que simpatizavam com o movimento da Nova História e demonstraram em seus discursos que, apesar das ressalvas, compreendiam a importância da imaginação nas narrativas históricas. Mas é interessante notar que em ambos há uma forte afirmação da cientificidade da História, sendo que para o segundo, essa preocupação aparece de maneira mais acentuada. Desta forma, como mencionado no capítulo anterior, para essa tradição historiográfica, a escrita era mera questão de forma e não afetava necessariamente a natureza de sua disciplina, seguramente científica. Parece-me aqui que a aceitação do emprego da imaginação na escrita da História era compreendida como uma espécie de aproximação interdisciplinar entre História e Literatura, aproximação que não causaria danos às estruturas disciplinares constituídas.

Verdade, objetividade e subjetividade

A questão da verdade na escrita da História também foi tema recorrente ao longo do recorte selecionado. Obviamente, nenhum dos presidentes negou o compromisso com a verdade nas pesquisas, mas as concepções sobre o que constituiria uma verdade histórica e como alcançá-la aparecem de formas bastante heterogêneas.

Alfred Thayer Mahan⁵⁸ falou sobre a busca pela verdade no discurso “*Subordination in Historical Treatment*”, de 1902, que tratou da busca por unidade no trabalho do historiador em um universo de multiplicidade de fatos.

Mahan afirmou que a História deveria ser o “templo da verdade”, mas que, por conta da multiplicidade de fatos e detalhes, muitas vezes contraditórios, encontrados em documentos diversos, essa verdade seria

⁵⁷ “.”, Idem, ibidem, p.250-251

⁵⁸ Alfred Thayer Mahan (1840 West Point, New York – 1914) foi um oficial naval e historiador, tendo publicado diversos livros de história naval.

difícil de ser encontrada e transmitida. Essa multiplicidade traria uma ideia de contradição, e a função do historiador não seria a de apresentar todos os detalhes, mas dispô-los corretamente.⁵⁹ O historiador utilizou a metáfora da construção – bastante recorrente nos discursos analisados –, e afirmou que os fatos são tijolos e que caberia ao historiador ordená-los em um trabalho de criação, dando sentido a esses diversos elementos soltos, que sozinhos valeriam quase nada. Mas, mesmo sendo um trabalho de criação, como o de um artista – como afirmou mais adiante em seu texto –, Mahan defendeu a existência de uma verdade, onde os fatos deveriam ser ordenados de forma a revelar a História:

Fatos, por mais exaustivos e laboriosamente adquiridos, são apenas os tijolos e a argamassa do historiador; fundamental, indispensáveis e altamente respeitáveis, mas em estado bruto, são utilizados um, ou no máximo alguns. Somente quando eles tiverem passado pelos processos mentais do artista, pela devida seleção e agrupamento dos materiais à sua disposição, é que haverá um quadro compreensível ao conjunto dos homens. [...] O trabalho assim feito pode ser justamente chamado de criação; porque enquanto os vários fatos são irreversivelmente independentes da fabricação ou manipulação do mestre, toda a verdade, à qual eles correspondem em conjunto, é uma concepção árdua. Alcançá-la e compreendê-la em palavras, requer um esforço de análise, de *insight* e de imaginação. Também é necessário um dom de expressão, tão frequentemente desconcertado como é a tentativa do pintor de transmitir aos outros sua concepção de uma cena histórica, que, na verdade, ele pode encontrar dificuldade em perceber claramente a sua própria visão mental. Este processo, no entanto, não cria história, a percebe, traz à tona o que ali se encontra.⁶⁰

Mesmo havendo uma multiplicidade de fatos, haveria uma unidade na História, e essa unidade não corresponderia à exclusão de todos em detrimento de um, pelo contrário, a própria palavra “unidade” implicaria multiplicidade, mas uma multiplicidade na qual os elementos que a constituem estariam subordinados à ideia dominante. Assim, para Mahan, a

⁵⁹ Não foi encontrado o relatório de atividades da associação desse ano, por este motivo, a versão do discurso utilizada para análise foi retirada da página da American Historical Association, onde o texto não é paginado. MAHAN, Alfred Thayer. *Subordination in Historical Treatment*. 1902.

⁶⁰ Idem, *ibidem*

História seria a consumação de um plano da Providência, onde cada incidente seria uma peça em um mosaico que possuiria uma unidade intrínseca:

O plano da Providência, que em seu cumprimento chamamos de história, é de alcance mais amplo e com detalhes mais complicados do que as táticas de uma batalha, ou a estratégia de uma campanha, ou até mesmo a política de uma guerra. Cada um desses, em sua própria esfera, é um incidente da história, possuindo uma unidade intrínseca própria. Cada um, portanto, pode ser tratado depois da forma e sob as limitações que sugerir; como uma obra de arte que tem uma característica central em torno da qual os detalhes devem ser agrupados, mas mantidos sempre subordinados ao seu devido desenvolvimento. Então, e somente assim, a unidade da imagem será preservada com sucesso; mas quando isto for feito, cada incidente em particular, e grupo de incidentes, torna-se como se fosse uma peça totalmente forjada e formada, preparada para ser ajustada em seu lugar no grande mosaico que a história da raça está gradualmente formando sob o prevaletimento divino.⁶¹

O dever do historiador seria o de hierarquizar, dando destaque ao que dá um caráter especial ao período analisado. Na perfeição do trabalho particular, ele contribuiria para a construção do todo, atribuindo uma unidade ideal que corresponderia ao pensamento do “arquiteto divino”.⁶²

A questão da verdade apareceu de forma bastante instigante em 1913, no discurso de William A. Dunning⁶³, “*Truth in History*”. O historiador afirmou que diversos fenômenos constituiriam verdades históricas, mas que não seriam relevantes por não terem influenciado o desenvolvimento humano, e que por isso não poderiam ser chamados de História.⁶⁴ Em suas investigações, o historiador seria confrontado com essas questões sobre a verdade, em especial sobre a veracidade dos fatos, da cronologia e dos nexos

⁶¹ Idem, *ibidem*

⁶² Idem, *ibidem*

⁶³ William Archibald Dunning (1857 Plainfield, New Jersey – 1922) foi um historiador e cientista político que obteve toda a sua formação acadêmica na Columbia University, instituição em que também atuou como professor. Dunning tornou-se reconhecido entre os historiadores americanos pelos seus trabalhos sobre o período da Reconstrução do Sul, mas considerados como tendo um viés racista por interpretá-la como uma conspiração de republicanos radicais para subjugar os brancos da região.

⁶⁴ DUNNING, William A. Truth in History. In.: *The American Historical Review*, Vol. 19, No. 2 (Jan., 1914), p.218

causais. Para Dunning, o problema estaria na primazia que via como sendo dada ao primeiro aspecto, sendo pouca a importância dispensada ao último:

A última dessas tarefas não é de forma alguma a menos importante. Como temos sido recentemente advertidos pelo decano da corporação histórica na América, Dr. Jameson, com sua força e precisão, “a corrente da história é uma corrente de causalidade”. Para determinar as forças e detectar as relações subjacentes ao movimento dessa corrente, há a necessidade de uma dotação excepcional e uma aplicação irrestrita da força intelectual. Há cerca de um século, este campo particular de atividade tem sido menos diligentemente cultivado pelo historiador científico, e tem sido seu objetivo especial alcançar a exatidão no primeiro dos aspectos da verdade acima mencionados.⁶⁵

Nesta busca pelos fatos objetivos, os pesquisadores não perceberiam que o curso da História não seria determinado pelo que é verdade, mas pelo que os sujeitos julgariam ser verdade. Se a lição do passado é procurada como guia para a política, ela deveria ser encontrada no erro que se acreditava na época, e não na verdade trazida à tona pelo historiador:

Porque isto é assim? Por que as realizações da pesquisa histórica, ao trazer à luz a verdade sobre os eventos individuais do passado, mudam tão superficialmente o panorama geral? Esta é a questão para a qual desejo dedicar alguma atenção particular. A resposta para isso não pode ser simples, e eu não pretendo fazer da minha definitiva. Eu apenas sugeriria [...] que o curso da história humana não é mais determinado pelo que é verdadeiro do que pelo que os homens acreditam ser verdadeiro; e, portanto, aquele que traz à luz uma ocorrência passada, da qual ele é o primeiro a ter conhecimento, provavelmente estará lidando com o que não é parte real da história. Os fenômenos da vida social, na medida em que são determinados pela vontade do homem, são devidos em sua origem e sequência às condições que parecem aos contemporâneos, não às condições reveladas em sua realidade ao historiador séculos depois. Ou, se a lição do passado é procurada como um guia para qualquer política, a lição que é aprendida e posta em prática é derivada do erro que passa como história na época, não da verdade que se torna conhecida muito depois.⁶⁶

⁶⁵ Idem, *ibidem*. p.218-219

⁶⁶ Idem, *ibidem*. p.220

Desta maneira, a verdade seria relativa às épocas e pessoas, sendo o erro, não o fato, o que importaria. A função do historiador seria a de averiguar o alcance e o conteúdo das ideias que constituíram a cultura de um período, e não ficar apontando os equívocos no que as pessoas acreditavam ser verdade.⁶⁷ Assim, para que uma compreensão sobre as ações das pessoas do passado fosse possível, o pesquisador precisaria ter humildade, reprimindo seu desprezo pelo erro e apresentando as ocorrências passadas em sua consequência causal, já que as crenças dos homens representariam fatos importantes na cadeia de causalidade.⁶⁸

Ao contrário do que possa parecer à primeira vista, Dunning não relativizou ou negou a verdade, em realidade, acabou por fazer o oposto: ou seja, afirmou que a verdade é relativa ao contexto, e que o que importa é o erro e não o fato objetivo, ele propunha que o historiador desse uma importância maior ao *significado* da realidade passada.

Alguns dos presidentes da associação defenderam em seus discursos a verdade como sendo o principal horizonte do historiador, mas, no decorrer de seus argumentos a subordinaram a outros valores. Foi o caso de George Hoar,⁶⁹ que em 1895 proferiu um discurso perante os outros membros da AHA em que tinha como tema o descontentamento da população com o governo representativo, “*Popular Discontent with Representative Government*”. Logo de saída, afirmou que a verdade inabalável constituiria o primeiro dever do historiador, que não deveria buscar agradar a interesses particulares: “Agora, para o historiador, não importa a qual dessas duas classes pertença: do compilador da genealogia da família Smith, a Tucídides ou Tácito; a verdade, a verdade inexorável, é essencial”.⁷⁰

⁶⁷ Idem, *ibidem*. p.227

⁶⁸ Idem, *ibidem*. p.229

⁶⁹ George Frisbie Hoar (1826 Concord, Massachusetts – 1904), membro de uma proeminente família ligada à política desde o século XVIII na Nova Inglaterra, formou-se em Direito em Harvard e juntou-se ao Partido Republicano logo após a sua fundação. Hoar foi senador por Massachusetts de 1877 a 1904.

⁷⁰ HOAR, George F. *Popular Discontent with Representative Government*. In. *Annual Report of the American Historical Association, 1895*, p.22

Afirmar a verdade como um valor do pesquisador, por mais significativo que seja, não representa nada de extraordinário, uma vez que é possível dizer que quase todos os discursos entre 1884 e 1914, em algum momento, sendo central para o argumento ou não, afirmaram ser este um importante compromisso do historiador. O interessante é o fato de que, logo depois de ter defendido a prevalência da verdade, Hoar afirmou que mais danosa do que a mentira seria a depreciação ou desvalorização da História de seu país e de seus personagens; que dano maior era feito na degradação do que no elogio exagerado:

O primeiro dever do historiador, como eu disse, como o primeiro dever de todo homem em toda relação de vida, é a verdade absoluta. No entanto, se alguma coisa em seu amor ao país ou um entusiasmo elevado o levaram a pintá-lo em cores muito favoráveis, o julgamento sóbrio do tempo corrigirá o erro. Nenhum dano sério terá sido feito. Certamente, nenhum jovem foi estragado por reverenciar demais a memória de seus pais. Se algo deve ser perdoado sobre a enfermidade humana, é certamente melhor errar do lado de enobrecer a história do país do que errar do lado de degradá-la.⁷¹

Hoar criticou o desserviço prestado por jornalistas e historiadores infectados pelo antiamericanismo dos estrangeiros, que ao invés de contribuírem para que os cidadãos tivessem orgulho de seu país, faziam com que se sentissem descontentes, “Eu não consigo entender por que esses descobridores de falhas, que não conseguem encontrar dez homens justos em nossa Sodoma ou Gomorra, não saem dela antes que o fogo do céu caia. Eu acho que todo investigador histórico executará um serviço útil se ele ajudar a satisfazer o povo americano, especialmente as próximas gerações, mostrando que esses homens estão equivocados”.⁷²

O interessante deste discurso é que, apesar de afirmar a prevalência da verdade, na prática, Hoar a subordina a um dever patriótico de colaborar com a criação de um sentimento de orgulho pelo país entre os cidadãos.

⁷¹ Idem, *ibidem*. p.23

⁷² Idem, *ibidem*. p.29

George Park Fisher⁷³ fez coro à Hoar três anos depois, ao criticar, em “*The Function of the Historian as a Judge of Historic Persons*”, o posicionamento de historiadores como juízes morais.

Como Hoar, Fisher também iniciou o seu discurso defendendo o compromisso dos historiadores com a verdade, ainda mais em tempos em que o acesso a uma infinidade de fontes havia sido facilitado, possibilitando maior conhecimento sobre o passado.⁷⁴ Mesmo assim, haveria “influências equivocadas” que poderiam afetar o julgamento do historiador. A primeira seria a adoração a heróis:

A fascinação, exercida pelo homem ou pela mulher, traz consigo um poder de ilusão. É passível de exagerar méritos e esconder defeitos e atribuir ao objeto admirado encantos irrealis. Grandes homens, como grandes objetos da natureza, excitam a imaginação. Eles emocionam o espectador como as pirâmides e majestosas catedrais erguidas pela arte humana. “Herói” é uma palavra que significava, ou passou a significar, entre os gregos, uma personagem semidivina.⁷⁵

A segunda, mais prejudicial do que a primeira, seria a retirada de heróis de seus pedestais: “Mas a adoração de heróis, por mais extravagante que seja, é muito menos censurável no historiador do que a propensão a retirar heróis reais de seus pedestais. Não há bem maior para uma nação do que ter pelo menos um homem que é justamente consagrado na veneration popular – pelo menos um cujo nome seja de certo modo sagrado”.⁷⁶

Fisher questionou qual deveria ser o critério para o julgamento moral a um personagem histórico, e afirmou que seria colocando-o em seu contexto, sem julgá-lo a partir de valores atuais.

⁷³ George Park Fisher (1827 Wrentham, Massachusetts – 1909) foi historiador e teólogo, tendo atuado como professor de história eclesíastica na Yale Divinity School.

⁷⁴ FISHER, George Park. *The Function of the Historian as a Judge of Historic Persons*. In. *Annual Report of the American Historical Association*, 1898, p.17-18

⁷⁵ Idem, *ibidem*. p.18

⁷⁶ Idem, *ibidem*. p.220

Henry Charles Lea⁷⁷, em 1903, fez afirmação semelhante em “*Ethical Values in History*”, onde defendeu que a moral é histórica, e que sendo assim, os personagens do passado não deveriam ser julgados a partir dos valores do tempo do historiador.⁷⁸

A moral seria culturalmente determinada, sendo influenciada por uma diversidade de fatores: “Raça, civilização, ambiente – todos influenciam as percepções morais, que variam de época para época; ao passo que os padrões de certo e errado são modificados e adaptados ao que, no momento, são considerados os objetos mais benéficos para o indivíduo ou para a organização social”.⁷⁹ Desta maneira, não haveria padrão moral universal, e os personagens deveriam ser julgados de acordo com o seu tempo. A História deveria estar comprometida com a verdade; poderia haver julgamento moral, mas este deveria estar baseado em fatos:

Quanto à sua aplicação prática, presumo que vocês concordarão comigo que a história não deve ser escrita como um conto da escola dominical para crianças crescidas. É, ou deveria ser, uma tentativa séria de averiguar a verdade mais severa sobre o passado e de apresentá-la sem medo ou favor. Pode, e geralmente irá, transmitir uma moral, mas essa moral deve se edificar a partir dos fatos. Personagens historicamente proeminentes geralmente são assim porque são homens do seu tempo, representantes de suas crenças e aspirações; e eles devem ser julgados de acordo. Se essas crenças e aspirações levam ao mal, o historiador deve procurar traçar sua origem e desenvolvimento, e pode, se assim o desejar, apontar seus resultados; mas ele não deveria responsabilizar os homens que obedeceram às suas consciências, mesmo que isso os levasse ao que nós concebemos como sendo errado. É diferente com aqueles que pecaram contra a luz que lhes foi concedida, pois condená-los é simplesmente julgá-los pelos padrões de seu tempo.⁸⁰

⁷⁷ Henry Charles Lea (1825 Philadelphia, Pennsylvania – 1909) trabalhou durante muitos anos no ramo editorial, seguindo os passos de seu pai, mas dedicou grande parte de sua vida ao estudo do passado. Lea escreveu principalmente sobre história da Idade Média com ênfase em temáticas religiosas, tendo, ao final da vida, acumulado um grande acervo de manuscritos, que posteriormente foram doados a University of Pennsylvania.

⁷⁸ Não foi encontrado o relatório de atividades da associação desse ano, por este motivo, a versão do discurso utilizada para análise foi retirada da página da American Historical Association, onde o texto não é paginado, LEA, Henry Charles. *Ethical Values in History*. 1903

⁷⁹ Idem, *ibidem*

⁸⁰ Idem, *ibidem*

Julgar os personagens de acordo com o seu tempo aparece como um comprometimento com a verdade, uma vez que o historiador deveria buscar enxergar de acordo com o ponto de vista do tempo que estuda, na tentativa de compreender a moralidade da época. Desse modo, somente assim, a partir desse olhar “contextualizado” é que chegaria a uma imagem precisa do passado, sendo que, analisar a partir dos valores de seu tempo seria introduzir subjetividade no que deveria ser objetivo:

Distanciar-se disso e introduzir teorias éticas modernas no julgamento de homens e coisas de outros tempos é introduzir a subjetividade no que deveria ser puramente objetivo. Todos nós temos nossas convicções - talvez nossos preconceitos - e nada para o historiador é mais vital do que estar atento para elas não afetarem seu julgamento e colorir sua narrativa. Acima de tudo, ele deve cultivar o distanciamento que o habilita a indagar sobriamente e imparcialmente e estabelecer a verdade.⁸¹

Para Lea, a História não perderia sua posição de professora da moralidade no tratamento “incolor” que propõe. Pelo contrário: julgar os personagens não ensinaria lições, somente aumentaria preconceitos; o que ensinaria seria representá-los com sinceridade, uma vez que demonstraria que essas ações foram fruto de concepções éticas distorcidas, o que permitiria encontrar caminhos para a melhoria.⁸²

Como vimos no capítulo anterior, a objetividade foi um valor caro no contexto da disciplinarização, onde muitos historiadores enxergavam na suposta ausência de subjetividade um sinal da cientificidade das pesquisas, por representar uma narrativa do que realmente aconteceu, livre de qualquer vestígio do historiador que a escreveu.

Mas, como todos os aspectos abordados até aqui, a importância de uma escrita livre da subjetividade do pesquisador também não foi ponto pacífico entre os historiadores das primeiras gerações da História disciplinada, e isso fica mais evidente nos discursos dos últimos presidentes, quando havia a presença da influência da Nova História.

⁸¹ Idem, *ibidem*

⁸² Idem, *ibidem*

Turner, em seu discurso já mencionado, em que defendeu a união das ciências irmãs para um entendimento mais complexo sobre as forças que modificam a sociedade, afirmou que a observação das condições contemporâneas ajudaria no estudo do passado. O historiador afirmou que cada geração olha para o passado a partir de questões de seu tempo:

É uma crença familiar que cada época estuda sua história novamente e com interesses determinados pelo espírito da época. Cada época acha necessário reconsiderar pelo menos algumas partes do passado, a partir de pontos de vista fornecidos por novas condições que revelam a influência e o significado de forças não adequadamente conhecidas pelos historiadores da geração anterior. Inquestionavelmente, cada pesquisador e escritor é influenciado pelos tempos em que vive e, enquanto isso, expõe o historiador a um viés, ao mesmo tempo em que lhe oferece novos instrumentos e novos *insights* para lidar com o tema.⁸³

A História recente daria um novo significado aos eventos passados, sendo importante o seu estudo como fonte de novas hipóteses, novas linhas de investigação, novas perspectivas sobre o passado mais remoto. Muitos dos processos investigados por gerações anteriores haviam continuado em desenvolvimento após o fim das pesquisas, e com o passar do tempo, acabaram tendo outros desdobramentos:

Já foi dito o suficiente para deixar claro o ponto que estou tentando elucidar, a saber, a compreensão dos Estados Unidos de hoje, a compreensão da ascensão e do progresso das forças que o fizeram como é, exige que retrabalhem nossa história a partir dos novos pontos de vista proporcionados pelo presente. Se isso for feito, ver-se-á que o progresso da luta entre o Norte e o Sul pela escravidão e o negro libertado, que ocupou o principal lugar no interesse americano nas duas décadas após 1850, era, afinal, apenas um dos interesses da época. As páginas dos debates do Congresso, os jornais contemporâneos, os documentos públicos desses vinte anos, continuam sendo uma mina rica para aqueles que buscarão nelas as fontes de movimentos dominantes nos dias atuais.⁸⁴

⁸³ TURNER, Frederick Jackson. *Social Forces in American History...* op. cit. p. 226-226

⁸⁴ Idem, *ibidem*.p.230

Turner se preocupava com o futuro de seu país e suas instituições após todas as mudanças ocorridas entre meados do século XIX e início do XX. Assim, foi considerado um historiador presentista, pois entendia que o estudo do passado deveria servir às demandas do presente. Em seu texto, Turner chamou a atenção a esse aspecto subjetivo da escrita da História, argumentando que um estudo histórico não deveria ser apenas a descrição de eventos antigos, mas sim a atribuição de significado a esses eventos por um pesquisador situado historicamente, movido por perspectivas e preocupações de seu tempo.

Turner não foi o único presidente da AHA a atentar para as implicações do presente nas pesquisas sobre o passado. Em 1914, Andrew C. McLughlin⁸⁵, em “*American History and American Democracy*”, ao abordar a democracia americana, afirmou que, mais do que uma forma de governo, ela seria um espírito americano, e fez um chamado para que esses aspectos subjetivos fossem considerados pelos pesquisadores: “[...] É claro que a história lida com mais do que eventos e simples ações externas dos homens; ela tem a ver com ideais e propósitos, com o espírito e caráter do homem”.⁸⁶

McLughlin chamou a atenção à presença do historiador no desenvolvimento de suas pesquisas, sendo influenciado pelo seu contexto:

Na interpretação da história americana, e especialmente na história constitucional, os escritores foram claramente influenciados por seus próprios ambientes. E assim, qualquer trabalho histórico que vocês ou eu possamos fazer, provavelmente será tendencioso, independentemente de selecionarmos intencionalmente um prisma particular através do qual possamos ver o passado. O grande épico de Bancroft, com sua exultação pela fuga da servidão, foi

⁸⁵ Andrew Cunningham McLaughlin (1861 Beardstown, Illinois - 1947) iniciou sua carreira como professor de história na University of Michigan e, em 1906, foi para a University of Chicago, onde permaneceu até 1929. McLaughlin foi o primeiro diretor do Departamento de Pesquisa Histórica da Carnegie Institution em Washington em 1903, cargo que ocupou durante dois anos. Foi autoridade em história constitucional, tendo como principal trabalho o livro “*Confederation and Constitution, 1783-1789*”, publicado em 1907 na coleção “*The American Nation*” organizada por A. B. Hart.

⁸⁶ MCLAUGHLIN, Andrew C. *American History and American Democracy*. In.: *The American Historical Review*, Vol. 20, No. 2 (Jan., 1915), p. 256-257

uma expressão muito natural da democracia dinâmica e autoconfiante da era jacksoniana.⁸⁷

A própria escolha do tema de pesquisa partiria de questões subjetivas, da busca do historiador por responder questões que lhe são contemporâneas, e via como sendo desta maneira que a história vinha sendo escrita, mesmo que, anos depois, as questões ficassem ultrapassadas:

Eu estou pontuando que nós selecionamos e interpretamos com algo central e determinado em nossas mentes, e que a história americana foi escrita e lida, em grau considerável, pelo menos, porque os homens desejavam explicar algumas coisas que eram de interesse imediato e novo para eles, e que agora não parecem, afinal, tão importantes.⁸⁸

No caso dos dois historiadores mencionados, não há a negação da objetividade, mas sim, a consciência de que as pesquisas são feitas por sujeitos históricos que não podem deixar de lado o seu “eu” quando escrevem, deixando vestígios de si em seus textos.

Finalidade da História

As percepções entre os presidentes da AHA sobre qual seria a finalidade do conhecimento histórico foram bastante heterogêneas. Podemos agrupá-las em dois grandes blocos: a História como civicamente importante e a História como atribuidora de leis do desenvolvimento. Nesta seção, muitos discursos que já foram analisados serão retomados.

No que se refere à primeira finalidade, John Jay, em 1890, no discurso já mencionado anteriormente, afirmou que os EUA estariam muito atrás dos países do Velho Mundo no que se refere ao ensino de História, sendo este essencial para a construção de uma cidadania, uma vez que o conhecimento não poderia ficar restrito às elites. Além disso, o seu país estava

⁸⁷ Idem, *ibidem*. p.258

⁸⁸ Idem, *ibidem*. p.260

sendo inundado, diariamente, por imigrantes, desse modo, a educação, especialmente em História, teria a função de americanizar os imigrantes para que estes não subvertessem as instituições:

Nossas escolas comuns destinam-se a encaixar a juventude da América para o que Arnold chama de “o mais alto trabalho terreno - o trabalho do governo”; e esse trabalho está se tornando mais complexo e difícil com o avanço de nossa civilização para o Pacífico e com os problemas políticos e industriais, financeiros e comerciais, educacionais e sociais, que em sucessão ou em matriz conjunta surgem e nos confrontam. A estes acrescenta-se uma onda contínua de imigração de magnitude inesperada, representando frequentemente civilizações inferiores, estranhas e hostis à nossa. É verdade que a melhor parte e a mais inteligente passa a apreciar e valorizar as instituições americanas e a acolher para os filhos a escola comum que lhes servirá para a cidadania americana e elevá-las política e socialmente a um plano superior de civilização; mas também vem uma vasta multidão que, em sua ignorância, está pronta para subverter nossas instituições, para suplantiar nossos princípios e direitos nacionais – que eles não entendem – e, em alguns casos, forçar em nossas escolas públicas não apenas ideias não americanas, mas uma língua estrangeira.⁸⁹

Para os presidentes George Hoar e George Fisher, a História seria importante para a construção de um senso de orgulho do seu país nos cidadãos. Em seus discursos, analisados em detalhe na seção anterior, ambos trataram da depreciação de personagens históricos como algo negativo para a constituição de um patriotismo, sendo tarefa do historiador americano colaborar para esse senso.⁹⁰

Theodore Roosevelt também valorizou a História como importante para a cidadania em seu discurso sobre a História como literatura. Como tivemos a oportunidade de ver anteriormente, a função mais imediata da História seria a de educar para uma cidadania democrática, mas também seria importante para a inspiração do ser humano:

⁸⁹ Não foi encontrado o relatório de atividades da associação desse ano, por este motivo, a versão do discurso utilizada para análise foi retirada da página da American Historical Association, onde o texto não é paginado, JAY, John. *The Demand for Education in American History...* op. cit.

⁹⁰ HOAR, George F. *Popular Discontent with Representative Government...* op. cit. e FISHER, George Park. *The Function of the Historian as a Judge of Historic Persons...*

A história, ensinada para um propósito direto e imediatamente útil aos alunos e seus professores, é um dos elementos necessários para uma educação sólida em cidadania democrática. [...] Mas o trabalho histórico que possui qualidade literária pode ser uma contribuição permanente para a soma da sabedoria, do prazer e da inspiração do homem. O escritor de tal livro deve adicionar sabedoria ao conhecimento, e o dom da expressão ao dom da imaginação.⁹¹

Ao abordar a democracia americana como sendo mais do que uma forma de governo, mas também um espírito de sua nação, McLaughlin justificou a importância de se atentar para as questões subjetivas do passado como primordiais para um conhecimento mais complexo, sendo a autoconsciência necessária a uma nação que pretendesse ser grande:

Podemos muito bem questionar se uma nação pode se tornar verdadeiramente grande sem intensa autoconsciência e auto apreciação, e, por mais que o historiador possa se apegar a ideais de objetividade científica, ele pode muito bem acreditar que um dever do estudo e da escrita históricos é ajudar a tornar uma nação consciente de seu eu mais real, trazendo à ela sua própria atividade e as evidências de sua própria psicologia.⁹²

No que se refere à História, como busca pela chave de compreensão do desenvolvimento do mundo, alguns discursos se destacam. Vale lembrar que essa busca parte de uma percepção de que a História possui um sentido e que caminha em direção ao seu destino. Essa concepção é fruto do regime moderno de historicidade, abordado na Introdução, onde o tempo é compreendido como uma linha reta que rumo em direção ao progresso inevitável. Nesta concepção sobre a História, foi comum a busca por leis do desenvolvimento que ajudassem a estabelecer o sentido do destino histórico.

O primeiro presidente da associação, Andrew Dickson White⁹³, falou em seu discurso que no conhecimento histórico existem dois campos, o

⁹¹ ROOSEVELT, Theodore. *History as Literature...* op. cit. p.476

⁹² MCLAUGHLIN, Andrew C. *American History and American Democracy...* op. cit. p.258

⁹³ Andrew Dickson White (1832 – 1918) foi historiador e professor, tendo sido o primeiro presidente da AHA. Trabalhou muitos anos na *University of Michigan* e posteriormente foi o primeiro reitor da *Cornell University*, instituição que ajudou a fundar.

estudo especializado e o estudo geral, que em alguns momentos chama de síntese filosófica. Os estudos especializados constituiriam um trabalho nobre do historiador porque levariam à síntese filosófica, esta sim, essencial ao conhecimento humano, de onde se poderiam alcançar as leis do desenvolvimento histórico:

Daí parece que, por mais preciosas que sejam as investigações especiais, a mais preciosa de todas é a síntese feita por homens iluminados que examinam grandes campos, à luz dos melhores resultados de pesquisas históricas especiais, nos mostrando através de que ciclos de nascimento, crescimento e decadência várias nações passaram; que leis de desenvolvimento podem ser consideradas de forma justa e, sob essas leis, quais são as leis de saúde ou doença religiosa, moral, intelectual, social e política; que desenvolvimentos foram bons, auxiliando na evolução daquilo que é melhor no homem e na sociedade; que desenvolvimentos foram maus, tendendo ao retrocesso do homem e da sociedade; como várias nações tropeçaram e caíram em erros temerosos, e por quais processos foram tirados desses erros; quanto a massa de homens como um todo, agindo um sobre o outro de acordo com as leis gerais de desenvolvimento na natureza animada, tendeu a aperfeiçoar o homem e a sociedade; e o quanto certas mentes individuais, que surgiram como resultado do pensamento em seu tempo, ou apesar disso - desafiando qualquer lei que possamos formular - contribuíram para essa evolução.⁹⁴

O discurso de White não foi apenas a mensagem de um presidente aos seus colegas, mas um discurso de “inauguração” da associação. Mais do que sua concepção sobre a disciplina, demonstrou o que esperava da nascente American Historical Association, e, como podemos notar, havia uma expectativa otimista em relação ao trabalho de seus colegas na produção de sínteses filosóficas:

Espera-se, então, que no futuro, nas reuniões da Associação, como a que agora contemplamos, sejam frequentemente apresentados textos trazendo os resultados, não apenas de bons trabalhos especiais em história e biografia, trabalhos que requeiram análise crítica aguçada, mas bons trabalhos no largo

⁹⁴ WHITE, Andrew Dickson. On Studies in General History and the History of Civilization. In. *Papers of the American Historical Association*, vol. I (1886), p.50-51

campo que requeira uma síntese filosófica. Certamente, deve haver uma seção ou seções sobre história americana, geral e local, e talvez em outros campos especiais; mas deve haver também uma seção ou seções dedicadas à história geral, à história da civilização e à filosofia da história.⁹⁵

No discurso de Mahan, tratado anteriormente, em que este abordou a subordinação da multiplicidade de fatos a uma unidade, Mahan justificou o trabalho do historiador como sendo de ordenação dos fatos na busca da unidade verdadeira, onde tudo faria parte de um grande progresso que se encaminharia a sua consumação:

Todos fazem parte do grande progresso que avança para sua consumação; todos ministram a sua eficácia como um épico; todos melhoram - alguns mais, alguns menos - a excelência, não apenas dos vários estágios, mas de toda a história até aquela terrível catástrofe - aquela queda de Tróia - que a posteridade agora pode ver iminente desde o princípio.⁹⁶

Mahan concebia a História como o cumprimento de um complexo plano da Providência, onde cada evento constituiria uma peça de um grande mosaico harmonioso, sendo a tarefa conjunta dos historiadores, através de suas pesquisas particulares, revelar a unidade do trabalho do “Arquiteto Divino”.

Em contrapartida, para Turner, o objetivo final do trabalho do historiador não seria tanto o de buscar a chave para o desenvolvimento histórico, uma vez que, como argumentou em seu texto, haveria diversas forças atuando sobre a sociedade, mas sim, a de alcançar uma compreensão mais complexa sobre as forças que operam em sua constituição.⁹⁷ É interessante notar que essas afirmações compreendem uma mudança profunda em relação ao que afirmou em seu principal ensaio “*The Significance of the Frontier...*”, em que defendeu que a chave para a compreensão de

⁹⁵ Idem, *ibidem*. p.71

⁹⁶ Não foi encontrado o relatório de atividades da associação desse ano, por este motivo, a versão do discurso utilizada para análise foi retirada da página da American Historical Association, onde o texto não é paginado, MAHAN, Alfred Thayer. *Subordination in Historical Treatment...* op. cit.

⁹⁷ TURNER, Frederick Jackson. *Social Forces in American History...* op. cit.

seu país e suas instituições se encontraria na fronteira.⁹⁸ A diferença está no fato de que, quase vinte anos depois, Turner percebia a constituição social como sendo resultado de diversas forças, sendo assim, possuía uma concepção multicausal da História.

*

Muito rapidamente a História ergueu os pilares sobre os quais se constituiria como disciplina, a partir de meados do século XIX, bem como definiu como horizonte a ciência e afastou-se da Literatura. Esses pilares, não há dúvida, foram amplamente conhecidos pelos historiadores desde a sua institucionalização, mas, diferentemente do que esperaríamos ao olharmos a questão de maneira apressada, as maneiras pelas quais esses pilares foram tomados foram diversas, tendo sido a História um campo bastante heterogêneo em suas primeiras gerações.

A American Historical Association surgiu com o objetivo de reunir os envolvidos no “empreendimento histórico”, o que possibilitou discussões e representou um espaço de auxílio mútuo nas pesquisas entre os profissionais. Ao observarmos a associação de perto, através de seus presidentes, tivemos a oportunidade de constatar essa heterogeneidade, que se deu tanto pela multiplicidade de atores presentes naquele local quanto por suas ideias.

Vimos assim, que por mais de vinte anos os membros do Conselho Executivo da AHA tomaram a presidência como local de destaque a sujeitos influentes, com a finalidade de garantir benefícios e impulsionar a nascente profissão, o que ficou evidente ao notarmos que grande parte dos presidentes, durante o recorte temporal selecionado, não eram profissionais, mais sim amadores que possuíam outras ocupações (políticos, diplomatas, advogados, etc.) Esses homens possuíram ideias distintas sobre seu campo, demonstrando que, mesmo no momento em que a História

⁹⁸ TURNER, Frederick Jackson. O Significado da Fronteira na História Americana... op. cit.

disciplinada impunha com força seus dogmas, nenhum ponto foi de consenso: a objetividade, questão tão cara ao se reivindicar a cientificidade, foi colocada em questão quando pontuaram que seria impossível uma escrita livre das preocupações do historiador; a verdade, valor máximo do cientista, foi compreendida de maneiras diversas; a imaginação, tão negada pela História, foi tomada por alguns historiadores como essencial para dar vida às narrativas.

Há muitas décadas se fala em crise da História e sobre a incapacidade entre historiadores de concordar, minimamente, sobre os pilares de sua disciplina, teorias e metodologias mais adequadas e, principalmente, sobre a natureza de seu campo. O que busquei demonstrar através da análise dos discursos dos presidentes das primeiras gerações de profissionais é que esse consenso nunca existiu, sendo a História um eterno campo em disputa.

Considerações Finais

A história da história nos Estados Unidos: de 1884 a 1914

A Ciência é uma idosa bastante sabida e bastante neurótica, que desde o seu nascimento, nos idos tempos em que se acreditava que o mundo era uma tábua reta, tinha a presunção de que seria de sua caneta que sairiam as respostas para todas as coisas do mundo: as que não existiam mais, as já inventadas e as que um dia viriam a ser. Ela sonhava em ser generosa, e a todos do planeta explicar o funcionamento técnico do universo. Quando jovem, ainda tinha certo respeito pelos mais velhos e, por mais que tivesse o costume chato de desdizer tudo o que havia sido dito antes, não se atrevia a se meter em explicações mais profundas sobre o sentido da existência, desse modo, deixava que a Religião ou a Filosofia, mais antigas e mais poderosas, se encarregassem disso.

Mas, conforme foi ficando adulta, a Ciência perdeu completamente o respeito pelas outras duas velhas, principalmente pela senhora Religião, e achou que já estava mais do que na hora de aposentá-las e enviá-las a um asilo, tomando para si a tarefa de explicar, não somente o mundo material, mas a sociedade, os seres humanos e os desumanos também. Nessa época, já tinha por volta de trezentos anos, estava em seu pleno vigor físico; mais valorizada e estimada do que nunca; estava orgulhosa de suas criações, porque os ensinamentos que trouxera para o mundo haviam motivado muitos avanços técnicos. Mas agora era a hora de dar um grande passo, de dedicar os próximos anos de sua existência (que seriam longos, se-Deus-quiser-amém!) à escrita de “O Grande Livro da Humanidade: de suas origens ao século XIX” – esse título, disse a Ciência, seria provisório,

já que o recorte temporal permaneceria eternamente em aberto, uma vez que, com o passar dos anos, novos capítulos seriam adicionados.¹

Para o projeto de escrita de sua obra prima, gerou algumas filhas, imaginou, em sua gestação, que seriam eternamente amigas, que cada uma ficaria responsável por um aspecto da sociedade e que, ao final, dariam a sua mãe os resultados de todo o trabalho que haviam feito ao longo de suas vidas e, assim, permitiriam uma grande síntese no livro supracitado. Estas filhas, tão pequenas e tão amadas, se chamariam Ciência Política, Ciência Social, Economia, Geografia e História. Estas meninas fariam o trabalho que outros há séculos vinham fazendo, mas de uma maneira disciplinada, já que a mãe, Ciência, prezava muito pela ordem e pelo respeito às suas regras.² Às suas filhas deu como casa o grande palácio chamado Universidade. Enorme, suntuoso, imponente, com torres enormes construídas com marfim. Nesta casa, encontravam toda a estrutura necessária para que crescessem fortes e saudáveis: bibliotecas, salas onde ocorreriam seminários e empregados qualificadíssimos e disciplinados, chamados de “pesquisadores”.

A História – que é a filha que nos importa aqui – era, de todas, a mais instigante, a mais inteligente, a mais misteriosa e, sem sombra de dúvidas, a mais bonita.³ A ela coube a tarefa mais difícil, a de explicar as coisas que foram, mas já não são mais e as coisas que foram e que ainda continuam sendo.

Da História se tinha grandes expectativas: esperava-se que fosse sempre racional, que seguisse sempre as regras estabelecidas por sua mãe e

¹ Desde o século XVI, vinha se desenvolvendo no Ocidente um modelo de racionalidade da ciência moderna. Esse modelo chegou às ciências sociais no século XIX, tornando-se então um modelo de racionalidade global e totalitário, negando a racionalidade das outras formas de conhecimento. SANTOS, Boaventura de Souza. Um discurso sobre as Ciências na transição para uma ciência pós-moderna... op. cit. p.48

² Ao mesmo tempo em que a História se constituía em disciplina científica, dezenas de outras áreas de conhecimento também passavam por esse processo, num contexto mais amplo de surgimento da universidade moderna e constituição de disciplinas para explicar uma sociedade urbanizada e industrial em rápido desenvolvimento.

³ Vale lembrar que quem está contando a história da História é um ser humano com subjetividade, e que a adjetivação, quem sabe exagerada, parte de sua visão, esta movida por questões particulares que não possuem relevância para a narrativa.

que falasse sempre em seu nome, que só dissesse a verdade, que fosse imparcial e justa, que não permitisse subjetividade e que fosse uma senhora rígida com seus empregados – que chamava carinhosamente de historiadores. Somente assim, poderia alcançar o seu destino, o de responder como funciona a sociedade, o de trazer o sentido da existência, o de acalmar os corações humanos que, desde a aposentadoria da Religião e da Filosofia, vagavam pelo mundo sem saber muito bem qual direção tomar.

Nos Estados Unidos, em seus primeiros anos, a História reuniu seus historiadores decidida a transformá-los em verdadeiros profissionais, capazes de realizar com destreza sua nobre tarefa de escrever as histórias das pequenas coisas que depois seriam reunidas em “A História de Todas as Coisas”. Os empregados seriam treinados de maneira rigorosíssima dentro da própria Universidade, não seriam como os antigos amadores que aprendiam sozinhos, de qualquer jeito, em suas casas, sem ninguém supervisionando seu rigor, seu método, seus resultados.⁴ Eles aprenderiam a usar vestígios do passado e a criticá-los, além disso, aprenderiam métodos para analisar esses documentos, teriam acesso a bibliotecas com os melhores livros para amparar suas pesquisas, aprenderiam a maneira mais correta de narrar os resultados de suas investigações e, depois de alguns longos anos de treinamento, entregariam um longo texto chamado “tese”, com alguma contribuição original à construção do grande livro da História.⁵

Esse trabalho seria avaliado por empregados mais antigos, com mais experiência no ofício, que diriam se o aspirante a historiador estava pronto ou não para formar o seleto grupo que trabalharia definitivamente para a História. Se aprovado, seria chamado de “Doutor”. Os trabalhos desses

⁴ Os primeiros historiadores americanos foram clérigos puritanos, depois foram os aristocratas, com tempo e dinheiro suficiente para levar adiante pesquisas históricas, a mais cara atividade intelectual, HOFSTADTER, Richard. *Los historiadores Progresistas...* op.cit. p.26. A profissionalização possibilitou que os pesquisadores não fossem onerados com suas pesquisas, pois, além de constituir um emprego, tinham acesso aos materiais necessários pra as investigações, Hamerow, Theodore S. *The Professionalization of Historical Learning...* op. cit. p.321

⁵ Com a disciplinarização, surgiu a exigência de que os pesquisadores passassem pela educação formal em instituições universitárias e, com o passar dos anos, o título de “Doutor”, obtido através de pesquisa original, seria pré-requisito para se obter cargos nessas instituições.

pesquisadores seriam publicados em periódicos que seriam criados por eles mesmos para tornar suas pesquisas mais acessíveis aos colegas.⁶

Nos primeiros anos de sua empreitada, havia poucos historiadores doutores e por isso a História permitia que pessoas sem esse título trabalhassem para ela, desde que conhecessem os procedimentos por ela exigidos. Obviamente, sempre há exceções. Havia empregados amadores trabalhando para ela na Universidade, mas que, por serem velhos, estarem lá há muito tempo (desde antes de seu nascimento) e por serem pessoas queridas e adoradas pelos leigos, fazia vista grossa e deixava que mantivessem o cargo, pelo menos até ter profissionais suficientes.⁷

Dentre todos os empregados que formou nos Estados Unidos, no início de sua jornada, um em particular mereceu o carinho e consideração da História pelo tanto que ajudou na missão que havia recebido da mãe Ciência. Frederick Jackson Turner era seu nome. Além de possuir um talento único para a realização de sua tarefa de escrever a história de uma pequena coisa (que no caso foi a história do Oeste de seu país), Fritz, como era chamado carinhosamente, contribuiu muito na formação de outras dezenas de pesquisadores.

Turner era muito dedicado à Universidade, ao longo dos anos em que esteve na sede de Wisconsin, em Madison, trabalhou ativamente em nome de sua senhora no esforço de que ela tivesse mais espaço na casa da Ciência e que recebesse mais dinheiro para agregar mais pesquisadores, comprar mais livros e assim, conquistar melhores resultados em sua missão. Além disso, Turner ajudou a formar dezenas de outros pesquisadores e ensinou a eles os métodos científicos.

Fritz desenvolveu uma teoria que se pretendia explicativa do desenvolvimento de seu país, que havia ficado muito popular, a chamada *frontier thesis*, que logo alcançou prestígio em âmbito nacional. Em resumo, essa teoria afirmava que a chave explicativa para o desenvolvimento

⁶ A constituição da história em disciplina exigia que as pesquisas passassem pela validação dos pares, sendo importante os periódicos, para que as pesquisas fossem facilmente acessadas.

⁷ HOFSTADTER, Richard. *Los historiadores Progresistas...* op.cit. p.46

histórico dos Estados Unidos estava no Oeste, na conquista de terras livres, e não no Leste. O historiador era muito perspicaz, qualidade que a História admirava muito, e soube usar esse prestígio para conseguir as coisas que almejava, tanto condições melhores para a História na Universidade, quanto melhorias na sua condição como historiador, como aumentos em seu salário e uma licença para dar aulas em apenas um semestre do ano.⁸

Turner teve muitos alunos por quem, muitas vezes, desenvolveu uma relação de amizade. Ele usou de seu prestígio para auxiliá-los a conquistar boas posições profissionais através de cartas de recomendações a colegas que o admiravam. Além disso, não eram poucos os que o queriam trabalhando ao seu lado, fazendo com que Turner recebesse com frequência convites para deixar Wisconsin. Ao longo dos anos em que trabalhou para a História, Turner usou seu talento, perspicácia, carisma e influência para disseminar sua teoria sobre o desenvolvimento de seu país a outras instituições e pesquisadores, fazendo com que, no início do século XX, muitos dos pesquisadores da História utilizassem as lições aprendidas com Turner para realizarem seus trabalhos de pesquisa.

Assim, Turner ajudou sua senhora na grande tarefa que teve nos seus primeiros anos de existência, que era a de formar um contingente de profissionais, ensinando-os a trabalhar seguindo as regras da mãe Ciência. Mas, além disso, esteve presente no árduo caminho de conquistar mais espaço na Universidade, assim como mais recursos para as pesquisas. Nesses primeiros anos, a História permitiu que seus pesquisadores criassem uma associação, a American Historical Association, que reuniu os historiadores de todo o país: os já profissionais; os que ainda não eram, mas pretendiam ser; os que não eram, mas queriam ser; os que não eram e nunca viriam a ser; os que não eram e nem queriam ser e os que trabalhavam para suas irmãs e alguns políticos, porque ter por perto gente com

⁸ Turner é um personagem interessante do contexto de profissionalização e disciplinarização da História em seu país. Isso porque desenvolveu uma teoria explicativa do caráter americano utilizando os métodos estabelecidos na época que teve grande alcance entre seus pares. Além disso, o historiador utilizou suas relações pessoais, prestígio e carisma para conquistar uma melhor posição para a História em sua universidade, melhorar suas condições de emprego e disseminar sua teoria, sendo um agente ativo no processo de profissionalização.

influência é sempre bom. Essa associação tinha como objetivo juntar todas essas pessoas que queriam contribuir com a tarefa da História num espaço de diálogo, reflexões sobre suas pesquisas, de troca de materiais e de busca por mais espaço na casa da Ciência.⁹ Não é de se admirar que também aqui, por longos anos, atuou Frederick Jackson Turner.

Anos depois, olhando retrospectivamente, alguns pesquisadores, que tinham escolhido como tema de pesquisa a história da História, chamaram esse trabalho, que durou cerca de trinta anos, de profissionalização da História, por corresponder aos anos de esforços para a criação de um aparato institucional que formasse profissionais e possibilitasse as pesquisas. Mas trabalho diferente e muito mais árduo seria o de disciplinar seus historiadores, o de estabelecer as regras para seu trabalho, tarefa que ficou conhecida como “disciplinarização”.¹⁰

Como filha da Ciência, impunha regras bastante rígidas aos seus funcionários, principalmente ao longo dos primeiros anos em que tentou discipliná-los. Exigia deles o compromisso com a verdade; que escrevessem textos imparciais e objetivos; que analisassem com muito rigor as evidências; que pesquisassem somente temas relevantes da sociedade, como política e guerras; que ficassem o mais longe possível da retórica, narrando as coisas exatamente como aconteceram e que nunca esquecessem para quem trabalhavam: para a História, filha da Ciência, e não para a Literatura, filha da Arte!¹¹

⁹ Dezenas de associações científicas foram criadas nesse contexto de finais do século XIX. A AHA tinha como objetivo reunir os diversos trabalhadores do empreendimento histórico, num esforço conjunto de promover pesquisas sobre o passado. Com o passar dos anos, demonstra Townsend, a associação foi sendo cada vez mais dominada por historiadores profissionais, migrando os outros membros para outras associações, Townsend, Robert B. *History's Babel...* op. cit.

¹⁰ Um dos principais objetivos desta pesquisa era o de diferenciar esses dois processos que foram concomitantes nos Estados Unidos e que, por muitas vezes, são confundidos como sendo um só. Assim, a profissionalização diz respeito à criação das estruturas necessárias para que a disciplina possa ser exercida, ou seja: criação de espaço nas universidades, formação de profissionais a partir dos critérios estabelecidos pela própria disciplina, criação de associações e periódicos, constituindo espaços de diálogo entre os profissionais, de ajuda mútua e de acesso aos trabalhos dos pares. Já a disciplinarização é o processo que faz com que toda essa estrutura seja necessária. Ela diz respeito à constituição de identidade de uma área do conhecimento, estabelecendo suas regras, quais são seus objetos, o que é permitido e principalmente, o que não é, em seus procedimentos, demandando uma estrutura onde as pesquisas sejam viabilizadas e onde seus membros sejam treinados, a partir de seus parâmetros estabelecidos.

¹¹ Hayden White fala que a constituição de uma disciplina ocorre através do estabelecimento de regras, onde o que pode e o que não pode é definido. No caso da História, foi central a “desretorização” para afastá-la de vez da literatura, WHITE, Hayden. *La Política de la Interpretación Histórica...* op. Cit.

Pobre da História, tão jovem e já tão cheia de responsabilidades! Vivia eternamente angustiada por responder às altas expectativas de sua mãe e, assim, ainda muito jovem, começou a ter sérias crises existenciais (que, diga-se de passagem, duram até hoje!).

Por mais que a História exigisse de seus historiadores que respeitassem a disciplina que haviam aprendido em sua formação profissional, a própria não tinha muita convicção das suas regras. Sabia que queria a verdade para colocar em seu livro, mas, afinal, o que é a verdade? Queria que as pesquisas de seus historiadores fossem objetivas, que narrassem os eventos tais como ocorreram. Mas seria isso possível? Será que um pedacinho do pesquisador não ficava grudado no texto? Se dois de seus funcionários pegassem o mesmo tema, com as mesmas evidências e os mesmo livros de apoio, tinha certeza de que, mesmo assim, sairiam trabalhos diferentes. Mas por que se deveria narrar as coisas “tais como ocorreram”? Seria essa a presença da subjetividade, esses olhares que se direcionam para a mesma coisa e que enxergam coisas diferentes? E como escrever? Sua mãe havia lhe ensinado que uma filha da Ciência não escreve como se fosse filha da Literatura, que a criatividade está ligada à ficção, à mentira, e que cria sua só fala a verdade. Então teriam os textos de ser sem imaginação? Seria isso possível? Teriam os textos de ser sem retórica? Mas como convencer? Sua mãe dizia que não há nada mais convincente do que a verdade, o que encerrava a questão.

Mas a pergunta que mais lhe tirava o sono, que martelava dia e noite em sua cabeça era “por que estou fazendo tudo isso?”. Sua mãe dizia que logo encontraria as leis que regem a humanidade e que, quando isso acontecesse, ao universo seria atribuído sentido, que haveria consenso, que todos no mundo acreditariam na mesma coisa, como na época em que a Religião era vigorosa e tinha um livro definitivo. Nessa época, quando alguém queria saber a verdade, era só pegar o livro; até existia discordância, mas mesmo assim, é mais fácil concordar quando se tem só um livro.

Só que essas questões que ecoaram continuamente eram o menor de seus problemas, o problema mesmo eram seus pesquisadores que, como

se conseguissem sentir o cheiro da dúvida, começaram a questionar essas coisas também, alguns indo até mais longe do que a História havia ido em suas inquietações. E se ela não fosse filha da Ciência, mas sim da Literatura?

Quando lhe sugeriram isso ficou perplexa por um tempo, mas depois percebeu que fazia sentido. Antes de nascer História, alguém contava as coisas do passado, e esse alguém certamente fazia isso sem um pinga de disciplina, com um monte de floreios e artifícios de convencimento, um alguém assim só poderia ser filho da Literatura, neto da Arte. Mas e se ela, História, tivesse sido parida da Literatura e adotada pela Ciência?

Seus historiadores angustiavam-se com as dúvidas tanto quanto sua senhora, muito pelo amor que lhe tinham, mas mais ainda por viverem das pesquisas e temerem por seus empregos. Se ela, afinal, não fosse filha legítima da Ciência, poderiam permanecer vivendo como viviam na Universidade? Ou teriam de mudar-se para o quarto da Literatura? Ou pior, pegar suas trouxas e retornar às suas bibliotecas particulares? Assim, desde os primeiros dias de trabalho disciplinado, que coincidiram com os primeiros surtos de questionamento, tomaram para si a tarefa de buscar respostas sobre o que fazer e como fazer, para dar sentido à vida de sua tão amada História.

Esses profissionais e todos os frequentadores da associação histórica, citados anteriormente, reuniam-se todo o ano para falar de suas pesquisas e criticá-las mutuamente. Nesses encontros, ficava evidente que, por mais que servissem à mesma senhora, eram extremamente diferentes entre si. A começar pelas profissões: nos primeiros anos da associação, a maioria não era profissional. Os que eram, haviam sido treinados na casa da Ciência, mas tiveram como professores pessoas muito diferentes, tendo aprendido coisas diferentes uns com os outros. Além disso, haviam lido coisas diferentes, vivido situações diferentes e, mesmo que tivessem vivido o mesmo, teriam tirado lições diferentes de suas vivências. Ou seja, eram indivíduos singulares e, por mais que fossem todos muito bem intencionados, não poderiam pensar da mesma maneira.

Sabiam de cor e salteado as regras da disciplina, mas será que compreendiam dela a mesma coisa? Se olharmos para o que diziam os primeiros presidentes da AHA, veremos que não.

Cada um estudava um pedacinho do passado e, ao falar sobre sua pesquisa aos colegas, tentava convencer de que o ponto de vista certo para compreender melhor o passado (não apenas o seu pedacinho, mas tudo o que já foi) era usando o mesmo olhar que estava usando em seu trabalho. Ou seja, cada um queria mostrar aos outros o quanto a pesquisa que fazia seria mais importante quando a História recolhesse o que haviam feito para reunir em seu grande livro.¹² Esses historiadores, muitas vezes, argumentavam que, antes deles, muitos já haviam escrito sobre as instituições políticas e sobre os conflitos militares, que era chegada a hora de outros aspectos da sociedade e outros sujeitos, até então negligenciados pela História, ganharem algumas páginas.¹³

A questão de quem seria a verdadeira mãe da História dificilmente era lançada abertamente por conta do respeito que os súditos tinham pela mãe de sua senhora, mas esta era sempre uma nuvem cinza pairando no ar. Às vezes, timidamente, fala-se sobre nas entrelinhas, mas outras, bastante raras, algum corajoso (ou sem noção) falava em alto e em bom som e fazia com que dezenas de cabeças balançassem de um lado para o outro em nítida desaprovação. Um caso desses foi o de Adams, não o que foi presidente em 1880, nem o de 1901, muito menos o de 1909. Aquele Adams de 1894, o Henry, que falou que a História não conseguia ser filha da Ciência porque não conseguia mostrar as leis que regem a humanidade, mas que, no fim, isso era até bom, porque se fosse *mesmo* filha da Ciência, abalaria a Igreja,

¹² Aqui me refiro aos discursos que são quase que manifestos a um campo de estudos, como o de Angell, McMaster e Jameson, em que o primeiro fez um chamado à importância da história diplomática e os últimos argumentaram que a história religiosa constitui um rico ponto de partida para a compreensão da sociedade americana por permitirem uma visão mais ampla de vários campos e de grupos sociais, JAMES, Burrill Angell. *The Inadequate Recognition of Diplomats by Historians...* op. cit.; JAMESON, John Franklin. *The American Acta Sanctorum...* op. cit.; MCMMASTER, John Bach. *Old Standards of Public Morals...* op. cit.

¹³ A questão de uma saída da história política e militar para que outros aspectos da sociedade e outros sujeitos, além dos “grandes homens”, foi uma preocupação do movimento intelectual da Nova História no início do século XX, onde buscavam responder às críticas dos leigos e dos cientistas sociais sobre o isolamento da história, HIGHAM, John. *History...* op. cit.

o Estado e o Capital, porque mostraria que suas verdades não são verdades coisíssima nenhuma.¹⁴ Assim como Adams, Smith – esse, até onde se sabe, único, pelo menos até 1914 –, falou que a História só poderia ser filha da Filosofia, porque tenta compreender coisas que não são fixas, o que impede que leis sejam formuladas.¹⁵

Roosevelt (um sujeito que gostava muito de ser presidente, havia sido presidente dos Estados Unidos e, quando seu mandato acabou, sentindo saudades do cargo, virou presidente da associação de historiadores) era amante fervoroso da História e buscou ajudá-la a compreender sua identidade de maneira conciliatória, afirmando que era *sim* filha da Ciência, mas também da Literatura, e que só teria a ganhar abraçando esses dois aspectos formadores de sua identidade, tornando-se mais forte e respondendo aos anseios dos que buscavam a verdade e dos que buscavam a arte.¹⁶

Todos os funcionários da História respeitavam cegamente a principal regra imposta pela mãe Ciência: o compromisso incondicional com a verdade. Mas o que seria a verdade? Para o historiador Mahan, a verdade é a ordenação dos eventos relevantes do passado, demonstrando o trabalho do “arquiteto divino”. Por mais bem intencionado que Mahan fosse a História sempre o olhava com desconfiança e considerava que este estava no emprego errado.¹⁷ Mas visão muito diferente possuía Dunning, para quem a verdade dos fatos, “tais como aconteceram” não era tão importante quanto o que as pessoas do passado acreditavam ser verdade sobre eles. Assim, por mais contraditório que pareça, a verdade do passado reside na mentira que os antigos acreditavam ser verdade.¹⁸ Outros, por mais que jurassem que morreriam pela verdade, achavam que o mais importante é não falar mal

¹⁴ ADAMS, Henry. The Tendency of History... op. cit.

¹⁵ SMITH, Goldwin. The Treatment of History... op. cit.

¹⁶ O discurso de Roosevelt está também inserido nas reflexões da Nova História e é uma tentativa de resposta aos leigos que criticavam o afastamento da História ao público geral por conta de sua linguagem dura, cientificizada. Como vimos no Capítulo 3, há uma percepção de separação entre investigação e apresentação, onde uma é ciência e a outra pode ser literatura, HIGHAM, John. History... op. cit

¹⁷ MAHAN, Alfred Thayer. Subordination in Historical Treatment... op. cit.

¹⁸ DUNNING, William A. Truth in History... op. cit.

dos heróis nacionais porque a grande responsabilidade da História é servir ao seu país, fazendo com que as pessoas sintam orgulho dele.¹⁹

Por mais que uma das regras fosse a da objetividade, ao longo dos anos, principalmente por estarem preocupados com questões sociais de seu contexto, alguns historiadores começaram a argumentar que o olhar do investigador é movido conforme as questões de seu presente, sendo direcionado pela sua subjetividade. Eles não negavam a objetividade, tão cara à Ciência, mas ela estava nos eventos, não estando ausente a subjetividade do historiador.²⁰

A História via com angústia as tentativas de seus pesquisadores de encontrar respostas que acalmassem suas crises. Isso porque essas tentativas levantavam ainda mais questões e demonstravam, mesmo em seus primeiros anos que eram para ser de otimismo extremo, que não havia conseguido repostas definitivas para nada. Assim, ao invés de a grande casa da Ciência ser um reino de harmonia, era um campo de batalha para seus diversos súditos, cada um tentando convencer sua senhora sobre qual seria o caminho a tomar.²¹

Depois de trabalhar arduamente, durante tantos anos, para sua mãe, a História sabe que, ao longo desse caminho, descobriu muito sobre o passado. Desenvolveu teorias e métodos, encontrou mais documentos, formulou novas perguntas e achou diversas respostas. Ela tem plena certeza de que hoje, mais do que nunca, sabe mais sobre o que já aconteceu do que em qualquer outro momento, desde seu nascimento ou, até

¹⁹ HOAR, George F. *Popular Discontent with Representative Government...* op. cit. e LEA, Henry Charles. *Ethical Values in History...* op. cit.

²⁰ Esse olhar para o passado a partir das preocupações do presente ficou conhecido como presentismo, que representou uma resposta à crítica do isolamento da História com relação aos problemas da atualidade. Como mencionado, não havia uma negação da objetividade dos fatos, mas sim a consideração de que o pesquisador está situado em um lugar e que é movido pelas suas preocupações.

²¹ A análise dos discursos dos presidentes da AHA demonstraram que, por mais que houvesse correntes teóricas dominantes nos primeiros anos da disciplina, em nenhum momento houve um consenso sobre como deveria ser o conhecimento histórico. Considero que isso seja resultado da heterogeneidade existente entre seus membros: vindos de profissões diferentes, instituições diferentes, sendo pesquisadores de campos diferentes, e com diferentes visões e expectativas sobre o mundo, não seria de se esperar que concebessem a história de uma forma homogênea.

mesmo, antes dele, mas diariamente pergunta-se se, com tudo isso, conseguiu compreender melhor o mundo.²²

Porém, hoje, a História sabe que não está sozinha. Com os horrores que aconteceram no século XX, possibilitados pelos conhecimentos revelados pela Ciência, a promessa de contínua melhoria do mundo foi descumprida e demonstrou que, ao contrário do que a mãe da História vinha afirmando categoricamente, o mundo não anda linearmente em direção ao progresso.

A Ciência e suas filhas falharam ao tentar explicar o sentido da existência e ao escrever o livro definitivo, tal qual a Religião possuía. Todos os dias a História se pergunta se a falha não foi dela; se, ao questionar tanto sua identidade, não deu muita liberdade aos seus pesquisadores e permitiu que estes opinassem demais em suas regras, criando, assim, um exército de sujeitos bem intencionados, mas incapazes de concordar minimamente entre si e que, ao invés de criar a grande narrativa sobre o passado do mundo, criaram pequenas narrativas discordantes, o que impossibilitou uma visão consensual sobre o mundo, como era na época do reinado da Religião e criou infinitas cosmovisões excludentes entre si.

Quando pensa nisso, a História pergunta-se se já não é chegada a hora de apartar-se da Ciência – já que nunca conseguiu fazer com que seus historiadores seguissem realmente suas regras –, e deixar que reine a indisciplinada, já que ela nunca foi muito disciplinada mesmo. Isso não quer dizer que deixaria de lado tudo o que aprendeu com a mãe que a criou, mas sim que seria bom aproximar-se da Literatura. Ao pensar nisso, a História percebe o tamanho da bobagem que está considerando, pois, com seu talento em olhar retrospectivamente, percebe que a Literatura (sendo sua verdadeira mãe ou não), sempre esteve lá, constituindo o seu ser, e que sua tarefa não é a de aproximação, mas sim a de reconhecimento e acolhida deste traço, estando, quem sabe aí, o caminho para trazer algum conforto às almas que vagam desamparadas pelo mundo.

²² Essa é a questão tão instigante das reflexões de Max Weber sobre a modernidade. Com o desencantamento do mundo houve, de fato, um *maior* conhecimento sobre as coisas, mas seria esse um *melhor* conhecimento? Ele sugere que não, uma vez que a ciência não consegue explicar o sentido da existência, WEBER, Max. A ciência como vocação... op. cit.

Referências

- AVILA, Arthur Lima. História e Destino: a *frontier thesis* de Frederick Jackson Turner. Brasília: *Revista Cena Internacional*, v.7, 2005.
- AVILA, Arthur Lima. *E da Fronteira veio um Pioneiro: a frontier thesis de Frederick Jackson Turner (1861-1932)*. Porto Alegre: UFRGS (Dissertação de Mestrado em História), 2006.
- AVILA, Arthur Lima de. (Re)Politizando a teoria da história em tempos de exceção: Hayden White e a crítica do presente. *ArtCultura Revista de História, Cultura e Arte Uberlândia*, v. 20, p. 21-35, 2018.
- AVILA, Arthur Lima de. Indisciplinando a historiografia: do passado histórico ao passado prático, da crise à crítica. *REVISTA MARACANAN*, v. o, p. 35-49, 2018.
- AVILA, Arthur Lima de. *O fim da história e o fardo da temporalidade*. Porto Alegre: mimeo, 2017
- AVILA, Arthur Lima de. O que significa indisciplinar a história? In.: *A História (in)Disciplinada*. (Org. AVILA, Arthur Lima de; NICOLAZZI, Fernando & TURIN, Rodrigo). Vitória, Editora Milfontes, 2019
- BARROSO, Antonio Vinícius Lomeu Teixeira. *A virada linguística e o contextualismo linguístico: contribuições teóricas para se pensar a história intelectual*. Revista de Teoria da História, Ano 7, Volume 14, Número 2, Novembro/2015
- BOGUE, Allan G. *Frederick Jackson Turner – Strange Roads Going Down*. Norman: University of Oklahoma Press, 1998
- BILLINGTON, Ray Allen. *Frederick Jackson Turner: Historian, Scholar, Teacher*. New York: Oxford University Press, 1973
- BILLINGTON, Ray Allen. Tempest in Clio's Teapot: The American Historical Association Rebellion of 1915. *American Historical Review*, Vol. 78, No. 2 (Apr., 1973), pp. 348-369. <https://www.jstor.org/stable/1861172> Acesso em: 13/09/2018

- CARPENTER, Ronald. *The Eloquence of Frederick Jackson Turner*. San Marino, The Huntington Library, 1983. p.3
- Coleman, William. Science and Symbol in the Turner Frontier Hypothesis. *The American Historical Review*, Vol. 72, No. 1 (Oct., 1966), pp. 22-49. <http://www.jstor.org/stable/1848169>, Acesso em 22de maio de 2017
- CRONON, William. Revisiting the Vanishing Frontier: The Legacy of Frederick Jackson Turner. *The Western Historical Quarterly*, Vol. 18, No.2 (Apr., 1987)
- DECCA, Edgar & DECCA, Mauro. Carl Becker. In: *Lições de História: Da história científica e crítica da razão metódica no limiar do século XX* (org MALERBA, Jurandir). Porto Alegre, ediPUCRS, 2013
- DE CERTEAU, Michel. A Operação Historiográfica. In.: *A Escrita da História*. Rio de Janeiro, Editora Forense Universitária, 2010. pp.65-119
- GALLO, Livia Amarante. *Fronteira entre o passado, o presente e o futuro: democracia e espaço na tese de Frederick Jackson Turner (1893-1932)*. Porto Alegre: UFRGS (Trabalho de Conclusão de Curso em História), 2016.
- GONÇALVES, Sérgio Campos. Charles Beard. In: *Lições de História: Da história científica e crítica da razão metódica no limiar do século XX* (org MALERBA, Jurandir). Porto Alegre, ediPUCRS, 2013
- GOULD, Stephen Jay. *Ever Since Darwin*. Toronto: Penguin Books, 1991
- Hamerow, Theodore S. The Professionalization of Historical Learning. *Reviews in American History*, Vol. 14, No. 3 (Sep., 1986), pp. 319-333, Disponível em <http://www.jstor.org/stable/2702604>, acesso em 13 de maio de 2018
- HARTOG, François. *Regimes de historicidade – presentismo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015
- HIGHAM, John. *History: Professional Scholarship in America*. Baltimore, The Johns Hopkins University Press, 1983

HOFSTADTER, Richard. *Los historiadores Progresistas*. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1970.

HOFSTADTER, Richard. *Social Darwinism in American Thought*. Philadelphia: University of Philadelphia Press, 1955

HOFSTADTER, Richard & METZGER, Walter P. *The Development of Academic Freedom in the United States*. New York: Columbia University Press, 1955

KOSELLECK, Reinhart. O futuro passado dos tempos modernos. In. *Futuro Passado: Contribuições à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2006

KNAUSS, Paulo. *Oeste Americano – Quatro ensaios de história dos Estados Unidos da América de Frederick Jackson Turner*. Niterói: EdUFF, 2004.

JACOBS, Wilbur R. *Frederick Jackson Turner –With Selection from His Correspondence*. New Haven: Yale Press, 1968

JAMESON, John Franklin. The American Historical Review, 1895-1920. In.: *The American Historical Review*, Vol. 26, No. 1 (Oct., 1920), pp. 1-17. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/1835134>, acesso em: 13/01/2019

LIPSET, Seymour Martin. *American Exceptionalism: A Double-Edged Sword*. New York: Norton & Company, 1997

LINK, Arthur S. The American Historical Association, 1884-1984: Retrospect and Prospect. *The American Historical Review*, Vol. 90, No. 1 (Feb. 1985), pp. 1-17 Published by: Oxford University Press. <https://www.jstor.org/stable/1860746> Acesso em: 13-09-2018

LORENZ, Chris. Can Histories be True? Narrativism, Positivism, and the "Metaphorical Turn". In. *History and Theory*, Vol. 37, No. 3 (Oct., 1998), pp. 309-329

MALERBA, Jurandir (org.) *Lições de História: Da história científica e crítica da razão metódica no limiar do século XX*. Porto Alegre, ediPUCRS, 2013

MALERBA, Jurandir. James Harvey Robinson. In: *Lições de História: Da história científica e crítica da razão metódica no limiar do século XX* (org MALERBA, Jurandir). Porto Alegre, ediPUCRS, 2013

- MIGUEL, Aitor Bolaños de. Experimentos historiográficos postmodernos (3): diálogos entre la novela y la historia. Ouro Preto: *Revista História e Historiografia*. n. 16, dezembro de 2014. p. 217 - 238
- MOURA, Gerson. *História de uma História*. São Paulo, Edusp, 1995
- MUDROVIC, Maria Inés. La Nación, el Tiempo Histórico y la Modernidad: la historia como síntoma. Buenos Aires: *Revista de la Facultad de Filosofía, Ciencias de la Educación y Humanidades*, 2012. p. 25 - 38
- MUDROVIC, Maria Inés. Regímenes de historicidad y regímenes historiográficos: del pasado histórico al pasado presente. Zaragoza: *Historiografías*, 5 (Enero-Junio, 2013): pp.11-31.
- NOBLE, David. *Historians Against History*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1965.
- NOVICK, Peter. *That Noble Dream - The "Objectivity Question" and the American Historical Profession*. Cambridge: University Press, 2005
- PETERSEN, Silvia Regina Ferraz & LOVATO, Bárbara Hartung. *Introdução ao estudo da História: temas e textos*. Porto Alegre, Editora UFRGS, 2013
- ROBINSON, James Harvey. The New History. In.: Proceedings of the American Philosophical Society, Vol. 50, No. 199 (May - Aug.,1911), pp. 179-190 Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/984033> acesso em: 04/09/2018
- SANTOS, Boaventura de Souza. Um discurso sobre as Ciências na transição para uma ciência pós-moderna. In.: *Estudos Avançados*, vol.2 no.2 São Paulo May/Aug. 1988. pp. 46-71
- SCHLUCHTER, Wolfgang. O desencantamento do mundo: a visão da modernidade em Max Weber. In.: *O desencantamento do mundo - seis ensaios sobre Max Weber*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2014
- SORENSEN, Loyed R. Historical Currents in America. In.: *American Quarterly*, Vol. 7, No. 3 (Autumn, 1955), pp. 234-246. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2710616> acesso em: 04/09/2018

SOUZA, Melissa de Mello. *Brasil e Estados Unidos: a nação imaginada nas obras de Oliveira Lima e Jackson Turner*. Rio de Janeiro: PUC-RIO (Dissertação de Mestrado em 2003. Disponível em: http://www.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0015995_03_pretextual.pdf. Acesso em: 22 de abril de 2018

SMITH, Henry Nash. The Frontier Hypothesis and the Myth of the West. Baltimore: *American Quarterly*. Vol. 2, No. 1 (Spring, 1950), pp. 3-11. <http://www.jstor.org/stable/2710571>. Acesso em 22/05/2017

TASSEL, David D. Van. From Learned Society to Professional Organization: The American Historical Association, 1884-1900. *The American Historical Review*, Vol. 89, No. 4 (Oct., 1984), pp. 929-956

Townsend, Robert B. *History's Babel: Scholarship, Professionalization, and the Historical Enterprise in the United States, 1880-1940*. Chicago: The University of Chicago Press, 2013

TURNER, Frederick Jackson. O significado da História. (Tradução: Arthur Lima de Avila.) In. AVILA, Arthur Lima de. *E da Fronteira veio um Pioneiro: a frontier thesis de Frederick Jackson Turner (1861-1932)*. Porto Alegre: UFRGS (Dissertação de Mestrado em História), 2006.

TURNER, Frederick Jackson. O Significado da Fronteira na História Americana. In: KNAUSS, Paulo. *Oeste Americano – Quatro ensaios de história dos Estados Unidos da América de Frederick Jackson Turner*. Niterói: EdUFF, 2004.

WEBER, Max. A ciência como vocação. In.: *Três Tipos de Poder e outros escritos*. Lisboa: Tribuna da História, 2005. Disponível em: http://www.lusosofia.net/textos/weber_a_ciencia_como_vocacao.pdf, acesso em: 13/08/2018

WHITE, Hayden. La Política de la Interpretación Historica. In: *El Contenido de la Forma: Narrativa, discurso y representación histórica*. Barcelona, Editorial Paidós, 1992

WHITE, Hayden. O Fardo da História. In: *Trópicos do Discurso*. São Paulo, EdUSP, 1994. p.39-63

WHITE, Hayden. O texto histórico como artefato literário. In: *Trópicos do Discurso*. São Paulo: Edusp, 1994. p.97 - 116

WHITE, Hayden. Introduction: Historical Fiction, Fictional History, and Historical Reality. In: *Rethinking History*. Vol. 9, No. 2/3, June/September 2005, pp. 147 – 157

WHITE, Hayden. *Pasado Practico*. 2013. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/164508558/WHITE-PASADO-PRACTICO>, Acesso em 22/11/2017

Fontes utilizadas

ADAMS, Charles Francis. An Undeveloped Function. Annual Report of the American Historical Association, 1901, vol. I, pp.47-93. Disponível em: <https://archive.org/details/in.ernet.dli.2015.156113/page/n55> acesso em: 20/09/2018

ADAMS, Charles Kendall. Recent Historical Work in the Colleges and Universities of Europe and America. In *Papers of the American Historical Association*, vol. IV, no. 1 (1890), 19-42 Disponível em: <https://archive.org/details/in.ernet.dli.2015.156214/page/n9> acesso em: 20/09/2018

ADAMS, George Burton. History and the Philosophy of History. In.: *The American Historical Review*, Vol. 14, No. 2 (Jan., 1909), pp. 221-236. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/pdf/1832655.pdf?refreqid=se-arch%3A8eef5da40caff84e831eda759fc5be28> acesso em: 20/09/2018

ADAMS, Henry. The Tendency of History. In. *Annual Report of the American Historical Association*, 1894, 17-23. Disponível em: <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=mdp.39015032043278;view=1up;seq=9> Acesso em: 20/09/2018

BALDWIN, Simeon E. Religion Still the Key to History. 1906. Disponível em: <https://www.historians.org/about-aha-and-membership/aha-history-and-archives/presidential-addresses/simeon-e-baldwin> acesso em: 20/09/2018

BANCROFT, George. On Self-Government. In. *Papers of the American Historical Association* 2, no. 1 (1887), 7-13. Disponível em: <https://archive.org/details/ahistorydoctrinoowhitgoog/page/n10> acesso em: 20/09/2018

DUNNING, William A. Truth in History. In.: *The American Historical Review*, Vol. 19, No. 2 (Jan., 1914), pp. 217-229. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/pdf/1862284.pdf?refreqid=search%3Af31bae7e339d31f6d0dc2fccae86f63e> acesso em: 20/09/2018

EGGLESTONE, Edward. The New History. 1900 Disponível em: <https://www.historians.org/about-aha-and-membership/aha-history-and-archives/presidential-addresses/edward-eggleston> acesso em: 20/09/2018

FISHER, George Park. The Function of the Historian as a Judge of Historic Persons. In. *Annual Report of the American Historical Association, 1898*, pp.15-33. Disponível em: <https://archive.org/stream/annualreportoftho2722ombp#page/n8/mode/2up>
Acesso em: 20/09/2018

HART, Albert Bushnell. Imagination in History. In.: *The American Historical Review*, Vol. 15, No. 2 (Jan., 1910), pp. 227-251 Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/pdf/1838332.pdf?refreqid=search%3A3900dbb1debc5cc949e24afob47e6da4>
acesso em: 20/09/2018

HOAR, George F. Popular Discontent with Representative Government. In. *Annual Report of the American Historical Association, 1895*, 21-43. Disponível em: <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=mdp.39015028745860;view=1up;seq=17> acesso: 20/09/2018

JAMES, Burrill Angell. The Inadequate Recognition of Diplomats by Historians. In. *Annual Report of the American Historical Association, 1893*, 15-24. Disponível em: <https://archive.org/details/1893annualreportooameruoft/page/n5> Acesso em: 20/09/2018

JAMESON, John Franklin. The American Acta Sanctorum. In. *The American Historical Review*, Vol. 13, No. 2 (Jan., 1908), pp. 286-302. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/pdf/1832616.pdf?refreqid=search%3A82c80697118930c43cd4e691d7f1f4fe> acesso em: 20/09/2018

JAY, John. The Demand for Education in American History. 1890 disponível em: <https://www.historians.org/about-aha-and-membership/aha-history-and-archives/presidential-addresses/john-jay> acesso em: 20/09/2018

LEA, Henry Charles. Ethical Values in History. 1903. Disponível em: <https://www.historians.org/about-aha-and-membership/aha-history-and-archives/presidential-addresses/henry-charles-lea> acesso em 20/09/2018

- MAHAN, Alfred Thayer. Subordination in Historical Treatment. 1902. Disponível em <https://www.historians.org/about-aha-and-membership/aha-history-and-archives/presidential-addresses/alfred-thayer-mahan>, acesso em 20/09/2018
- MCLAUGHLIN, Andrew C. American History and American Democracy. In.: *The American Historical Review*, Vol. 20, No. 2 (Jan., 1915), pp. 255-276. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/pdf/1835467.pdf?refreqid=search%3Af873e8e01c693c950ef232e766c47893> Acesso em: 20/09/2018
- MCMMASTER, John Bach. Old Standards of Public Morals. In. *Annual Report of the American Historical Association*, 1905. Pp.57-70 Disponível em: https://archive.org/details/annualreportofamer12amer_o/page/n21 acesso em: 20/09/2018
- POOLE, William F. *The Early Northwest*. New York, The Kineckerbocker Press, 1889. <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=loc.ark:/13960/t4mk6n22b;view=1up;seq=6> Acesso: 20/09/2018
- RHODES, James Ford. History. In. *annual Report of the American Historical Association*, 1899, pp.45-63. Disponível em: <https://archive.org/details/in.ernet.dli.2015.178825/page/n4> acesso em: 20/09/2018
- ROOSEVELT, Theodore. History as Literature. In.: *The American Historical Review*, Vol. 18, No. 3 (Apr., 1913), pp. 473-489 Disponível em: <https://www.jstor.org/tc/verify?origin=%2Fstable%2Fpdf%2F10.2307%2F1835502.pdf%3Frefreqid%3Dsearch%253Abc3f217f3a61f753a58d393c04bb35f7> Acesso em: 20/09/2018
- SCHOULER, James. A New Federal Convention. **1897. Disponível em:** <https://www.historians.org/about-aha-and-membership/aha-history-and-archives/presidential-addresses/james-schouler>, acesso em: 20/09/2018
- SMITH, Goldwin. The Treatment of History. In. *The American Historical Review*, Vol. 10, No. 3 (Apr., 1905), pp. 511-520. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/pdf/1832277.pdf?refreqid=search%3A3d8ec355ec30bd98c3520284ea5577c2> , acesso em: 20/09/2018
- STORRS, Richard S. Contributions Made to Our National Development by Plain Men. In. *Annual Report of the American Historical Association*, 1896, pp.37-63. Disponível em: https://archive.org/details/annualreportofamer12amer_3/page/n6 acesso em: 20/09/2018

TURNER, Frederick Jackson. Social Forces in American History. In.: *The American Historical Review*, Vol. 16, No. 2 (Jan., 1911), pp. 217-233 Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/pdf/1862991.pdf?refreqid=search%3Ad8665622d1e228441a15cc153c17a415> acesso em: 20/09/2018

WHITE, Andrew Dickson. On Studies in General History and the History of Civilization. In. *Papers of the American Historical Association*, vol. I (1886), 49-72. Disponível em: <https://archive.org/details/cu31924088428481/page/n10> acesso em: 20/09/2018

WHITE, Andrew Dickson. The Influence of American Ideas upon the French Revolution. In. *Papers of the American Historical Association*, vol. I (1886), 210-214. Disponível em: <https://archive.org/details/cu31924088428481/page/n10> acesso em: 20/09/2018

WILLIAM, Wirt Henry. The Causes Which Produced the Virginia of the Revolutionary Period. 1891. Disponível em: <https://www.historians.org/about-aha-and-membership/aha-history-and-archives/presidential-addresses/william-wirt-henry>, acesso em: 20/09/2018

WINSOR, Justin. Manuscript Sources of American History: The Conspicuous Collections Extant. 1888. Disponível em: <https://www.historians.org/about-aha-and-membership/aha-history-and-archives/presidential-addresses/justin-winsor>. Acesso: 20/09/2018

A Editora Fi é especializada na editoração, publicação e divulgação de pesquisa acadêmica/científica das humanidades, sob acesso aberto, produzida em parceria das mais diversas instituições de ensino superior no Brasil. Conheça nosso catálogo e siga as páginas oficiais nas principais redes sociais para acompanhar novos lançamentos e eventos.



www.editorafi.org
contato@editorafi.org